

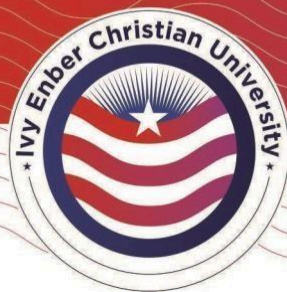
IVY ENBER CHRISTIAN UNIVERSITY

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

JEAN CLEYTON ALBANO

**A ARTETERAPIA E SEUS DESDOBRAMENTOS LÚDICOS
E INCLUSIVOS NA EDUCAÇÃO**

**Criciúma-SC
2023**

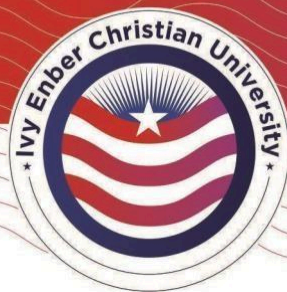


JEAN CLEYTON ALBANO

A ARTETERAPIA E SEUS DESDOBRAMENTOS LÚDICOS E INCLUSIVOS NA EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção da nota na disciplina Metodologia Científica, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Ivy Enber Christian University.

Orientadora Prof. Dra. Danielle Ventura



CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SEÇÃO DE CATALOGAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO – ENBER

A326a Albano, Jean Cleyton.
A arteterapia e seus desdobramentos lúdicos e inclusivos na educação. [recurso eletrônico] / Jean Cleyton Albano. – Dados eletrônicos. – Criciúma-SC: 2023.

99 f.: il.

Orientação: Danielle Ventura de Lima Pinheiro.

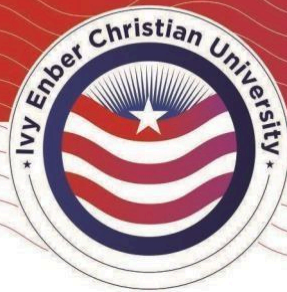
Dissertação (Mestrado) - ENBER/PPGCE.

1. Arteterapia. 2. Educação. 3. Ludicidade.
I. Pinheiro, Danielle Ventura de Lima. II. Título.

ENBER/BC

CDU 37: 615.851

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Beatriz E. Maia, CRB 15/980



JEAN CLEYTON ALBANO

A ARTETERAPIA E SEUS DESDOBRAMENTOS LÚDICOS E INCLUSIVOS NA EDUCAÇÃO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Ivy Enber Christian University.

Orientadora Prof. Dra. Danielle Ventura

Aprovado em: 06/12/2023

BANCA EXAMINADORA

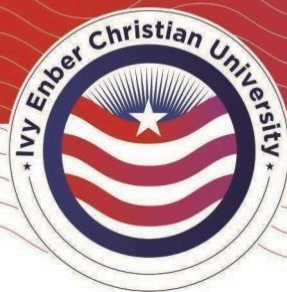
Prof. Dra. Danielle Ventura de Lima Pinheiro (PPGCE/ENBER)

Prof. Dra. Sawana Araújo Lopes de Souza (PPGCE/ENBER)

Prof. Dra. Raissa Regina Silva Coutinho



Dedico a Deus e à minha família.



AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus por me proporcionar essa experiência gratificante.

À minha família, em especial à minha esposa e filhos, que por todo esse tempo mantiveram a paciência e a resiliência nos momentos mais turbulentos, e agora juntos, podemos desfrutar desse sonho tão almejado por todos nós.

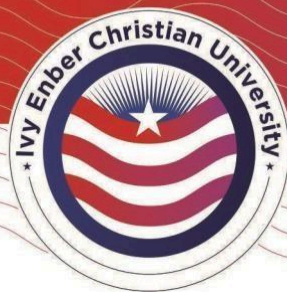
Agradecimento especial à Prof^a. Dra. Danielle Ventura de Lima Pinheiro pela prestatividade e suporte na jornada de escrita deste trabalho; extensão dos agradecimentos às demais componentes da banca examinadora - Prof. Dra. Sawana Araújo Lopes de Souza e Profa. Dra. Raissa Regina Silva Coutinho

Agradeço sinceramente a todos que, de maneira direta ou indireta, colaboraram para tornar realidade mais um sonho. Esse feito não apenas impacta minha esfera profissional, mas também representa uma conquista pessoal significativa!



“A arte, que exprime a vida, é tão misteriosa quanto ela. Escapa, à semelhança da vida, a toda e qualquer fórmula. Mas a necessidade de a definir persegue-nos, porque se insere em todas as horas da nossa existência habitual para realçar-lhes os aspectos por meio de suas mais elevadas formas, ou rebaixá-los por suas formas mais aviltadas.”

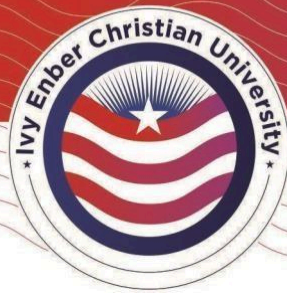
Élie Faurie, 1873-1937



RESUMO

A Arteterapia usa da criação e expressão das artes visuais para promover saúde mental, emocional e física, estimulando a ludicidade, a inclusão e a integração dos indivíduos, criando um espaço favorável à exploração dos pensamentos e emoções em sala de aula. O objetivo deste trabalho foi analisar o poder da arteterapia na educação através de um levantamento bibliométrico. A pesquisa focou no envolvimento entre a educação e a arteterapia como prática docente de inclusão e de estímulo aos alunos por meio da ludicidade. No levantamento bibliométrico realizado nas bases de dados Capes e Scielo, as teses e dissertações, mostraram o vínculo da arteterapia para a promoção humana no contexto escolar, sendo fonte de conhecimento e de descobertas para professores e alunos nas atividades arteterapêuticas, construindo, portanto, um ambiente escolar inclusivo e estimulante. A arteterapia tem por mérito, valorizar a diversidade e respeitar as diferenças individuais, podendo ser adaptada para atender às necessidades de pessoas com deficiências físicas, cognitivas, emocionais ou sociais. Os participantes são encorajados a se envolver nas atividades, pois o foco, não está na habilidade artística em si, mas sim na exploração dos processos criativos e nas experiências emocionais e terapêuticas que surgem durante o processo.

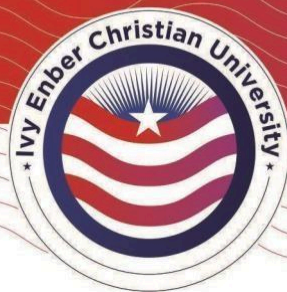
Palavras-chave: Arteterapia. Ludicidade. Inclusão educacional.



ABSTRACT

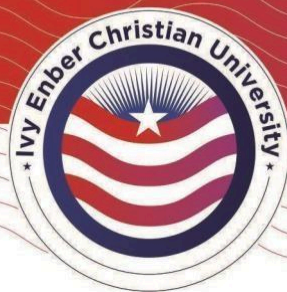
Art Therapy utilizes the creation and expression of visual arts to promote mental, emotional, and physical well-being, stimulating playfulness, inclusion, and individuals' integration. It creates a conducive space for exploring thoughts and emotions in the classroom. The aim of this study was to analyze the power of art therapy in education through a bibliometric survey. The research focused on the connection between education and art therapy as a teaching practice for inclusion and student stimulation through playfulness. In the bibliometric survey conducted in the Capes and Scielo databases, the theses and dissertations demonstrated the link of art therapy to human promotion in the school context. It serves as a source of knowledge and discovery for teachers and students in art therapy activities, thus building an inclusive and stimulating school environment. Art therapy merits the appreciation of diversity and the respect for individual differences. It can be adapted to meet the needs of individuals with physical, cognitive, emotional, or social disabilities. Participants are encouraged to engage in activities, as the focus is not on artistic ability per se, but on the exploration of creative processes and the emotional and therapeutic experiences that arise during the process.

Keywords: Art Therapy. Playfulness. Educational Inclusion.



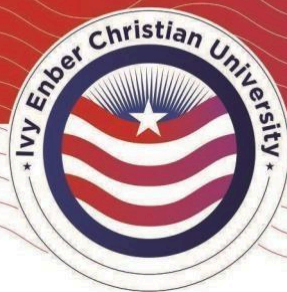
LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mãos em negativo	20
Figura 2 - Escultura de escriba sentado (esq.) e templo egípcio erigido para o deus Amon (dir.) com cada capitel representando uma flor de papiro	21
Figura 3 - Tabuleta pictográfica com um relato de 33 medidas de óleo, de Godin Tepe, Irã	22
Figura 4 - Pinturas pré-históricas encontradas nas cavernas de Altamira, Espanha	23
Figura 5 - Representação gráfica das dimensões da Abordagem Triangular de Barbosa	35
Figura 6 - Base da arteterapia	46
Figura 7 - Demais linguagens e técnicas que dão origem à arteterapia	46
Figura 8 - Trabalhos de “1” a “5” na primeira página do Portal teses e dissertações Capes	73
Figura 9 - Trabalhos de “6” a “11” na primeira página do Capes com o descritor "arteterapia e o lúdico em sala de aula"	74
Figura 10 - Amostra de trabalhos publicados sem relação com arteterapia e lúdico em sala de aula – página 2 de busca	75
Figura 11 - Amostra oriunda da modificação na página "3" Portal Capes.	76
Figura 12 - Print de tela de dados não encontrados na base da Scielo sob o valor “a arteterapia e o lúdico em sala de aula”.	78



LISTA DE TABELAS

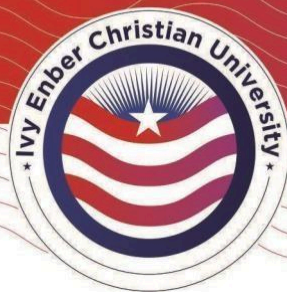
Tabela 1 - Trabalhos analisados no banco de teses e dissertações (Capes) e na Scielo	16
Tabela 2 - Levantamento Capes com a estratégia de busca “Arteterapia” - página “1” da busca	67
Tabela 3 - Levantamento Capes com a estratégia de busca “Arteterapia” – página “2” da busca	68
Tabela 4 - Levantamento Portal Capes - página 2, descritor “arteterapia”	69
Tabela 5 - Levantamento Portal Capes - página 2, descritor “arteterapia”	70
Tabela 6 - Levantamento Capes, página 3, “arteterapia”	71
Tabela 7 - Quantidade de trabalhos incluídos e excluídos ao fim da busca com o descritor “Arteterapia”	72
Tabela 8 - Trabalho encontrado fora do termo “a arteterapia e o lúdico em sala de aula”; ou seja, “arteterapia”	77
Tabela 9 - Trabalho encontrado na Scielo a partir de modificações nos termos de busca “arte e lúdico”	79
Tabela 10 - Trabalhos encontrados na plataforma Capes “página 1” uso do descritor “ludicidade e inclusão”	80
Tabela 11 - Trabalhos encontrados na página 2 e 3 da busca Capes	82
Tabela 12 - Comparativos entre as bases Capes e Scielo baseando-se nos termos pesquisados	83



LISTA DE GRÁFICO

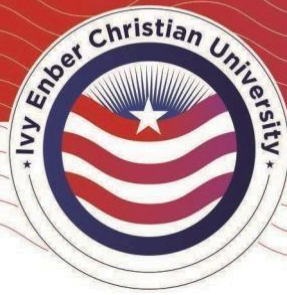
Gráfico 1 - Parâmetros entre trabalhos incluídos e excluídos no Levantamento da palavra-chave “Arteterapia”

72



SUMÁRIO

CAPÍTULO I.....	11
1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1. HIPÓTESE DO ESTUDO.....	13
1.2. PROBLEMA DA PESQUISA.....	14
1.3. OBJETIVOS.....	14
1.3.1. Objetivo geral.....	14
1.3.2. Objetivos específicos.....	15
1.4. PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO.....	15
1.4.1. Critérios de escolha das palavras-chave.....	16
1.4.2. Coleta de dados.....	16
1.5. APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS.....	17
CAPÍTULO II.....	19
2. A ARTE PRÉ-HISTÓRICA: BREVE ESBOÇO.....	19
2.1. BREVES APONTAMENTOS À ARTE NO BRASIL, NO MUNDO E SEUS MOVIMENTOS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	23
2.2. O ENSINO DO DESENHO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS BRASILEIRAS.....	27
2.3. O MOVIMENTO DA ARTE-EDUCAÇÃO E AS LEIS QUE CONSOLIDARAM A ARTE COMO DISCIPLINA.....	30
2.4. A ARTETERAPIA E A SUA RELAÇÃO COM O CAMPO EDUCACIONAL....	37
CAPÍTULO III.....	43
3. O QUE É ARTETERAPIA?.....	43
3.1. A EXPRESSÃO LÚDICA NA ARTETERAPIA.....	51
3.2. A ARTETERAPIA COMO MOTOR DE INCLUSÃO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	57
CAPÍTULO IV.....	67
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	67
5. CONCLUSÕES.....	86
REFERÊNCIAS.....	90



CAPÍTULO I

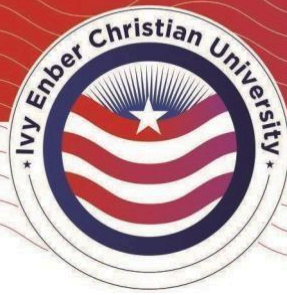
1. INTRODUÇÃO

Desde o homem primitivo, este tem a necessidade de se expressar imagetivamente. Antes mesmo da linguagem verbal o homem já recorria a uma linguagem visual como forma de se expressar.

A Arteterapia representa a aplicação terapêutica da atividade artística no âmbito de uma relação profissional, destinada a indivíduos enfrentando doenças, traumas, desafios psicológicos, ou àqueles em busca de autodesenvolvimento. O processo de envolvimento com a arte e a reflexão sobre as produções artísticas resultantes incentivam as pessoas a expandirem sua compreensão de si mesmas e dos outros. Além disso, promove o aumento da autoestima, a gestão mais eficaz de sintomas físicos e psicológicos, o enfrentamento de estresses e experiências traumáticas, o desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas e emocionais, e a apreciação do momento proporcionado pela prática artística. Embora tenha comprovação de eficácia no tratamento de saúde, ainda é subutilizada na formação de profissionais da saúde (Oliveira, 2019).

A Arteterapia emerge como uma alternativa significativa para apoiar os professores em suas abordagens de ensino. Isso ocorre porque, por meio da expressão artística, o processo de aprendizado se expande, proporcionando também um impacto positivo na formação da personalidade da criança (Vieira; Monteiro; Oliveira, 2022).

O processo de aprendizagem é dinâmico e interativo para a criança, envolvendo a interação dela com o mundo ao seu redor. Esse processo assegura a aquisição de conhecimentos e estratégias adaptativas a partir de suas próprias iniciativas e interesses, bem como dos estímulos recebidos de seu meio social. É responsabilidade do professor ou do adulto mediador desenvolver estratégias alinhadas com as necessidades individuais de cada criança, no contexto da formação de sua personalidade e aprendizado (Vieira; Monteiro; Oliveira, 2022).



De acordo com Vieira, Monteiro e Oliveira (2022), uma das abordagens que o professor pode empregar é a Arteterapia, visto que esta pode ser conceituada como:

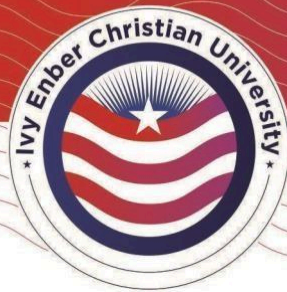
Estratégia de intervenção terapêutica que visa promover qualidade de vida ao ser humano por meio da utilização dos recursos artísticos advindos principalmente das Artes Visuais, mas com abertura para um diálogo com outras linguagens artísticas. Foca-se o indivíduo em sua necessidade expressiva e busca-se ofertar um ambiente propício ao surgimento de uma expressividade espontânea e portadora de sentido para a vida (Sei, 2010, p. 7-8).

Considerando que a arte está presente na vida humana desde seus primórdios, e entendendo os processos biológicos humanos, o uso das linguagens artísticas desde os primeiros anos de vida do sujeito, seria um contributo pleno ao seu desenvolvimento - enquanto pessoa, considerando a sua excentricidade e enquanto vivente num espaço entre os homens e a natureza.

É neste pensamento - que se entrelaça entre realidades e confrontos experienciados na minha vida pessoal e na formação em artes visuais, que entendi a grande contribuição da arte como ferramenta terapêutica necessária na educação das crianças, adolescentes, jovens e mesmo adultos da EJA, decidindo, portanto, destrinchar os aspectos inerentes às realidades da minha prática cotidiana em sala de aula.

No cenário da minha realidade como professor de artes visuais em escolas públicas, vejo famílias de alunos e os próprios estudantes com problemas emocionais e psicológicos, em que, a maioria dos professores não dispõe de um conhecimento mais abrangente na área da inclusão, e no estabelecimento da igualdade de todos. Nesse sentido, vejo na arteterapia, um aliado de excelência a todos: alunos, professores, gestores, pais e sociedades.

Para completude de minha tarefa como educador, ter uma filha com TDAH, me fez ver a grande necessidade de um tratamento precoce na educação infantil, pois o seu diagnóstico foi tardio, somente aos dezesseis anos de idade, sendo necessária a realização de vários exames médicos para descobrir o problema que incomodava o seu aprendizado. Nesse caso, o preparo de educadores é essencial, mas como essa realidade ainda é incerta, a arteterapia seria uma ferramenta de



suporte, e sem dúvidas, identificadora de falhas no processo de ensino-aprendizagem.

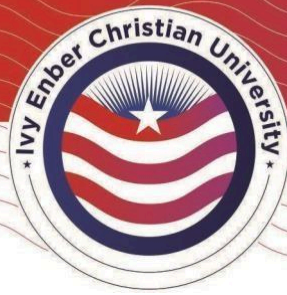
O intuito, portanto, através da arteterapia, seria conscientizar os professores de todas as etapas de ensino, que, mesmo sem uma preparação adequada para processos lúdicos, inclusivos e artísticos, tivessem nessa rica disciplina uma forma eficaz de trabalhar, ajudando na identificação das necessidades dos alunos.

A arte deve ser considerada como um meio de manifestação do inconsciente, e recurso para ajudar os alunos com dificuldades de expressão de sentimentos e medos. Seja qual for o problema: físico, mental ou psicológico, as artes visuais através das tintas, barro ou qualquer outro meio artístico, permite reconhecer problemas e redescobrir a capacidade de criação. O lúdico alinhado às artes é capaz de envolver os alunos para aprenderem com alegria. Dessa forma, até mesmo o trabalho docente é simplificado.

No meu trabalho arteterapêutico em sala de aula, utilizo muitas cores e envolvo as crianças em atividades manuais com o uso, por exemplo, da argila, massas de modelar, cartazes, recortes, tintas e pincéis, introduzindo a arte como forma de beneficiar os meus alunos e suas famílias ao levarem a arteterapia para suas casas.

1.1. HIPÓTESE DO ESTUDO

Esse estudo parte do pressuposto de que no contexto da educação, a arteterapia ofereceria aos professores maneiras de ajudar o aluno a exprimir sua essência e impregná-la no mundo em que vive, comunicando-se com a sua comunidade, aumentando a sua criatividade, elevando a sua autoestima, estimulando a motricidade, a expressão e a socialização. Ela poderia ser oferecida em todas as etapas de ensino, cooperando com a educação infantil, com o ensino fundamental I, o ensino médio, a educação de jovens e adultos e a educação especial e inclusiva, podendo ser aplicada sob propostas de intervenções e prevenções.



Em se tratando da educação especial na perspectiva inclusiva, a arteterapia seria benéfica aos alunos com deficiências matriculados em escolas regulares e com acesso ou não, à sala de recursos multifuncionais pelo AEE (Atendimento Educacional Especializado), pois, produziria diversos benefícios como intelectuais, sociais e afetivos, sem falar na potencialização de suas habilidades. Portanto, no contexto de mundo atual, a educação deve permitir desenvolvimento de habilidades, estímulos de novos conhecimentos do indivíduo sobre si e acerca do mundo, para que este viva com a diversidade equilibradamente.

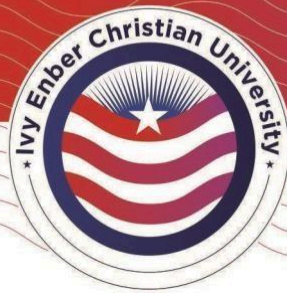
1.2. PROBLEMA DA PESQUISA

O tema ora discutido, não é tão partilhado, visibilizado ou tão presente na realidade da sala de aula. Considerando isto, a arteterapia é cada vez mais necessária na educação. As escolas são bastante carentes de contribuições, e as pessoas com deficiências não possuem uma tecnologia assistiva adequada ou pessoal especializado na área de suas necessidades. Considerando isto, o problema que incentivou este estudo se consolida na seguinte indagação: Como a arteterapia, aliada ao lúdico, contribui para a prática pedagógica dos professores e nos processos inclusivos?

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo geral

- Analisar como a arteterapia está sendo incorporada na educação através de um levantamento da produção acadêmica, e a sua conexão com a promoção formativo-educativa e o desenvolvimento humano com enfoque na sala de aula.



1.3.2. Objetivos específicos

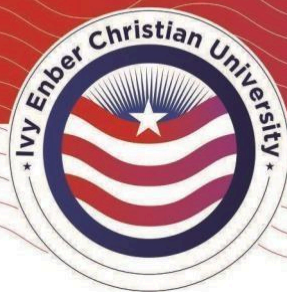
- Contextualizar sobre arteterapia no campo educacional;
- Pesquisar sobre a relação da arteterapia com a formação educativa e com o desenvolvimento humano;
- Refletir sobre como está sendo investigada a arteterapia na produção acadêmica no Banco de Teses e dissertações da Capes e Scielo.

1.4. PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO

No intento de alcançar as premissas objetivas, problemáticas e hipotéticas desse estudo, se tomou a pesquisa por natureza bibliográfica. Nos seus objetivos metodológicos, o estudo ateve-se a uma pesquisa exploratória, levantando informações iniciais acerca do assunto a ser estudado e inquirindo alguns questionamentos.

Para avaliar e estabelecer relações, adotou-se ainda a análise bibliométrica, que segundo Soares et al. (2016), se trata de um método de análise quantitativa mensurando o contributo do conhecimento científico advindo de diversas publicações. Esse método permite a observação do estado da ciência e da tecnologia por meio de toda a produção científica registrada num repositório de dados, situando cientistas individuais, um país no mundo e instituições em relação a um país. Está baseada na contagem de artigos científicos, patentes e citações. De acordo com o mesmo autor ora citado, a bibliometria pode ajudar na identificação de tendências de crescimento do conhecimento em certa disciplina.

Na definição do escopo, o levantamento bibliométrico se pautou nas produções científicas sobre a aplicação da arteterapia no contexto educativo, ou seja, no trabalho em sala de aula ou na escola como um todo. As bases de informação foram o Banco de Teses e Dissertações da Capes e a Scielo.



Na tabela à frente, os resultados da quantidade de trabalhos analisados no levantamento bibliométrico. (Tabela 1).

Tabela 1 - Trabalhos analisados no banco de teses e dissertações (Capes) e na Scielo

Descritores	Trabalhos Capes	Trabalhos Scielo
“Arteterapia”	6	0
“A arteterapia e o lúdico em sala de aula”	0	1
“Ludicidade e inclusão”	19	0

Fonte: Do autor (2023).

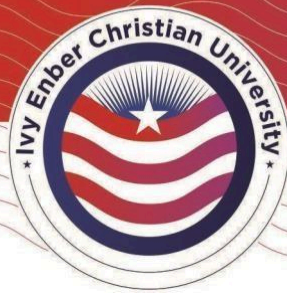
Portanto, foram analisados no Portal Capes, 06 (seis) trabalhos com o termo “Arteterapia” sendo que, na Scielo não houveram publicações, apenas 01 (um) texto com a palavra-chave “A arteterapia e o lúdico em sala de aula”. Dezenove trabalhos foram encontrados sobre “ludicidade e inclusão”, totalizando 26 (vinte e seis) trabalhos.

1.4.1. Critérios de escolha das palavras-chave

Dentre as estratégias de busca constaram os seguintes termos de pesquisa: “Arteterapia”; “A arteterapia e o lúdico em sala de aula”; “ludicidade e inclusão”, com utilização AND para combinar os termos sinônimos na operação booleana. Os critérios específicos utilizados para a escolha dessas palavras-chave estão relacionados ao foco e escopo da pesquisa, tais como: identificação rápida de tema, alinhamento com objetivos de pesquisa, conexão entre termos, enfoque educacional, relevância social, potencial interdisciplinar e abrangência de abordagens.

1.4.2. Coleta de dados

Na coleta dos dados, foi feito o registro das bibliografias que se aplicam às tendências do escopo, e incluindo-se: título, autores, periódico, ano de publicação, objetivos e resultados.



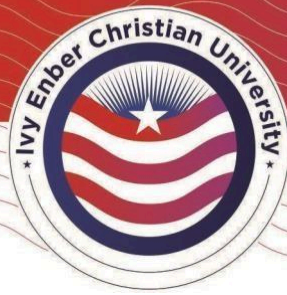
1.5. APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Perante todo o exposto, o capítulo dois desse estudo, parte inicialmente de uma abordagem sobre a arte pré-histórica, elucidando a arte no Brasil e no mundo, bem como seus movimentos. Expõe aspectos iniciais quanto à inserção da arte na educação sob um prisma de políticas públicas evocando o ensino do desenho. O capítulo conceitua a arte e aponta aspectos intrínsecos que a acolheram na educação escolar e em espaços institucionais de cunho pedagógico. Trilha, portanto, alguns caminhos da história da arte e da educação e desemboca nas leis e documentos que hoje asseguram o ensino e a aprendizagem da arte em suas mais diversificadas manifestações, devendo os educadores da área ter a competência e responsabilidade de transmiti-la ampla e organizadamente, para que os alunos se apropriem da essência que o processo artístico oferece, acessando os conhecimentos historicamente acumulados e se desenvolvendo no seu âmbito pessoal e social.

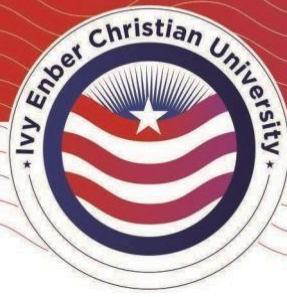
O terceiro capítulo trata de conceituar a arteterapia e informar os primeiros passos da mesma frente à subjetividade humana, mostrando nesse ínterim, o que faziam psiquiatras do fim do século XIX e início do século XX, quando passaram a analisar e a darem diagnósticos segundo as pinturas de seus pacientes com deficiência mental, analisando, portanto os traços intrínsecos de suas exposições e com isso, favorecendo as intervenções tratativas ou saneadoras dos conflitos internos.

O capítulo direciona-se também aos aspectos lúdicos, buscando evidenciar a importância, a presença na vida humana, e como necessários à formação do indivíduo, sendo potencializados pelo forte vínculo com a arteterapia. O capítulo expõe também a arteterapia como motor de inclusão escolar, mostrando-se estimulante ao educando com necessidades educativas especiais.

Por conseguinte, no capítulo quarto, o trabalho expõe e analisa os dados obtidos a partir de um levantamento bibliométrico, de modo a encontrar conteúdos publicados sobre a temática ora trabalhada, e conhecer sua vasta profusão, ou não,



nos trabalhos acadêmicos. Após, o trabalho apresenta as conclusões do estudo, realizando um traçado entre as informações obtidas durante todo o levantamento, e criando e expondo vínculos à arteterapia na educação e seus desdobramentos lúdicos e inclusivos.



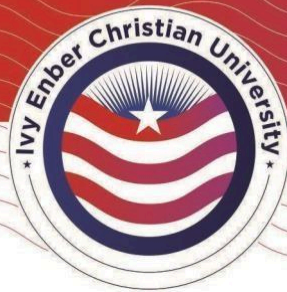
CAPÍTULO II

2. A ARTE PRÉ-HISTÓRICA: BREVE ESBOÇO

A escolha de iniciar o trabalho pelo viés pré-histórico se dá pelo expressivo poder e valor da arte no mundo desde a antiguidade. A arte pré-histórica refere-se às expressões artísticas criadas pelos primeiros seres humanos antes do surgimento da escrita e do registro histórico. Essa forma de arte remonta a milhares de anos atrás e nos dá uma visão fascinante sobre as culturas e sociedades antigas. Durante a pré-história, os primeiros seres humanos utilizavam materiais disponíveis na natureza, como pedras, ossos, madeira e pigmentos minerais, para criar suas obras de arte. A arte pré-histórica era principalmente composta por pinturas rupestres, esculturas, gravuras e artefatos decorativos.

As pinturas rupestres são um dos exemplos mais famosos da arte pré-histórica. Elas foram encontradas em cavernas e abrigos rochosos em várias partes do mundo, como Lascaux e Chauvet na França, Altamira na Espanha e Tassili n'Ajjer na Argélia. Essas pinturas retratavam animais, figuras humanas, símbolos abstratos e cenas de caça, oferecendo um vislumbre das atividades e crenças dos povos antigos. As esculturas pré-históricas eram predominantemente feitas em pedra, especialmente em marfim, osso e argila. Elas variavam desde pequenas estatuetas até grandes monumentos megalíticos, como os famosos menires e cromleques. Essas esculturas muitas vezes representavam figuras humanas, animais e elementos da natureza.

A arte pré-histórica também inclui gravuras em pedra, conchas ou ossos, que muitas vezes apresentavam padrões geométricos ou representações simbólicas. Além disso, foram encontrados diversos artefatos decorativos, como joias, cerâmicas e objetos entalhados, demonstrando a habilidade artística e o senso estético dos povos pré-históricos.



A interpretação da arte pré-histórica é um desafio, uma vez que não temos registros escritos ou documentação direta das intenções dos artistas. No entanto, acredita-se que essas obras de arte tinham significados rituais, mágicos ou narrativos, estando relacionadas à espiritualidade, crenças e práticas do período. Dentre as expressões artísticas humanas estão as crenças, as danças, os rituais, a exposição de conceitos e necessidades próprias, sendo a arte um meio de o homem manifestar seu pensar e expô-lo ao externo, deixando em evidência o que sente, pensa e quem verdadeiramente ele é com o seu comportamento.

O período da pré-história exerce fascínio sobre o homem da atualidade, em que os homens daquele tempo expressavam a sua arte nas paredes de cavernas. Segundo Proença dos Santos (2005), nenhum documento registrou por escrito esse momento da história, e o que se sabe foi obtido por meio de estudos antropológicos e de historiadores, os quais, por meio das expressões artísticas denotadas desses povos em muitas cavernas da Europa, Norte da África e Ásia, pôde reconstruir a sua cultura e assim, conhecer o homem da Idade da Pedra.

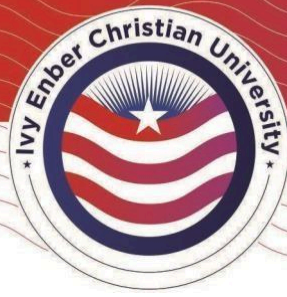
Para Santos (2005), eram simples os traços artísticos feitos nas paredes de argila das cavernas ou “mãos em negativo” dos homens do Paleolítico (Fig. 1).

Figura 1 - Mãos em negativo



Fonte: Santos (2005, p. 11).

Depois dos traçados simples e da técnica das mãos em negativo, os homens passaram a desenhar e pintar animais, e com isso, surge o naturalismo no



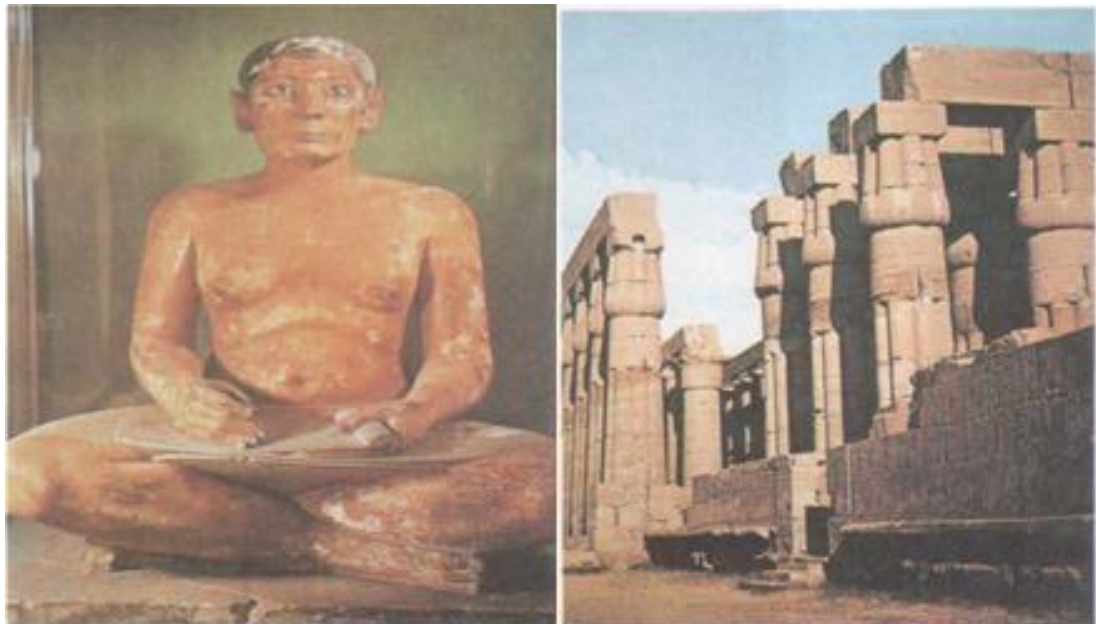
Paleolítico Superior, em que seu artista pintava um animal, por exemplo, da maneira em que o enxergava, como seu olhar o captava (Santos, 2005).

Na pré-história, as pinturas em cavernas tinha uma representação apenas do que o desenhista via, diferente dos egípcios da antiguidade, que desenhavam não como viam, e seu interesse era representar os feitos de seu faraó, e a cultura que permeava seu cotidiano, contendo principalmente essa ação, uma função religiosa. Santos (2005) explica como toda a existência do Egito antigo se guiava pela religião:

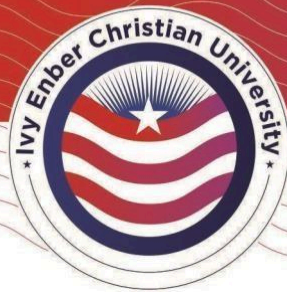
Mas a religião é talvez o aspecto mais significativo da cultura egípcia. Tudo no Egito era orientado por ela: o mundo poderia - na visão desse povo - ser destruído não fossem as preces e os ritos religiosos, a felicidade nessa vida e a sobrevivência depois da morte eram asseguradas pelas práticas rituais, e até mesmo 'o ritmo das enchentes, a fertilidade do solo e a própria disposição racional dos canais de irrigação dependiam diretamente da ação divina do faraó' A religião, portanto, invadiu toda a vida egípcia, interpretando o universo, justificando sua organização social e política, determinando o papel de cada classe social e, conseqüentemente, orientando toda a produção artística desse povo (Santos, 2005, p. 18).

A arte dos egípcios antigos era obrigatoriamente religiosa e permeava as grandes construções e as esculturas. (Fig. 2).

Figura 2 - Escultura de escriba sentado (esq.) e templo egípcio erigido para o deus Amon (dir.) com cada capitel representando uma flor de papiro.



Fonte: Santos (2005, p. 20).



Também os pintores do paleolítico superior tinham uma intenção ritualística quando desenhavam nas cavernas, o que também denota uma expressão de crença e talvez até religiosa. Há inúmeras perguntas sobre o que explicaria essas pinturas nas cavernas, e a mais consensual é de que era caçadores quem as elaborava com a intenção de obterem poder sobre o animal que iriam caçar. “Ou seja, o pintor-caçador do Paleolítico supunha ter poder sobre o animal desde que possuísse a sua imagem. Acreditava que poderia matar o animal verdadeiro desde que o representasse ferido mortalmente num desenho” (Santos, 2005, p. 11).

A própria escrita surge num contexto de expressão humana da arte: a escrita pictográfica, em que as ideias, a contabilidade e os seres, eram representados pelos desenhos. (Fig.3).

Figura 3 - Tabuleta pictográfica com um relato de 33 medidas de óleo, de Godin Tepe, Irã



Fonte: Schmandt-Besserat (1996).

A arte permeia a vida humana em todo o seu cotidiano, partindo de uma comunicação verbal como também não verbal, se apresentando de inúmeras e diferentes formas ao indivíduo. Ainda na figura à frente, se contempla a linguagem usada para comunicar um tempo e uma forma de cultura. (Fig.4).

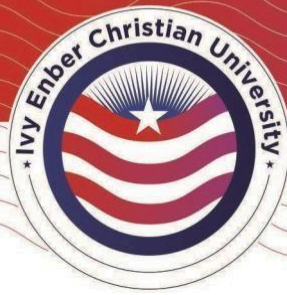
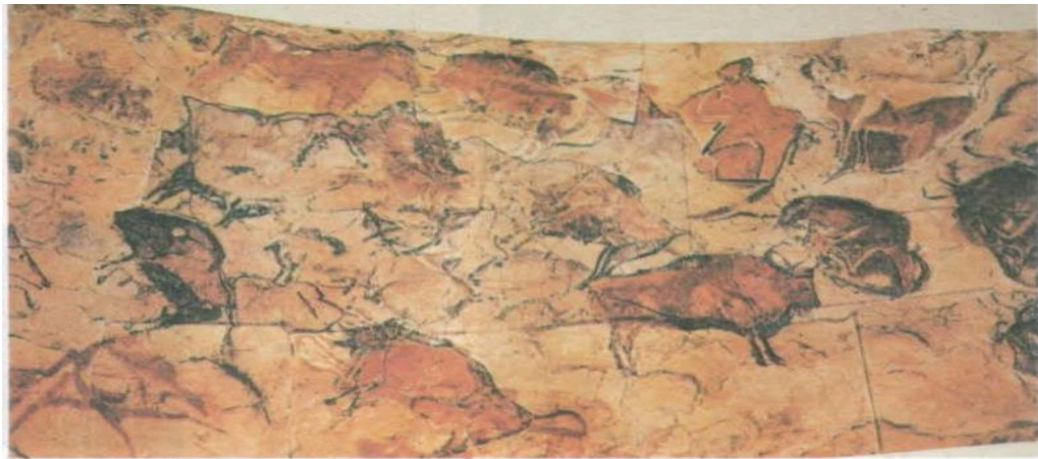


Figura 4 - Pinturas pré-históricas encontradas nas cavernas de Altamira, Espanha



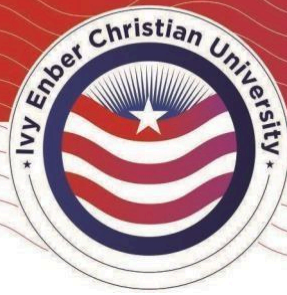
Fonte: Santos (2005).

A arte desde os seus primórdios, permite o conhecimento da cultura dos povos e o desenvolvimento das civilizações. Transmite sentimentos e as experiências por eles vividas geram significados para as gerações do presente, e, frente às produções humanas antepassadas, percebem-se as ricas emoções que se despertam na elaboração artística, mostrando a necessidade de o homem se expressar frente ao seu contexto existencial no mundo, dando notas de seus sonhos, desejos, crenças, religiões, culturas e outras práticas do seu cotidiano.

2.1. BREVES APONTAMENTOS À ARTE NO BRASIL, NO MUNDO E SEUS MOVIMENTOS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Na história da arte no Brasil, se tem o movimento artístico Barroco com influências europeias, sobrepunhando-se no país em esculturas, arquiteturas, literaturas e pinturas. A arte barroca se desenvolveu no século XVII com mudanças que deram nova feição à Europa da Idade Moderna tendo nos acontecimentos do século XVI, como a Reforma Protestante, as bases para a sua construção (Santos, 2005).

A Igreja Católica usou a arte para alcançar imponência e impor o catolicismo. Foi na Itália que a arte barroca se originou irradiando para outros países da Europa



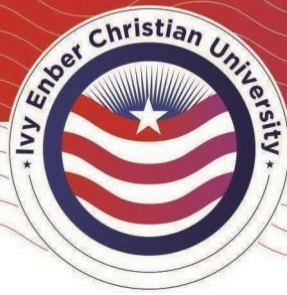
e chegando à América do Sul através de colonizadores portugueses e espanhóis. Contudo, ela não se desenvolveu de maneira homogênea havendo enormes diferenças entre os artistas e as obras produzidas nos vários países (Santos, 2005).

De acordo com a autora ora citada, a arte barroca do início do século XVII na Itália é muito diferente da arte desenvolvida na Holanda nesse mesmo período. Mesmo assim, alguns princípios gerais podem ser coincidentes, pois a proposta foi de que as obras barrocas romperam o equilíbrio entre o sentimento e a razão ou entre a arte e a ciência, que os artistas renascentistas procuravam desempenhar com grande consciência.

A arte barroca tem predomínio de emoções e não o racionalismo da arte renascentista. Um desenvolvimento natural do Barroco foi encontrado no estilo Rococó – do francês *rocaille* que por aproximação em português significa “concha”. Todavia, há diferenças entre os dois estilos “As cores fortes da pintura barroca, por exemplo, na pintura rococó foram substituídas por cores suaves e de tom pastel, como o verde claro e o cor-de-rosa” (Santos, 2005, p. 115). O rococó abandona as linhas retorcidas por formas mais leves e delicadas.

Surge, por conseguinte, nas duas últimas décadas do século XVIII e nas três primeiras do século XIX, o Academicismo ou Neoclassicismo expressando valores próprios de uma nova e fortalecida burguesia, assumindo a direção da sociedade europeia depois da Revolução Francesa e principalmente com o império de Napoleão. “Neoclassicismo” é assim entendido, por retomar os princípios da arte da Antiguidade greco-romana, e “Academicismo”, “deveu-se ao fato de que as concepções artísticas do mundo greco-romano tornaram-se os conceitos básicos para o ensino das artes nas academias mantidas pelos governos europeus” (Santos, 2005, p. 122).

Segundo Santos (2005), a tendência neoclássica só conceberia uma obra de arte perfeitamente bela quando não imitasse as formas da natureza, mas as formas que os artistas clássicos gregos e renascentistas italianos já haviam criado. Essa imitação só era possível por meio de um cuidadoso aprendizado das técnicas e convenções da arte clássica.



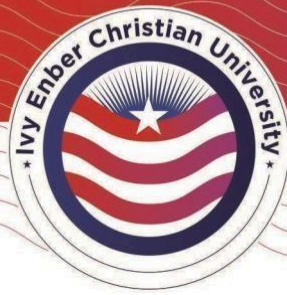
Os artistas e artesãos brasileiros formaram um barroco distinto do Barroco europeu, havendo o ensino da arte barroca acontecido sob a orientação do mestre; desse modo, as oficinas eram a única educação artística popular do Brasil do final do século XVII. Através da Missão Francesa de 1816 é que foi instituído o primeiro ensino de arte (Arte no Brasil, 2011).

Perante a supervisão e influência do mestre do Neoclássico - Jacques Louis David (1748-1825), o Instituto de França obteve maior reputação que a *École des Beaux-Arts*, influenciando todas as escolas da Europa, já que sua metodologia era a mais moderna da época. Quando os artistas neoclássicos da Missão Francesa chegaram ao Brasil para organizar a primeira escola de arte, viu-se que os planos mostrados pelo chefe da Missão - Joachim Le Breton (1760-1819), eram de caráter mais popular, bem diferente da orientação que se seguia no Instituto de França onde ele ensinava (Arte no Brasil, 2011).

A mesma fonte ora citada, explica que o projeto continha repetições dos modelos atualizados de ensino de atividades artísticas vinculadas a ofícios mecânicos que eram utilizados na França por Bachelier em sua *École Royale Gratuite de Dessin*, existente até hoje com o nome de *École Nationale des Arts Décoratifs*. Bachelier era mestre em decoração de porcelana da fábrica de Sèvres, combinando e conciliando em sua escola, objetivos e métodos de ensino de arte comuns.

Bachelier conseguiu contornar a luta tradicional entre artistas e artesãos, tendo apoio das academias para o desempenho do seu trabalho pedagógico, requerendo, por exemplo, que os mestres de desenho de sua escola obtivessem prêmios da academia. A sapiência de Bachelier era alvo de aplausos na Europa, fazendo com que a Alemanha e a Áustria introduzem o desenho criativo no treinamento das escolas para trabalhadores manuais, e nas escolas de belas artes, como importante para o ensino da geometria (Arte no Brasil, 2011).

Por outro lado, os liberais do século XIX no contexto republicano, inseriram o ensino do desenho na educação para preparar mão de obra para o trabalho nas indústrias sob o modelo norte-americano e com perspectivas antielitista. Esse modelo foi praticado de forma intensa até metade do século XX, e deixou traços nos



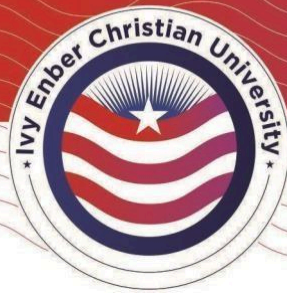
livros didáticos e no ideal educativo (Arte no Brasil, 2011). Enquanto área de conhecimento, o desenho seguiu os moldes europeus ganhando espaço nas “Escolas Normais de formação de professor, no Liceu Imperial, nas Escolas Médias e no Liceu de Artes e Ofícios” (Kuhn; Flores, 2022, p. 344).

No atual contexto brasileiro, o ensino das artes é uma parte essencial do currículo, no entanto, é evidente que as instituições educacionais não estão adequadamente preparadas para apresentar aos estudantes abordagens pedagógicas capazes de valorizar e apreciar as diversas expressões artísticas e culturais, tanto locais quanto globais, e também participar em práticas variadas de produção artístico-cultural devido à falta de interesse dos governos em investir em iniciativas culturais e educacionais. Mesmo com a implementação de políticas e legislações, observa-se uma desvalorização em andamento do ensino de artes no âmbito público (Souza; Silva; Raposo, 2020).

A arte é um domínio que possibilita a exploração de uma variedade de temas e linguagens, podendo contribuir para a problematização da realidade e aprimoramento da qualidade de vida, ampliando as habilidades dos estudantes. No entanto, é crucial reconhecer que em nossa realidade social, o ensino de artes recebe pouca atenção e é pouco integrado às dinâmicas escolares, resultando em uma competição por espaço nos currículos e uma valorização limitada dos profissionais envolvidos. O ensino de artes na educação básica é fundamental para o desenvolvimento da capacidade reflexiva e criativa dos alunos (Souza; Silva; Raposo, 2020).

De acordo com Mendes André (2019, p. 15), “Muitos são os desafios para a formação de professores de artes no Brasil do século XXI”, causados pelo estilo de vida do capital, valorizando a produtividade e o consumismo, com o modo de vida comunitário substituído pelo individualismo, e sendo assim, como iniciar um diálogo entre as partes em meio à fragmentação social?

Há uma preocupação com a dificuldade de estabelecer conexões significativas e construir pontes de entendimento em um universo em que as prioridades individuais prevalecem muitas vezes sobre a noção de bem comum. Isso pode impactar diretamente a formação de professores de artes, tornando-se um



desafio adicional na busca por uma educação mais integrada e enraizada em valores coletivos (Mendes André, 2019).

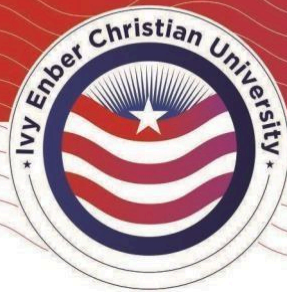
2.2. O ENSINO DO DESENHO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS BRASILEIRAS

Para Rui Barbosa o ensino de desenho seria tão importante quanto o ensino da leitura e da escrita para o operário. O ensino de desenho seria um instrumento educativo fecundante do trabalho e que somente quando este ensino se tornasse parte obrigatória do plano de estudos no ensino nacional uma nova história da indústria e da arte no Brasil teria início (Kuhn; Flores, 2022).

O desenho estava ligado ao ensino público e à qualificação da mão de obra técnica para a formação da elite intelectualizada, preparando para o desenvolvimento de habilidades técnicas e gráficas, vistas como fundamentais à expansão industrial. Rui Barbosa relacionou o desenho à formação do trabalhador industrial relatando que este seria a base de toda a instrução industrial e que seria importante ajustar o ensino do desenho às necessidades da indústria e da arte (Kuhn; Flores, 2022).

Segundo Kuhn e Flores (2022, p. 345), seria Rui Barbosa que imprimiria “definitivamente, o Desenho como um saber escolar necessário para o desenvolvimento industrial. Além disso, o fato de já existirem publicações nacionais na área facilitava o ensino/aprendizagem do Desenho”. Assim, o ensino de desenho ajudava a massa de trabalhadores que almejava se ajustar aos novos modos de produção e consumo industrial (Kuhn; Flores, 2022).

No que tange às políticas públicas de educação, as ideias de Rui Barbosa demoraram para serem efetivadas tendo o ensino do desenho demorado a ser valorizado – seja por influências francesas ou pelos ideais de Barbosa, e foi com o aumento da população e criação de áreas urbanas e processo industrial crescente que o interesse por investir na educação técnica no cenário brasileiro, que no início do século XX se oficializou o ensino de desenho nas escolas do Brasil (Kuhn; Flores, 2022).



Kuhn e Flores (2022) dizem que em 1915 era desvalorizando ainda o ensino do desenho enquanto campo de conhecimento, pois com o decreto nº 11.530 a aprovação dos alunos em desenho só acontecia sob frequência nas aulas. Na década de 30 o desenho ganhou espaço em todos os segmentos educacionais principalmente a partir da Reforma Francisco Campos em 1931, que se estabeleceu oficialmente no país e modernizou o ensino secundário dividindo o desenho em quatro modalidades:

1) Desenho do Natural: desenhava-se o que se observava à mão livre com luz, sombra e perspectiva.

2) Desenho Decorativo: “estudo dos elementos e das regras da composição visual” (Kuhn; Flores, 2022, p. 346).

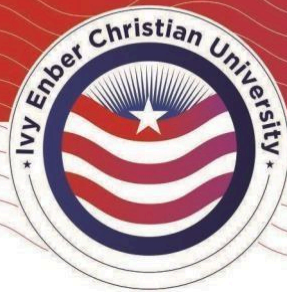
3) Desenho Geométrico: estudo das construções da geometria euclidiana plana, visando resolver os problemas do plano bidimensional, utilizando os instrumentos de desenho;

4) Desenho Convencional: insere a geometria descritiva, ramificações do desenho técnico e desenho esquemáticos (Kuhn; Flores, 2022).

A Portaria de 30 de junho de 1931 validou algumas modificações no currículo. Foram decretadas ainda entre os anos de 1942 e 1946, as Leis Orgânicas de Ensino, conhecidas como a Reforma Capanema, consolidadas em seis decretos-leis, com a organização dos ensinos primário, secundário, industrial, comercial, normal e agrícola (Kuhn; Flores, 2022).

O ensino de desenho - com a Lei Orgânica do Ensino Primário de 1946, passou a ser uma disciplina obrigatória em todo território nacional incluído no curso primário, elementar, complementar e primário supletivo. O desenho aparece incluído nas quatro séries da Lei Orgânica do Ensino Normal (Kuhn; Flores, 2022).

Com as grandes indústrias instaladas no Brasil e a necessidade de mão de obra especializada na década de 1950, o que se buscava era a criação de cursos técnicos; assim, restava evidente que o ensino das construções geométricas era essencial para as várias especialidades técnicas em muitas áreas de engenharia (Kuhn; Flores, 2022). Segundo a Portaria n. 1.045 de 1951, o ensino de desenho



geométrico era indispensável para o ensino da Matemática, tendo, portanto, uma perspectiva de ensino mais instrutiva que educativa (Kuhn; Flores, 2022).

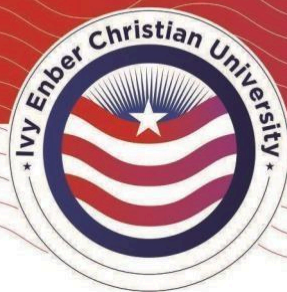
O ensino do desenho, ou seja, a manifestação artística, desse período de 1930 a 1950 se instituiu plenamente enquanto disciplina no currículo das escolas brasileiras constituindo esses anos como sendo de ouro dessa disciplina no país, devido a sua visibilidade entre os documentos educacionais oficiais (Kuhn; Flores, 2022).

Nos currículos das escolas normais, o ensino de desenho ganhou espaço, e esse modelo de escola formava professores que atuassem no ensino primário, que fossem responsáveis pelo repasse de conhecimentos básicos àqueles que formariam a futura mão-de-obra devida aos propósitos da industrialização. De acordo com Kuhn e Flores (2022), na Escola Normal Catarinense, a disciplina de desenho era vista como educativa, forjando o caráter e preparando para o trabalho. Os conteúdos de desenho seriam capazes de conciliar: a função pedagógica; a educação dos sentidos e de hábitos de observação, atenção e percepção; a função econômica - preparando as crianças para a sua inserção nas práticas do trabalho.

Com a promulgação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que incorporou o componente curricular de Arte na área de linguagem, a partir do ano de 2017, houve diretrizes padronizadoras em todo o território nacional para fundamentar um currículo educacional que assegure a equidade e igualdade em todas as fases da Educação Básica (Silva; Bogea, 2022).

A BNCC aborda o ensino de Arte por meio de cinco unidades temáticas, mencionando as quatro linguagens artísticas principais: teatro, dança, artes visuais e música, e também incluindo as Artes Integradas. O documento sugere abordar as linguagens artísticas de forma independente ou explorar suas relações mútuas, promovendo abordagens interdisciplinares entre as diversas expressões artísticas (Pnld, 2020).

A BNCC estabelece orientações organizadas para guiar a estrutura curricular em diferentes realidades brasileiras, além de orientar a prática dos professores. Define objetos de conhecimento que podem ser equiparados a campos conceituais no estudo da Arte, como contextos e práticas, elementos da linguagem,



materialidades, processos de criação e sistemas da linguagem, mencionados em todas as linguagens artísticas. Também destaca notação e registro musical (especialmente em música), matrizes estéticas e culturais, patrimônio cultural, arte e tecnologia (especialmente em artes integradas) (Silva; Bogea, 2022).

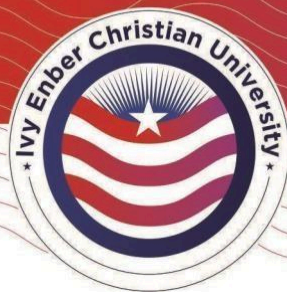
Nesse contexto, ao desenvolver atividades de Arte, o professor deve considerar as competências gerais propostas pela BNCC, que incluem a capacidade de expressão e comunicação por meio da arte, investigação e compreensão das manifestações artísticas, contextualização da arte a partir de elementos histórico-sócio-culturais, reconhecimento e valorização das diversas formas de manifestações culturais e folclóricas, além da ampliação dos conceitos estéticos presentes nas expressões artísticas (Silva; Bogea, 2022).

Ao consultar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Arte, destaca-se que ao se envolver com a produção artística, o estudante percorre caminhos de aprendizado que proporcionam conhecimentos específicos em relação ao mundo. Em situações de aprendizagem, é essencial que o aluno seja incentivado a praticar habilidades como aprender a observar, escutar, atuar, tocar e refletir sobre essas práticas (Silva; Bogea, 2022).

O movimento da Arte-Educação enfatizou, portanto a importância da arte no currículo escolar e no desenvolvimento integral dos alunos, e que, ao longo do tempo, leis e regulamentações contribuíram para consolidar a arte como uma disciplina fundamental na educação. No tópico a seguir, portanto, adentra-se a alguns marcos importantes desse movimento.

2.3. O MOVIMENTO DA ARTE-EDUCAÇÃO E AS LEIS QUE CONSOLIDARAM A ARTE COMO DISCIPLINA

A arte-educação é uma abordagem pedagógica que valoriza a arte como parte integrante do processo educativo. Ela reconhece a importância da expressão artística, da criatividade e da apreciação estética no desenvolvimento integral dos indivíduos. Através da arte-educação, busca-se promover o desenvolvimento



cognitivo, emocional, social e cultural dos estudantes, proporcionando experiências significativas e enriquecedoras.

Uma das principais características da arte-educação é sua natureza multidisciplinar. Ela transcende os limites das disciplinas tradicionais, integrando diferentes formas de arte, como música, dança, teatro, artes visuais, entre outras. Essa abordagem holística permite explorar a criatividade, a sensibilidade estética e a expressão individual de cada aluno, estimulando seu desenvolvimento em diversas áreas.

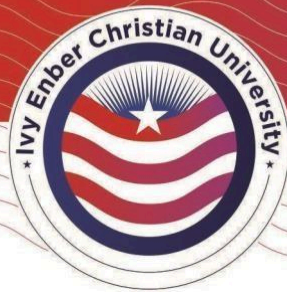
A arte-educação também desafia os alunos a pensar de forma crítica e reflexiva. Através da apreciação e da produção artística, os estudantes são incentivados a questionar, analisar e interpretar obras de arte, desenvolvendo habilidades de pensamento crítico, capacidade de análise e percepção estética. A arte-educação contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e reflexivos, capazes de se expressar e se envolver de forma ativa na sociedade.

Além disso, a arte-educação promove a inclusão e a diversidade. Ela reconhece e valoriza a pluralidade de expressões culturais, étnicas, sociais e individuais, permitindo que cada aluno encontre sua própria voz e desenvolva sua identidade artística. Através da arte, são criados espaços de diálogo e compreensão, onde diferentes perspectivas podem ser compartilhadas e respeitadas.

Segundo Bacarin e Noma (2005), o movimento da Arte-educação ligava-se às novas exigências educacionais da industrialização, no bojo da Revolução de 1930, que modificou o ambiente da cultura e as aspirações da “nova” população urbana/industrial. O processo social de educação se consubstanciou em reivindicações pela expansão do ensino, mas a demanda escolar se desenvolveu apenas nas áreas onde as relações de produção capitalista se intensificaram.

Foi fora da educação escolar e mediante premissas metodológicas essenciais nas ideias da Escola Nova e da Educação pela Arte que o movimento de Arte-educação se organizou. Augusto Rodrigues foi quem deu início à divulgação dessa metodologia por meio da Escolinha de Arte do Brasil (Bacarin; Noma, 2005).

Foi na Semana de Arte Moderna de 1922 com a influência de Dewey que o movimento de Arte-educação surgiu no Brasil. Os princípios de Franz Cizek



cooperaram para a formação do movimento através de Anita Malfati, que se sustentava nas ideias de livre expressão e orientava as classes de arte em São Paulo (Bacarin; Noma, 2005).

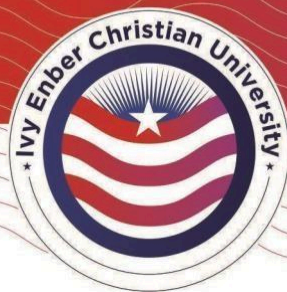
Segundo Bacarin e Noma (2005), Mário de Andrade no seu curso de História da Arte, enfatizava a arte infantil como expressão espontânea e que precisava de estímulo como tal. Programas como os das classes de Cizek foram por ele desenvolvidos pesquisando acerca da expressão infantil na Biblioteca de São Paulo e escrevendo artigos em jornais sobre o tema. Perante a influência da Escola Nova, várias obras que enfatizavam a educação sob um viés psicológico e sociológico surgiram no Brasil.

Anísio Teixeira propagou no campo educacional brasileiro as ideias de Dewey, criando o Centro Educacional Carneiro Ribeiro na Bahia em 1930, onde tinha uma escola-sede para as atividades formais e uma escola-parque para as atividades de Arte. Os estudos nessa instituição tinham por semelhança os estudos que fez na Universidade de Colúmbia em 1928 junto com Dewey (Bacarin; Noma, 2005).

Para que a Arte-educação fosse validada nos pressupostos da Escola Nova, Anísio Teixeira valorizou o aspecto instrumental fundamentado no conteúdo da lição e não na estética como Dewey. Portanto, o instrumental estético possibilitou que a experiência consumatória fosse continuada rompendo-se com os tradicionais padrões estéticos e metodológicos, e criando-se um perfil não diretivo, em que tudo em Arte-educação era permitido em nome da livre-expressão (Bacarin; Noma, 2005).

Com o Modernismo, a educação passou a conceituar arte como expressão, ocorrendo prósperas experiências de arte como atividades extracurriculares para crianças e adolescentes (Arte no Brasil, 2011). Nesse contexto, a década de 1970 trouxe a obrigatoriedade da Educação Artística no ensino formal, e no final do século XX, o movimento de arte-educação se fortifica sintonizando com a pós-modernidade, devido às pesquisas no campo das práticas artísticas.

A Educação Artística foi incluída na escola, em seu currículo, com a legislação vigorada em plena ditadura militar pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici (1905-1985), sob a lei de nº 5.692 de 12 de agosto de 1971



(LDB), estabelecendo, portanto, as diretrizes de ensino da 1ª à 8ª série – correspondendo ao 1º grau, e ao colegial (2º grau). No Art.7º do primeiro capítulo da lei se podia ler: “Do Ensino de 1º e 2º graus [...]; Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, **Educação Artística** e Programa de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus [...]” (Brasil, 1971).

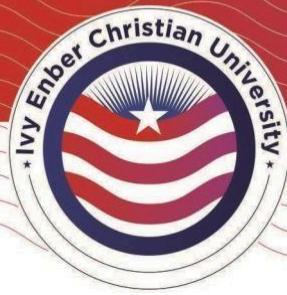
A lei que fixava as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus foi totalmente abolida, e apesar de não ser disciplina, já despontava a sua obrigatoriedade na formação escolar, que segundo Ana Mae Barbosa (1989), não havia sido implementada por arte-educadores brasileiros, mas criada por ideologia de educadores norte-americanos sob um acordo oficial (Acordo MEC-USAID), reformulando a Educação Brasileira.

Ana Mae Barbosa muito contribuiu para a área da educação artística. Seu trabalho abrangeu diversos aspectos, incluindo a valorização da criatividade, a importância da arte na educação e a defesa do ensino da arte como disciplina curricular nas escolas. Em seu livro “Arte-educação no Brasil”, publicado em 1978 traçou um panorama histórico da educação artística no país, analisando sua evolução e discutindo os desafios enfrentados nessa área. A autora assim elucida:

Nossa concepção de história da arte não é linear, mas pretende contextualizar a obra de arte no tempo e explorar suas circunstâncias. Em lugar de estar preocupado em mostrar a então chamada evolução das formas artísticas através dos tempos, pretendemos mostrar que a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal (Barbosa, 1989, p. 178).

Barbosa (1989) defendeu a abordagem interdisciplinar no ensino da arte, integrando-a com outras disciplinas e áreas do conhecimento, como a história, a cultura, a filosofia e a antropologia. Ela acredita que a arte pode contribuir para uma educação mais humanizadora, promovendo a expressão individual, a sensibilidade estética e o pensamento crítico.

A autora ensina que a função da interdisciplinaridade não é comunicar ao sujeito uma visão integrada de todo o conhecimento, porém desenvolver nesse indivíduo um processo de pensamento que o capacite a buscar uma nova síntese



frente a novos objetos de conhecimento. “Nesse sentido a integração do conhecimento será sempre tentativa, nunca terminal, e o método analítico-sintético, portanto o eixo em torno do qual a interdisciplinaridade se realiza” (Barbosa, 2010, p. 18).

Barbosa deu ênfase para o quanto deve-se valorizar a arte popular, as manifestações folclóricas, as festas tradicionais, ou seja, as expressões culturais, para que a identidade cultural local seja promovida e haja respeito à diversidade. Ela contribuiu na formação de professores de artes, influenciando educadores e pesquisadores, bem como no desenvolvimento de programas educacionais, sendo que suas ideias têm sido discutidas e aplicadas em contextos de educação no Brasil e no exterior.

A sua Proposta Triangular, é bastante utilizada na educação artística, propondo uma estrutura pedagógica para o ensino-aprendizagem em artes, com três dimensões interligadas: fazer artístico, apreciação estética e contextualização histórica.

O “fazer artístico” diz respeito ao incentivo dos alunos para que experimentem e criem obras de arte através de técnicas e materiais diferentes, como pintura, desenho, colagem, escultura, dentre outras formas de expressão artística, levando os alunos a desenvolverem habilidades e explorem a criatividade.

A “apreciação estética” convida os estudantes à observação, análise e interpretação de obras de arte, refletindo os elementos cor, forma, linha, textura e composição. Envolve ainda, a compreensão dos significados e intenções nas obras de arte, a discussão e a crítica.

A “contextualização histórica” insere os estudantes na história da arte, nos movimentos artísticos, frente aos artistas renomados e diferentes culturas influenciadoras da produção artística no decorrer do tempo. Essa dimensão leva os alunos à compreensão do contexto social, cultural e político em que as obras de arte foram criadas, e o conhecimento da sua relevância para a sociedade.

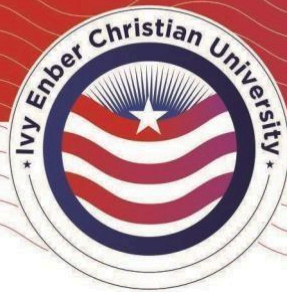
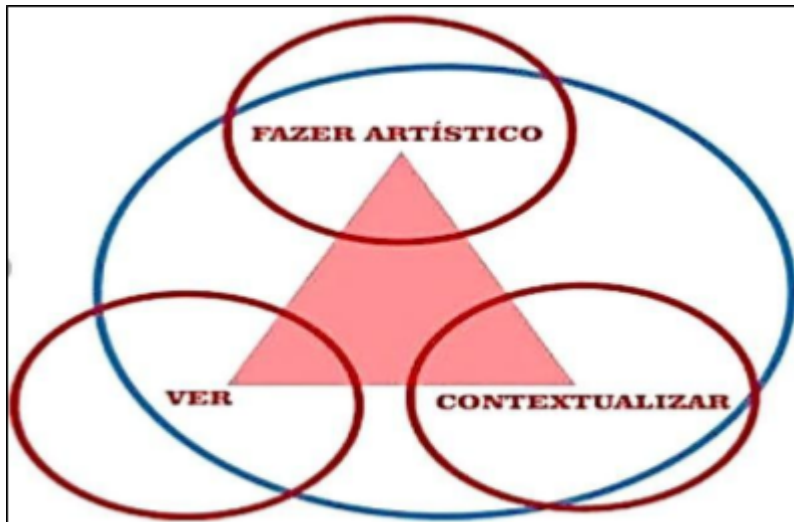


Figura 5 - Representação gráfica das dimensões da Abordagem Triangular de Barbosa

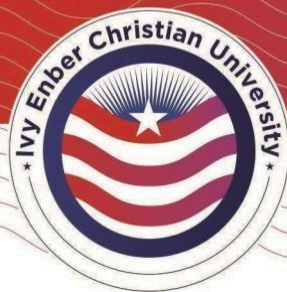


Fonte: Carvalho (2017).

A Proposta Triangular propõe que essas três dimensões sejam interconectadas e trabalhadas de forma integrada ao longo do processo educativo. A ideia é que os alunos possam vivenciar a arte em sua plenitude, envolvendo-se tanto na criação como na apreciação e compreensão do universo artístico. Segundo Machado (2010, p. 79): “A Abordagem Triangular não serve para quem quer um manual, nem tem caráter prescritivo. Requer o espírito livre, a disciplina investigativa e a disposição corajosa para perceber o que se anuncia ao longo dos passos no caminho”.

Essa abordagem visa superar uma visão segmentada e circunscrita da arte, e ao integrar as três dimensões, propostas por Barbosa, a abordagem triangular possibilita uma educação mais ampla, promovendo a sensibilidade estética, a expressão individual, a reflexão crítica e a compreensão histórica e cultural. Tem sido adotada e estudada no Brasil e até em outros países, influenciando a prática pedagógica e cooperando para uma abordagem mais rica e significativa no ensino da arte.

A Abordagem Triangular é, portanto, um modelo conceitual proposto por Ana Mae Barbosa que integra dimensões no ensino-aprendizagem da arte, estando inter-relacionadas: produção, apreciação e contextualização.



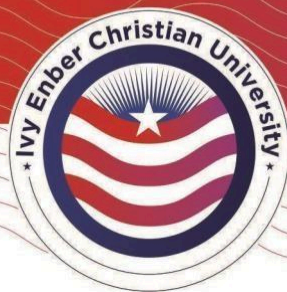
Voltando à questão histórica, na década de 80 a arte na educação enquanto movimento social teve início, em que profissionais licenciados em Arte, empreenderam uma luta política para que a arte permaneça na escola pública e nos espaços pedagógicos institucionalizados, bem como, para que a arte seja presente nos currículos da educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Buscava-se a criação de referenciais teóricos para o ensino das artes de modo específico.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de nº 9.394 consolidou a arte como área de conhecimento obrigatória de modo a promover a formação cultural dos estudantes. O art. 26 da referida lei ensina no § 2º: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica” (Redação dada pela Lei nº 13.278, de 2017). E ainda completa no inciso mais à frente: “§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (Redação dada pela Lei nº 13.278, de 2016) (Brasil, 1996).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCn's), elaborados quase ao mesmo tempo que a LDB - com a versão inicial de seu documento de 1995, é lançado pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC) em 1997 (1ª a 5ª séries) e 1998 (5ª a 8ª séries), com adoção não obrigatória. Segundo Lavelberg (2013-2014), os PCn's de arte foram trabalhados junto às demais áreas de conhecimento e distribuídos para escolas e professores de todo o Brasil com a pretensão de transformar a reflexão e a prática em cada uma das linguagens da arte para serem trabalhadas separada em suas especificidades: artes visuais, dança, música e teatro.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é documento regimental das escolas brasileiras para um ensino-aprendizagem essencial, ampliou as possibilidades de experiências com a Arte levando a reflexões importantes sobre o significado da Arte na educação bem como assentou o reconhecimento da Dança, da Música e do Teatro como linguagens constituídas de uma própria gama de conhecimentos específicos (Trevisan, 2022).

Segundo Trevisan (2022), a BNCC com suas sugestões traça caminhos que possibilitam ao alunado ricas experiências estéticas nas aulas de Arte,



protagonizando crianças e jovens que podem expressar seus sentimentos e criatividade através do processo artístico.

Para o Ensino Fundamental, foi inserida, além das linguagens presentes uma unidade temática denominada de “Artes integradas”, que segundo a autora ora citada, é uma novidade que enseja levar os alunos a explorarem diferentes linguagens: “Artes integradas, explora as relações e articulações entre as diferentes linguagens e suas práticas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação” (Brasil, 2018).

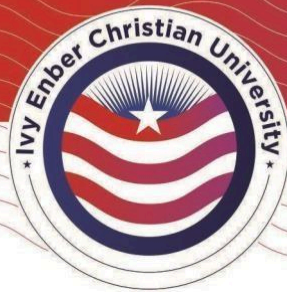
Portanto, a arte-educação desempenha um papel fundamental na formação integral dos estudantes, proporcionando-lhes experiências enriquecedoras, estimulando a criatividade, a sensibilidade estética e o pensamento crítico, além de promover a inclusão e a valorização da diversidade. Ela contribui para a formação de indivíduos mais conscientes, reflexivos e engajados, capazes de se expressar e se envolver ativamente no mundo.

Com a inclusão dessa unidade temática, corrobora-se mais ainda para um contexto de ensino-aprendizagem fomentador à arteterapia na educação, preceituando as inclinações artísticas necessárias à formação integral e manutenção dos alunos perante o articular de várias linguagens e práticas artísticas sob o uso das novas tecnologias.

A seguir, adentrar-se-á no tópico da arteterapia entrelaçando-a de maneira significativa com a educação, a qual proporciona uma abordagem única para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

2.4. A ARTETERAPIA E A SUA RELAÇÃO COM O CAMPO EDUCACIONAL

A arte como terapia desempenha um papel significativo na educação, proporcionando benefícios emocionais, cognitivos e sociais para os estudantes. Ao utilizar a expressão artística como meio de comunicação e exploração pessoal, a terapia artística permite que os alunos se expressem livremente, explorem suas emoções e desenvolvam habilidades de autorreflexão.



Um dos papéis da arte como terapia na educação é facilitar a expressão emocional. Através da arte, os alunos podem expressar sentimentos complexos e difíceis de colocar em palavras. A criação artística oferece um espaço seguro e não ameaçador para a expressão de emoções, promovendo a autoconsciência e a compreensão emocional.

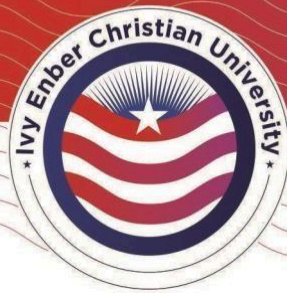
Para Machado et al. (2017?), convém através da educação, que o ser humano seja fortalecido, para que possa transformar a sociedade. Segundo os autores “A transformação [...] por meio da arteterapia, implica em criar atividades artísticas que lhes conduzam no processo de agentes transformadores de si mesmos e da sua comunidade” (Machado et al., 2017?, p. 2).

A arte é utilizada pelo homem com fins terapêuticos há séculos, sendo subjetiva a cada indivíduo pela expressão de seus sentimentos – tanto para quem a realiza quanto para quem a vê representada. O homem do período que antecede a história escrita já expunha seus “insights” nas cavernas, mostrando a sua percepção sob sentimentos produzidos da rotina de seu dia a dia.

No contexto escolar, segundo Albert (2010), há alunos carentes em todas as partes, principalmente na educação especial, os quais são identificados com metas e diagnósticos individualizados. Contudo, alunos que não possuam necessidades especiais diagnosticadas também lutam com situações estressoras, tais quais:

Gravidez e paternidade na adolescência, abuso sexual, separação de famílias devido à guerra e status de refugiado, analfabetismo em línguas novas e nativas, registros criminais, envolvimento com gangues, falta de moradia e abuso de substâncias (Albert, 2010, p. 90).

Albert (2010) explica que ao fazer parceria com outras disciplinas, a arteterapia pode ter mantida sua integridade por quatro princípios-chave: 1) evitando que seja identificada com um único modelo; 2) todas as opções são mantidas abertas para parcerias criativas; 3) é mantida a arte e a psicologia profunda como base, e, 4) mantém-se sintonia com as imagens que são criadas. “Quando os arteterapeutas se tornam professores de arte certificados, estudam boa pedagogia e aderem a esses princípios, a arteterapia legítima baseada em sala de aula pode ocorrer” (Albert, 2010, p. 90).

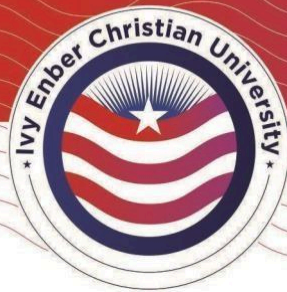


A linguagem da educação deve ser entendida e adaptada pelos arteterapeutas escolares, pois as abordagens educacionais devem ser modificadas para atender às necessidades de populações especiais de estudantes. Uma “combinação bem-sucedida de ensino e terapia para a expressão pessoal é o resultado do planejamento de ambos os componentes e da integração de todas as teorias apropriadas” (Albert, 2010, p. 92).

Quando se integra uma boa pedagogia ao planejamento de um processo terapêutico o poder da arteterapia não é minimizado, pelo contrário, a arteterapia se torna altamente aceitável no sistema escolar e, assim, acessível a mais alunos carentes. Estratégias de ensino serão facilmente adaptáveis a arteterapeutas em funções de ensino, a fim de criar programas de arte significativos como parte do cotidiano escolar. Professores dispostos a trabalhar com várias populações de alunos e que façam acomodações para atendê-los em seu nível acadêmico e emocional, reforçam a necessidade de programas de arteterapia em parceria com a disciplina de artes (Albert, 2010).

Quando Albert (2010), fala em boa pedagogia, não se tem o intuito de impor juízo de valor, mas ressaltar aspectos característicos que um pedagogo disposto se dispõe a obter, como por exemplo: ter um olhar acurado para a identificação de conflitos na vida dos educandos e ensiná-los para um bom gerenciamento. Esse bom pedagogo, é aquele que também se propõe a ser um eterno aprendiz, objetivando a formação de uma boa geração de pessoas. Exercer uma boa pedagogia, portanto, vai além e impele ao educador a vontade de transformar, promover mudanças significativas ao seu redor. Ensinar não somente os conteúdos, mas injetar no educando a vontade de estar na escola, de aprender, de identificar dentro de si mudanças através das mediações de seu mestre.

Poderíamos falar muito sobre o que é fazer uma boa pedagogia, mas nos limitaremos aos aspectos já elucidados. Voltando à arte, se entende que ela está presente em todo o cotidiano do ser humano. O homem faz e lida com a arte todos os dias, contactando as mais antigas formas de sua expressão, bem como as mais novas. Num contexto de produção na história humana, Santos (2005, p. 6) bem ensina:



Ao longo da história, o homem sempre produziu ferramentas para facilitar seu trabalho ou para ajuda-lo a superar suas limitações físicas. A vara e o anzol, por exemplo, nada mais são do que o prolongamento do seu braço; o guindaste, por sua vez, facilita o levantamento de pesos que não poderiam ser movidos apenas com a força muscular. Assim, o homem, um ser que facilmente seria vencido pelos elementos da natureza, produziu um sem número de artefatos que lhe possibilitaram dominar e transformar o meio natural. Essa atitude de criar instrumentos e aperfeiçoá-los constantemente torna possível a compreensão do processo civilizatório pelo qual o homem vem passando desde que surgiu sobre a Terra.

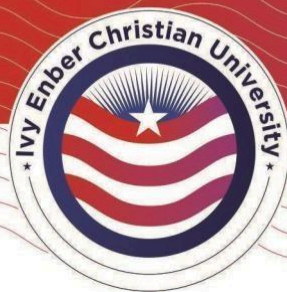
No aspecto da educação, foi no final do século XX que se viu o surgimento e o desenvolvimento de novas propostas na esfera da sala de aula a fim de melhorar o autoconhecimento e a criatividade, visando diminuir problemas ligados aos aspectos emocionais e de aprendizagem dos educandos (Machado et al., 2017).

A arteterapia torna-se uma ferramenta para o professor reconhecer-se, enquanto, sujeito histórico e social, bem como, proporcionar aos alunos o mesmo processo. Além do autoconhecimento a arteterapia, estimula o desenvolvimento da criatividade, torna-se importante num momento histórico no qual a sociedade precisa de pessoas com criatividade no campo profissional (Machado et al., 2017?, p. 4).

De acordo com Santos (2003), o sistema de educação deve se interessar em expandir o autoconhecimento e o potencial criativo dos alunos, atuando como uma ponte, dando corpo ao aprendizado emocional, do primeiro grau até à educação adulta.

Perante as necessidades das escolas atuais, a arteterapia se mostra como recurso de ensino, em que os professores que possuem conhecimento na área irão primar por atender a demanda dos estudantes com relação ao autoconhecimento, à criatividade e à socialização. A arteterapia é um processo estruturado operacionado por atividades pré-organizadas, com exploração de materiais artísticos, delimitando a abrangência de atuação, demarcando cronologias, e acompanhando e avaliando (Bordin, 2014).

Novamente se volta ao aspecto da compreensão sobre o contexto que os alunos estão vivenciando em Rogers (2019), quando a autora destaca a relevância da arteterapia em vista de aspectos emocionais aos alunos, devendo ser reconhecida e empregadas teorias e abordagens emergentes para facilitar o



aprendizado dos alunos nas escolas. “Com um aumento de estudantes lutando com problemas emocionais, é vital para aqueles que trabalham no campo apoiar esses alunos para defender o que é mais útil para os alunos” (Rogers, 2019, p. 4).

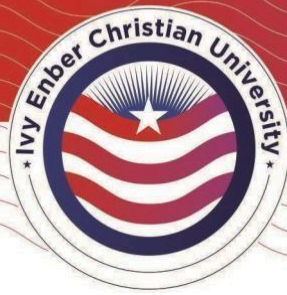
Para Rogers (2019), a arteterapia se estabelece como terapia que se baseia no engajamento em atividades de artes (como pintura ou desenho) enquanto forma de expressão criativa e comunicação simbólica, principalmente em sujeitos afetados com um transtorno mental ou emocional ou comprometimento cognitivo.

Essa terapia é benéfica para uma ampla gama de populações, já que ajuda no processamento de sentimentos e emoções inconscientes levando à expressões noutra formato. Rogers (2019) descreve os arteterapeutas escolares como terapeutas ou conselheiros que prestam serviços de intervenção e prevenção, sendo que a arteterapia pode também capacitar os alunos para identificarem seus mundos internos subjetivos sob um processo criativo e o que é criado se torna então o veículo por meio do qual a transformação e o insight são iniciados.

Por outro viés, a aula de artes se foca frequentemente em aprender os elementos formais da arte e princípios de design como valor, linha e forma, ensinando os indivíduos a aplicarem este conhecimento na criação de peças mais complexas e esteticamente agradáveis (Rogers, 2019). Muitas vezes o foco está no produto da arte e não no processo. Artistas podem incluir naturalmente suas próprias emoções e sentimentos em suas produções porque criaram algo que só existia dentro de suas próprias cabeças. Entretanto, ao contrário da arteterapia, nela há um autocuidado emocional. Portanto, “expressão não é necessariamente o objetivo do processo artístico” (Rogers, 2019, p. 5).

As aulas de artes nas escolas incluem muitas vezes a estrutura de classificação das tarefas finais, para avaliar se um estudante demonstra satisfatoriamente a habilidade que lhe foi ensinada. Assim, existem os tradicionais e ferramentas convencionais, técnicas e abordagens padronizadas em toda a comunidade artística. “O conhecimento da arteterapia tem grande importância para os professores de arte” (Rogers, 2019, p. 5).

Rogers (2019), propõe que há a necessidade de programas de arteterapia nas instituições escolares e constatam que a arte pode produzir envolvimento



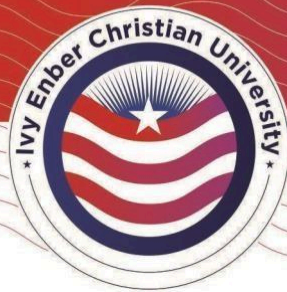
emocional e aumento da empatia. Entende Rogers (2019), pautada em determinados autores, que o conhecimento dos potenciais benefícios terapêuticos por introduzir a arteterapia com os estudantes na escola, tem grande importância para o futuro da saúde mental, práticas de saúde e estigmas em volta dos serviços de saúde mental na juventude de hoje.

A autora expressa em seus estudos a falha quanto ao reconhecimento pelos quais a arteterapia e a disciplina de artes podem cooperar para o benefício dos alunos nas escolas quanto ao aspecto emocional dos indivíduos. É fato que, mesmo em meio a importância potencial da arteterapia nas escolas, são poucos os pesquisadores que têm estudado o impacto emocional das aulas de arte na população geral de estudantes, apesar de os dados apresentados na literatura sugerirem que a arte é uma poderosa maneira de expressão.

A arte como terapia estimula o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Ao envolver-se em atividades artísticas, como desenho, pintura, escultura ou música, os alunos são desafiados a pensar de forma criativa, a tomar decisões e a resolver problemas. Essas habilidades cognitivas são transferíveis para outras áreas do currículo acadêmico, beneficiando o desenvolvimento intelectual geral dos alunos.

A terapia artística também desempenha um papel social importante, promovendo a colaboração e a comunicação entre os estudantes, permitindo que eles compartilhem ideias, trabalhem em equipe e desenvolvam habilidades sociais. Além disso, a criação artística em grupo pode melhorar a coesão e o senso de pertencimento em uma comunidade escolar, promovendo um ambiente inclusivo e acolhedor. A arte como terapia na educação pode ajudar os alunos a lidar com desafios e dificuldades pessoais. Ao se envolver em atividades artísticas, eles podem encontrar alternativas de expressar e processar experiências traumáticas, estresse ou ansiedade. A terapia artística oferece um meio de autoconhecimento e autocuidado, auxiliando no desenvolvimento da resiliência emocional.

O capítulo a seguir, portanto, aborda a definição da arteterapia e seus primeiros passos diante da subjetividade humana, explorando os aspectos lúdicos e destacando a arteterapia como impulsionadora da inclusão escolar.



CAPÍTULO III

3. O QUE É ARTETERAPIA?

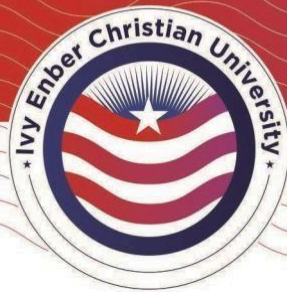
A arte na atualidade é entendida como uma área de conhecimento e que possui respaldo de leis e de documentos normativos contendo aportes que ensejam a educação humana. Nesse contexto, o texto normativo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, que norteia a educação do Brasil para cada etapa do ensino, produziu um padrão para o ensino e guia o trabalho pedagógico dos profissionais da esfera pública e privada.

Nesse documento, no que concerne à disciplina de artes, os alunos devem ter a oportunidade de experimentar várias abordagens e não somente conhecer; os professores devem desenvolver ações na escola que envolvam a parceria em prol da aprendizagem dos alunos: da absorção de conteúdos e potencialização de habilidades, ou mesmo, o despertar delas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n. 9.394) de 1961 em seu artigo 66 já aduzia sobre o dever de o ensino superior se pautar em pesquisa e desenvolvimento das ciências, letras e artes, sendo que a união seria a provedora junto aos planos do Conselho Federal e conselhos estaduais de educação, assegurando assim a provisão de recursos para completude dessas ações em seu artigo 93 (Brasil, 1961).

Dez anos depois, em 1971, a LDB inclui a obrigatoriedade da Arte como atividade educativa com o cunho de Educação Artística para o 1º e 2º graus (art.7º, cap. I, BRASIL, 1971). Em 1996, a LDB então institui a disciplina de artes com o seguinte regulamento: § 2º “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica” (Art. 26). ([Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017](#)) (Brasil, 1996).

Em 2016, uma nova redação na forma da Lei n. 13.278 com sanção pela então presidente Dilma Rousseff, foi publicada no Diário Oficial da União no artigo 26 e inciso 6º com o seguinte enunciado: “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o §



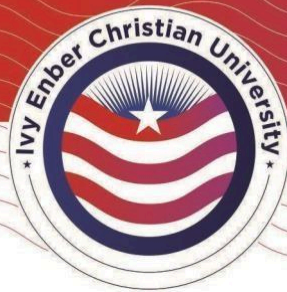
2º deste artigo” (Brasil, 1996). Na educação básica, portanto, essas atividades são de cunho obrigatório dentro da disciplina de artes.

Em 2015, um projeto de Lei - PL n. 3.416 de 27 de outubro com a ementa de regulamentar a profissão do Arteterapeuta e de dar outras providências, tramitou em regime ordinário. De lá para cá, as tramitações do Projeto de Lei de autoria do Deputado Giovani Cherini (RS) foram monitoradas pelo Departamento de Arteterapia; mais recentemente, em 2022, o projeto foi aprovado pela Deputada Flávia Moraes (GO), adotando o texto e alterando-o junto ao Deputado Francisco José D'Ângelo Pinto (Chico D'Ângelo). As alterações propostas pelos políticos foram a de que o arteterapeuta – tanto nas instituições públicas ou privadas -, tem competência para coordenar, chefiar cursos de graduação em Arteterapia e demais cursos de educação e saúde.

Nesse contexto, a arte enquanto possuidora de atributos refletiria o eu do indivíduo e o ajudaria a se relacionar melhor com seu entorno, além de lhe oferecer conhecimento de mundo – passado e presente. A oferta e garantia da arte na educação, seria, portanto, a maneira de conferir ao ser que se educa, possibilidades de obter conhecimento, avançando na aprendizagem, trabalhando habilidades e desenvolvendo um potencial novo ou adormecido.

Para Seidel (2020), a arte denuncia a realidade e proporciona saída para as difíceis situações encontradas na sociedade. Por ser próxima à vida das pessoas, a arte da atualidade tem poder de vínculo com a arteterapia, sendo utilizada como terapia e ajudando na promoção de bem-estar. Através da arte, a arteterapia almeja o resgate do âmago do ser humano por meio de ações educativas, que questionem, que se direcionem à poesia, à filosofia da arte, gerando qualidade de vida.

A mesma autora ainda explica que, ao usar a arteterapia em benefício humano, se pode dizer que a arte leva a ao entendimento, ao questionamento, a ver, a gerar ideias e a formulá-las, transformando o pensamento numa constante corrente, permitindo ao sujeito que repense o seu mundo a partir da arte. Por meio da consolidação da arteterapia com a arte da contemporaneidade, o ser humano pode angariar um novo olhar sobre o mundo, podendo alcançar um novo significado às coisas e objetos e mesmo à sua própria existência.



A arteterapia seria uma ferramenta que apresenta uma diversidade sobre a arte para formar e desenvolver pessoas; para corroborar com essa premissa, cite-se as palavras de Ischkanian quando diz: “Ensina-me de diferentes maneiras, pois assim, eu posso aprender!” (Ischkanian, 2022).

A arteterapia seria a forma de exprimir e (re)imprimir no indivíduo algo que é somente seu através do processo artístico, fazendo uso das cores, de qual desenho fará na sua arte, de não precisar fazer um desenho “aprimorado e bonito” e apenas seguir o seu sentimento e mão livre. O convite do professor será de levar o estudante a usar as cores, os tons, as formas, as linhas e depois de o desenho estar pronto, convocar à reflexão sobre o significado do mesmo. Esse processo garante a centralidade no educando e não no educador, este seria somente o mediador entre o indivíduo consigo mesmo e com o mundo.

Para Carrano (2022), a arteterapia transita entre psicologia e as artes visuais, originada também por outros conhecimentos teóricos.

Segundo Souza (2021), o psiquiatra Max Simon no ano de 1876 analisou pinturas de pacientes e as definiu segundo as patologias que os mesmos apresentavam. No mesmo período, outros médicos europeus como Morselli (1894), Fusac (1900) e Júlio Dantas (1900) também se interessaram pelas expressões artísticas dos doentes.

Contudo, em 1906, o psiquiatra Fritz Mohr empreendeu um importante estudo ao comparar as pinturas de pessoas com doenças mentais com as de indivíduos saudáveis e com o de grandes artistas e notou que se manifestavam histórias pessoais com relação à vida e conflitos. Seu estudo influenciou tempos depois, o desenvolvimento de testes usados na psicologia, como o Rorschach e TAT (Murray) (Souza, 2021).

O ser humano cria e aprimora técnicas ajudando na construção cultural e histórica bem como propagação de conhecimentos antepassados para as futuras gerações. É nessa mesma ideia que a arteterapia foi criada e sistematizada. Sobre isso, Carrano (2020) diz que a arteterapia não tem uma conceituação específica, mas demonstra a construção desse método por meio das figuras a seguir:

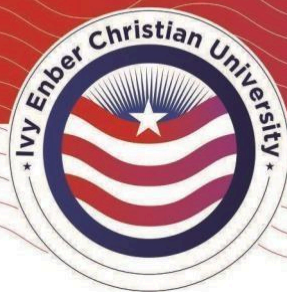


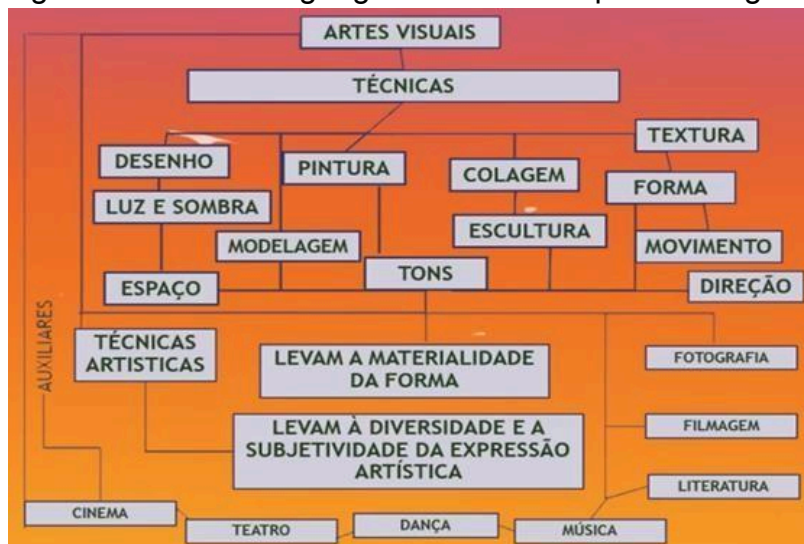
Figura 6 - Base da arteterapia



Fonte: Carrano (2020). Print de tela.

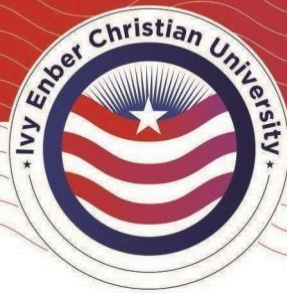
A partir dos aspectos iniciais que dão origem à arteterapia, outras linhas vão entrando na elaboração, como visto na figura seguinte:

Figura 7 - Demais linguagens e técnicas que dão origem à arteterapia



Fonte: Carrano (2020). Print de tela.

Segundo Coqueiro, Vieira e Freitas (2009), a arteterapia recebeu influência da Psicanálise Freudiana, a qual se interessou pela arte como meio de manifestação do



inconsciente através de imagens. Na década de 1920, a Psiquiatria Junguiana se apropriou da expressão artística como parte do processo psicoterápico, e segundo Jung, as imagens representariam a simbolização do inconsciente individual e também coletivo.

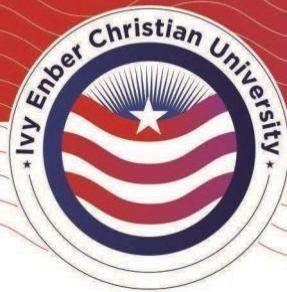
Osório César e Nise da Silveira foram psiquiatras brasileiros de grande importância na fundamentação da arteterapia. Em 1923 Osório César trabalhou com arte no hospital do Jugueri – Franco da Rocha em São Paulo, e publicou “A arte primitiva nos alienados” sob a influência da psicanálise de Freud. Publicou em 1927 a “Contribuição para o estudo do simbolismo místico nos alienados” e “Sobre dois casos de estereotipia gráfica com simbolismo sexual”. Em 1929, “A expressão artística nos alienados” foi publicada. O estudioso trocou experiências com Freud e fez vários estudos, dentre os quais muitos se perderam (Souza, 2021).

Nise da Silveira em 1946 trabalhava no Centro Psiquiátrico D. Pedro II e buscando entender as imagens que eram produzidas pelos pacientes sob a ótica da teoria de Jung fez um estudo de excelência deixando um grande legado para a Arteterapia. A médica psiquiatra apresentou os trabalhos dos internos em congresso de psicopatologia na Europa e se correspondeu com Jung. Fundou em 1952 o Museu de Imagens do Inconsciente e escreveu o livro “Imagens do Inconsciente” em 1981 (Souza, 2021).

Após esses ocorridos, muitos trabalhos foram feitos segundo a teoria freudiana e junguiana. Contudo, a Arteterapia excedeu os estudos psiquiátricos. Em seu consultório, Margaret Naumburg a empregou sob os princípios da psicanálise, e denominou seu trabalho como “Arteterapia de orientação dinâmica”. Cursos de extensão em Arteterapia foram por ela ministrados em 1968 (Souza, 2021).

No início do século XX, Freud mostrou interesse pela arte postulando que o inconsciente manifesta-se por meio de imagens, transmitindo significados mais diretos que as palavras. Notou que o artista pode simbolizar por concreto o inconsciente quando da sua produção artística, com retratos da psique que segundo ele seria uma maneira de catarse (Souza, 2021).

Hanna Yaka Kitkowska iniciou um trabalho de arteterapia com grupos e famílias no ano de 1953 em Maryland. Em 1958 Edith Kramer usou a arteterapia sob



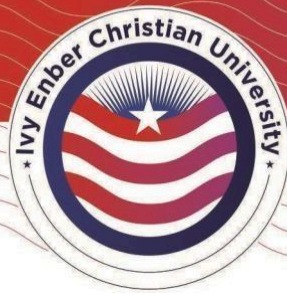
os princípios freudianos, atentando-se mais ao processo que ao produto final. Ela deu prioridade a observar o comportamento no processo artístico sem precisar de verbalização, e crer que a relevância no trabalho está na relação transferencial (Souza, 2021).

No ano de 1972, Françoise Douto usou a arte para a comunicação com crianças por meio de mímicas, gestos, desenhos, esculturas, e etc., e promovia a interação com crianças mesmo as que não falavam, buscando ajudar no desenvolvimento do raciocínio, na motricidade e na interação afetiva com os demais. Janie Rhyne fez uso dos princípios da Gestalt – Terapia, descrevendo as experiências e transformações de seus clientes com as técnicas de fazer arte aplicadas. Em seu livro *The Gestal Art Experience* expôs a possibilidade de a arte reorganizar as percepções e conflitos (Souza, 2021).

Em 1974 a terapeuta Natalie Rogers filha do psicólogo Carl Rogers aplicou os princípios da teoria centralizada no indivíduo junto ao trabalho expressivo: modelagem, pintura, expressão corporal, dança, teatro, música, mímica e poesia. Supunha que a verbalização e compreensão devem partir do próprio indivíduo e não o terapeuta que deva interpretá-la, dando nome a este processo de Conexão Criativa. Há teorias mais recentes que dão base à arteterapia tais quais: o Psicodrama de Moreno, a Gestalt de Perls, as linhas humanista, sistêmica e transpessoal (Souza, 2021).

De acordo com Souza (2021), a arteterapia faz uso da arte como terapia, gerando resultados num espaço breve de tempo. A intenção é promover estímulos que deem ao indivíduo uma abertura de consciência sobre si e de sua existência. Faz uso espontâneo da expressão simbólica não se preocupando com a estética, usando modalidades expressivas como a pintura, a colagem, a modelagem, a tecelagem, o desenho, os sons, a expressão corporal, as músicas, e etc., fazendo uso fundamental das artes plásticas o que permite a identificação enquanto uma disciplina diferenciada.

Enquanto a Arte-Educação ensina arte, a arteterapia vai mais além e propicia mudanças psíquicas, expandindo a consciência, reconciliando conflitos emocionais, possibilitando o autoconhecimento e o desenvolvimento enquanto pessoa. A



arteterapia ajuda com os conflitos internos humanos e na escalada da personalidade (Souza, 2021).

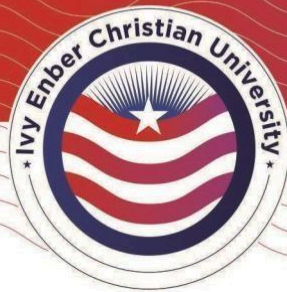
A autora supracitada explica que, por seu caráter muito transformador, a arteterapia pode ser experienciada por qualquer pessoa, desde crianças a idosos com ou sem necessidades especiais. Nos dias atuais, tem sido praticada em lugares com atendimentos individuais ou coletivos e em ateliês. Com a formação necessária num curso de arteterapia, o profissional de qualquer área poderá adequá-la.

Ela informa que no Brasil a arteterapia e a bibliografia da área em específico têm crescido de modo considerável nas últimas décadas. Congressos diversos já foram realizados, reunindo arteterapeutas de vários estados do Brasil, dos EUA e da Europa onde é muito propagada. Foi fundada nos Estados Unidos a *American Arttherapy Association* desde 1969, caracterizando-a como profissão por lá. Está assim definida:

Arteterapia é uma profissão integrativa de saúde mental e serviços humanos que enriquece as vidas de indivíduos, famílias e comunidades por meio de criação de arte ativa, processo criativo, aplicação teoria psicológica e experiência humana dentro de uma relação psicoterapêutica. A Arteterapia, facilitada por um arteterapeuta profissional, apoia eficazmente o relacionamento pessoal e objetivos do tratamento, bem como as preocupações da comunidade. A Arteterapia é usada para melhorar a capacidade cognitiva e funções sensorio-motoras, promovem a autoestima e a autoconsciência, cultivam a resiliência emocional, promover a percepção, melhorar as habilidades sociais, reduzir e resolver conflitos e sofrimento, e avançar mudança social e ecológica (American Arttherapy Association, 2022).

De acordo com Souza (2021), existem várias associações de arteterapeutas no Brasil: em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Pernambuco, Bahia e Sul do Brasil. Há também a União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT) com o intuito de normatizar, reconhecer e legalizar a profissão. Dessa forma, a arteterapia serve cada vez mais para gerar qualidade de vida ao homem do século XXI, já que serviu muito bem aos indivíduos do século passado.

A arteterapia nasceu da arte como base, vindo de um processo em que terapeutas e educadores notaram a importância de símbolos e metáforas para expressão de sentimentos, primeiro em hospitais psiquiátricos e ateliês de expressão livre para outros tratamentos (Reis, 2014).



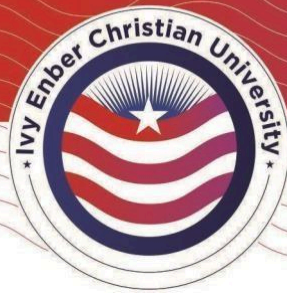
Foi nos anos de 1960, que a prática da arteterapia se consolidou devido ao uso de várias formas de expressão artística com uma finalidade terapêutica e/ou pedagógica, não requerendo habilidades especiais, talentos únicos ou sensibilidade especial, se tratando do uso de uma metodologia de expressão (Aranha, 2006).

A arteterapia é uma disciplina científica que possibilita atuação profissional bastante abrangente. Em 2006, no Brasil, foi fundada a UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia) órgão que representa as Associações de Arteterapia dos estados ou regiões de nosso país. A área em que o arteterapeuta pode atuar abrange a Educação, a Psicologia e a Saúde.

A disciplina permite a valorização de expressões e de conteúdos pessoais através de recursos expressivos e artísticos, segundo Allesandrini (2009, p. 13), de certo modo existem “dois aspectos fundamentais sempre: o criativo em ação e o uso de recursos artísticos para que a expressão do criativo possa se explicitar dentro de um espaço preparado para a elaboração psíquica de conteúdos pessoais”. Isto é, empreendem-se dinamismos psíquicos básicos com conteúdos simbólicos e que estão presentes nos trabalhos que são desenvolvidos.

Não ocorre preocupação com as questões estéticas de criação dentro da arteterapia, mas o que as formas e formatos que surgem no processo podem revelar com relação a sentimentos ou comportamentos, conscientes ou inconscientes. Em seu papel, o profissional arteterapeuta incentivará os pacientes a interpretar as suas criações, auxiliando-os para novas descobertas. Nesse ínterim, se estabelece uma relação entre o arteterapeuta, aluno e a arte projetada na terapia (Silva, 2019).

Segundo Silva (2019), a base de atuação da arteterapia são as teorias da Psicanálise, Gestalt e Psicologia; o profissional arteterapeuta no desenvolver de seu trabalho contribui para melhorar a qualidade de vida de indivíduos, e pode fazer uso de diferentes recursos e expressões artísticas na busca do equilíbrio mental, físico e emocional. A música, a pintura, o teatro, a dança, poesias e etc., exemplificam linguagens da arte usadas pelo arteterapeuta. A Classificação Brasileira de Ocupação (CBO) define a arteterapia como profissão, e o profissional pode atuar em vários espaços de âmbito social, educacional e de saúde, além de trabalhar em consultórios.



A Arteterapia, segundo Bernardino (2009, p. 10):

Está [...] constituído de uma metodologia própria; e não de simples junção entre Arte e outras áreas como, por exemplo, psicologia, medicina, educação, etc. No decorrer histórico, considerando o frequente diálogo entre a Arte com tantas outras áreas; estes contribuíram ao posterior nascimento da Arteterapia enquanto disciplina e metodologia específicas, dotada de um saber próprio. Contudo ao afirmá-la, enquanto tal, atualmente não podemos pensar somente em seu diálogo com a Arte, mas também com estas outras e diversas áreas de saber específico, tomando-as enquanto interfaces.

Segundo Machado et al. (2017?, p. 3), a origem da arteterapia ocorreu no contexto da saúde: “em hospitais psiquiátricos ou atendimentos clínicos, a fim de melhorar as condições psicológicas, comunicacionais, autoconhecimento e criatividade dos pacientes”. Sendo assim, ela se porta como estratégia a ser utilizada nas escolas junto aos estudantes dos diversos níveis de ensino.

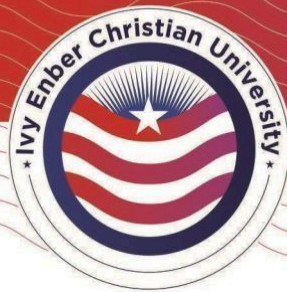
A arteterapia, portanto, “é um dispositivo terapêutico que absorve saberes das diversas áreas do conhecimento, constituindo-se como uma prática transdisciplinar, visando a resgatar o homem em sua integralidade através de processos de autoconhecimento e transformação” (Bordin, 2014, p.1).

Nesse contexto, criar possibilidades de envolvimento do educando com as construções simbólicas é levá-lo ao encantamento, alimentando a sua alma e revigorando o seu espírito, aspectos estes que contribuem significativamente para seu crescimento pessoal e até profissional.

3.1. A EXPRESSÃO LÚDICA NA ARTETERAPIA

O brincar é imprescindível ao ser humano, pois segundo Batista e Fernandes (2015, p. 399) “esta atividade o acompanha desde a sua formação embrionária, quando ouve a música cantada por seus genitores. Por tudo isso, o lúdico, faz parte da sua formação cultural, porque através dela acontece a socialização e a troca de ideias”.

[...] tem o caráter de jogo, brinquedo, brincadeiras e divertimento. Brincadeiras refere -se basicamente a ação de brincar, a espontaneidade de uma atividade não estruturada; brinquedo é utilizado para designar o sentido de objeto de brincar, jogo é compreendido como brincadeira que



envolve regras e, divertimento como um entretenimento ou distração (Santos, 2011, p. 24).

O lúdico na educação precisa ser entendido como uma indispensável ferramenta pedagógica permitindo que o aluno desenvolva sua criatividade, o raciocínio e a imaginação, o que faz com que ele tenha uma melhor compreensão do mundo e de si mesmo (Lima et al., 2023).

Perante uma massa de modelar, uma tela em pintura a guache, o manuseio de recortes e colagens, a confecção de cartazes, dentre outros, se tornam o brinquedo nas mãos do aluno. É o brinquedo que o leva a aprender a partir da exposição a todos os recursos contidos nas aulas de arteterapia. Ainda, é como se todo esse contato fosse uma brincadeira séria ou um jogo. A esse respeito, segundo o pensamento de Teixeira (2012, p. 13):

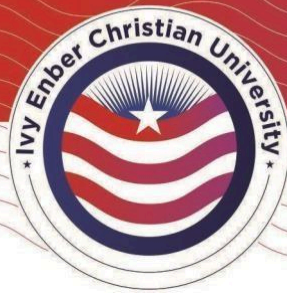
Jogos, brinquedos e brincadeiras sempre ocuparam um lugar importante na vida de toda criança, exercendo um papel fundamental no desenvolvimento. Desde os povos mais primitivos aos mais civilizados, todos tiveram e ainda tem seus instrumentos de brincar. Em qualquer país, rico ou pobre, próximo ou distante, no campo ou na cidade, existe a atividade lúdica.

Na perspectiva lúdica, o desenho, a pintura, com o uso dos materiais como giz de cera, canetinhas, lápis de cor, tinta guache se formam em uma brincadeira prazerosa seja em qualquer fase de ensino, principalmente na infância. Com o uso do lúdico na arteterapia, o professor é capaz de identificar conflitos, ajudar a saná-los e ainda gerar no aluno a vontade de estar na escola, de aprender, de se relacionar com os colegas e demais pessoas, e etc.

O lúdico é de suma importância, pois proporciona uma aprendizagem prazerosa e significativa, oferece um conhecimento descontraído e leve, e estando aliado à arteterapia, permite aos alunos uma livre expressão e melhor compreensão da realidade a qual se inserem. Por isso a sua relevância na educação.

Conforme Sarmento (2002, p. 12):

[...] As crianças desenvolvem sua imaginação sistematicamente a partir do que observam, experimentam, ouvem e interpretam da sua experiência vital, ao mesmo tempo em que as situações que imaginam lhes permite compreender o que observam, interpretando novas situações e experiências de modo fantasia, até incorporarem como experiência vivida e interpretada.



A ludicidade por si só, é uma ferramenta de grande importância, pois consegue criar um ambiente criativo e leve, onde os alunos têm uma melhor interação, o que proporciona um ensino que visa o desenvolvimento social e intelectual do alunado (Lima et al., 2023).

A ludicidade e a arteterapia podem se fundir na mente do aluno mesmo que o educador não tenha isso como proposto para a sua atividade. Enquanto o professor propõe a atividade arteterapêutica, o aluno automaticamente se desperta perante a sensação de leveza pelo não imposto. Através da arteterapia e do lúdico, promove-se então o autoconhecimento, a reflexão; um novo aprender.

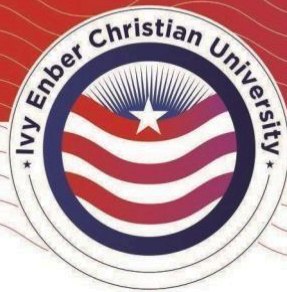
Nas palavras de Cortella (1999, p. 38):

[...] a criação e recriação do conhecimento na escola não estão apenas em falar sobre coisas prazerosas, mas, principalmente, em falar prazerosamente sobre as coisas; ou seja, quando o educador exala gosto pelo que está ensinando, ele interessa nisso também o aluno. Não necessariamente o aluno vai apaixonar-se por aquilo, mas aprender o gosto é parte fundamental para passar a gostar.

Nesse sentido, o “falar” que o autor elucida, pode ser comparado ao “viver” prazerosamente as coisas. O lúdico e a arteterapia possibilitam tais aspectos, sem falar nos propósitos inclusivos que as atividades lúdicas permitem. A arteterapia e o lúdico são muito importantes para a inclusão e desenvolvimento dos alunos, pois criam uma nova forma de aprender e de ensinar. Devem ser introduzidos nos cursos superiores para criar estímulos prévios aos novos educadores, para a melhoria da educação e das aulas. Assim, aos professores já formados, devem ser buscadas informações e preparo.

Gumieri e Treviso (2016, p. 70) elucidam que: “Somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral, e é somente sendo criativo que este indivíduo descobre o seu eu”.

Francisco (2011, p. 06), pontua que: “Mediante a atividade lúdica a criança é levada a imitar o comportamento e a linguagem dos adultos, para isso mobiliza a atenção, a memória, a imaginação, dentre outras funções psíquicas superiores”.



Em outras palavras, o brincar faz com que o aluno entenda melhor a realidade e a cultura a qual está inserido. Aliado à arteterapia, o lúdico permite ao aluno reconstruir-se e reintegrar-se, desenvolvendo a autonomia e ajustando comportamentos.

Em atividades arteterapêuticas o lúdico está presente e se caracteriza pela espontaneidade funcional e satisfatória. A arteterapia lúdica é de suma relevância para o indivíduo de todas as faixas-etárias favorecendo o desenvolvimento sensório motor e cognitivo, se tornando uma forma inconsciente de aprender e melhor viver. “Convém ressaltar que o uso da dimensão lúdica pode ser um recurso fundamental nos processos terapêuticos, pois o mesmo favorece a comunicação do ser humano consigo e com o outro” (Melo, 2012, p. 25).

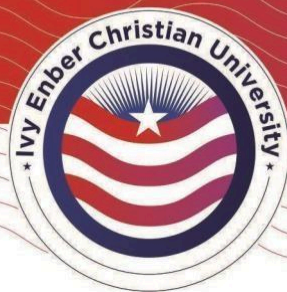
A arteterapia e o lúdico são aspectos bastante expressivos e significativos, pois auxiliam no comportamento social e intelectual. Entendido como elemento presente na esfera pessoal e coletiva, são elementos de envolvimento pleno por parte daquele que o pratica, criando estruturas fundamentais para o desenvolvimento da afetividade, emoção, cognição, dentre outras esferas.

É de suma relevância compreender também que não são apenas as crianças que se interessam pelas atividades lúdicas e suas implicações.

A importância da relação do ser humano com o brinquedo é fundamental para o desenvolvimento de um ser equilibrado em suas relações com o mundo que o cerca. Quando a criança brinca, ela transporta suas fantasias para o mundo real e automaticamente prepara-se para este mundo. Quando o adulto brinca, ele foge do mundo real e passa a viver na fantasia da brincadeira (Gumieri; Treviso, 2016, p. 73).

Diante desses aspectos, percebe-se que em qualquer idade, a atividade lúdica favorece a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, bem como auxilia em uma boa saúde mental, facilitando a comunicação e a construção do conhecimento (Leal, 2011).

A escola precisa ser um espaço que leve em conta a vontade dos alunos de tornarem-se intelectualmente e socialmente mais desenvolvidos. Nessa perspectiva, o lúdico serve para motivar, “pois mesmo sendo direcionado por um educador



acontece livremente a transformação dos educandos mediante as atividades propostas” (Batista; Fernandes, 2015, p. 399).

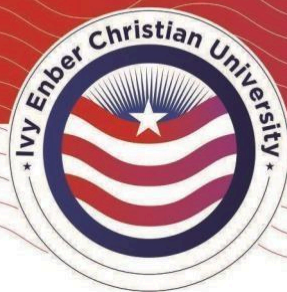
Foi no lúdico que o ser humano encontrou uma maneira de explanar seus sentimentos e emoções, estimulando os vínculos de amizade e união. Assim, “o ser humano possui uma forte atração pelo ato de brincar, pois associam essa prática como sendo um modelo de vida real” (Batista; Fernandes, 2015, p. 401).

Segundo as mesmas autoras ora citadas, não seria o professor mero reprodutor de conteúdos, mas um formador de opiniões e transformador de sentimentos, já que por intermédio de sua prática docente estrategicamente elaborada e de objetivos claros, pode construir uma educação que dignifique o indivíduo na expressão de todo seu viver - pessoal ou social.

É preciso que haja a presença do lúdico na escola, pois é a forma com o que o ser humano se relaciona e conhece melhor sobre si e sobre o seu entorno. Batista e Fernandes (2015) ensinam que o lúdico na escola deve estar permeado por ações manifestas em técnicas de expressões e vivências que sejam reproduzidas por meio de pinturas, desenhos, colagens, modelagens, musicalidade, artes cênicas, artes visuais, a linguagem corporal, favorecendo a introspecção e desenvolvendo competências e habilidades benéficas à socialização e integração dos estudantes facilitando assim o processo de ensino aprendizagem.

Nesse contexto, Batista e Fernandes (2015) explicam que seria a arteterapia uma promotora de tais benefícios ao passo em que exerce o poder de integrar à realidade, à fantasia e consolidar os alicerces subjetivos do eu intrínseco ao sujeito e objetivos do mundo externo, fazendo com que conteúdos que até então se encontravam suprimidos na psique falem. Por meio da emergência e compreensão de tais conhecimentos, o sujeito pode se compreender melhor, propiciando o seu desenvolvimento de personalidade individual e coletivo.

Se pode dizer que em todo esse processo, a arteterapia promove a constituição dos alunos a partir da ação criativa que estes fornecem quando constatarem o ludismo ofertado nessa contextualização. Dessa feita, o lado artístico é usado motivadamente, “intrinsecamente na conscientização do indivíduo como



sendo responsável pela sua relação com o meio a sua volta” (Batista; Fernandes, 2015, p. 405).

Segundo as autoras, é comum os professores solicitarem aos alunos que façam desenhos depois de contarem uma história tornando essa ação mecanizada depois de uma narrativa, condicionando e cansando o aluno, o qual perderá o interesse pela atividade. É aí que as tarefas devem ser diversificadas valendo a pena para professor e alunos.

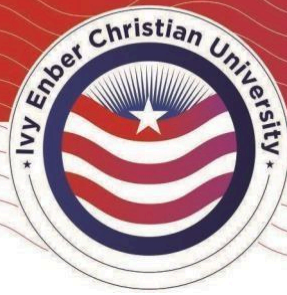
A ação da arteterapia no contexto da escola precisa ser dirigido e mediado pelo educador sob uma prática que envolva os objetivos de formalização da aprendizagem e das habilidades que necessitam ser desenvolvidas nos estudantes focando na promoção de competências (Batista; Fernandes, 2015).

Segundo Batista e Fernandes (2015), não basta defender o lúdico na sala de aula, é preciso condicioná-lo a um fim e o desenho é um modo esplêndido de expressão e nunca deve ser deixado de lado na sala de aula. Quando dinamizar a tarefa que foi trabalhada o professor pode dar aos estudantes a oportunidade de aliarem ao desenho técnicas de modelagem ou dobraduras, recorte e colagem, por exemplo.

As autoras supracitadas afirmam que o professor deve ser um administrador das tarefas e favorecedor de um compartilhar de ideias que permita a criatividade, a argumentação e a produção do que lhe foi mostrado, e assim, o educador deverá introduzir atividades lúdicas em seu planejamento.

Batista e Fernandes (2015), afirmam que aos alunos deve ser criado um ambiente propício às suas expressões de modo que se sintam mais à vontade para que os educandos com problemas ou dificuldades possam se expressar ludicamente desenvolvendo o autoconhecimento, o crescimento e se ajustem à aquisição do saber.

O lúdico e a arteterapia são condicionadores do processo de ensino, pois, somam-se ao cotidiano dos alunos. Sendo assim, fazer o uso dessas ferramentas na sala de aula requer do educador uma revitalização na sua práxis, a fim de favorecer o estreitamento dos conteúdos aos educandos (Batista; Fernandes, 2015).



Sem dúvidas o lúdico desenvolve no educando inúmeras habilidades levando-o a compreender o mundo que o cerca, gerando significados e criando particulares interpretações. O sujeito introduzido na arteterapia se desenvolve integralmente motivando-se e gerando capacidades que lhe geram autonomia. O professor precisa considerar que o modo mais prático de introduzir conteúdos curriculares na sala de aula é se respaldando em atividades lúdicas ajudando na compreensão dos alunos, “pois as brincadeiras são para eles inerentes ao seu cotidiano e não lhes são indiferentes” (Batista; Fernandes, 2015, p. 408).

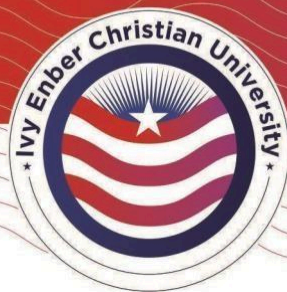
Sucessivamente, a iniciativa de se apoderar do lúdico e da arteterapia no processo de aprendizagem, também representa a adoção de uma postura lúdica por parte do professor empenhado com a educação do aluno no contexto de uma compreensão reflexiva e crítica da sua prática pedagógica, reformulando suas atitudes e facilitando sua mediação (Batista; Fernandes, 2015).

3.2. A ARTETERAPIA COMO MOTOR DE INCLUSÃO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL

A arteterapia pode ser uma ferramenta inclusiva, pois valoriza a singularidade de cada aluno e reconhece que não há uma forma correta ou errada de se expressar artisticamente. Ela promove um ambiente acolhedor e não julgador, no qual todos os alunos são encorajados a participar e contribuir com base em suas próprias habilidades e interesses.

A arteterapia é uma abordagem terapêutica que utiliza a expressão artística como meio de promover o bem-estar emocional, psicológico e físico das pessoas. No contexto da educação especial, a arteterapia desempenha um papel importante como motor de inclusão, oferecendo benefícios significativos para os alunos com dificuldades e deficiências.

A arteterapia proporciona um ambiente criativo e seguro para que os alunos possam se expressar livremente, independentemente de suas limitações ou dificuldades. Por meio das diferentes formas de expressão artística, como pintura, desenho, escultura, colagem e música, os alunos podem explorar suas emoções,



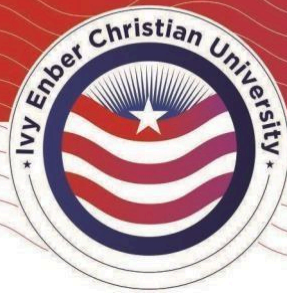
comunicar-se de maneiras não verbais e desenvolver habilidades sociais e emocionais.

A arte abrange um amplo universo de linguagens e sendo assim, permite inúmeras formas de comunicação e expressão dos indivíduos. A arteterapia não necessita que um julgamento padronizado aconteça de pronto, podendo ser manifesta como livre expressão pessoal. Assim, a criança ou adolescente com dificuldades ou deficiências poderá expressar sua arte livremente.

Na perspectiva da educação especial e inclusiva, a arteterapia pode ter seu currículo adaptado. De acordo com Vieira (2017, p. 138), “a literatura existente em arte e educação tem apontado a importância da adaptação e adequação de recursos e estratégias para o ensino do aluno com deficiência”. Junto às demais disciplinas, a disciplina de artes deve adaptar seus currículos para receber os alunos público-alvo da educação especial – (PAEE) com o intento de atendê-los digna e eficazmente (Vieira, 2017).

Ferreira e Glat (2003), dizem que o cenário educacional brasileiro atual aponta para desafios de educadores em todos os níveis escolares no que concerne à educação inclusiva. Com a Declaração de Salamanca (1994) e promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394/96, os pressupostos da inclusão educativa está se solidificando com vistas a estabelecer regulamentações que garantam a oferta de um atendimento educacional ao aluno público-alvo da educação especial nos níveis de educação regular. A Lei n. 9.394/96 aponta elementos garantidores à abertura de todas as escolas para o processo de ensino-aprendizagem desses alunos. A partir daí, as práticas pedagógicas e sociais vêm sendo construídas contemplando essa proposta educacional.

A presença da arte na educação pode desenvolver determinadas áreas do conhecimento: como a expressão corporal, a percepção visual, a auditiva, a intuição, o pensamento analógico, a imaginação, o concreto, o holístico e a reflexão, levando os alunos a desenvolverem a sua criatividade, sendo também, um modo de estimular o educando, principalmente o que possui necessidades educativas especiais (Weber, 2017).



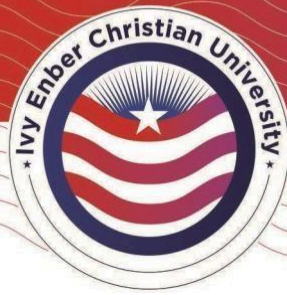
Uma das principais contribuições da arteterapia é sua capacidade de fornecer uma linguagem alternativa para a expressão e a comunicação. Alunos com deficiências de fala ou linguagem podem encontrar na arte uma forma de se expressar e se comunicar sem barreiras. Através da criação artística, eles podem compartilhar suas experiências, pensamentos e emoções de maneira única e pessoal.

Além disso, a arteterapia estimula a criatividade e a imaginação, promovendo a autonomia e a autoestima dos alunos. Ao se envolverem em atividades artísticas, eles são encorajados a tomar decisões, experimentar diferentes materiais e técnicas, e desenvolver um senso de identidade e confiança em suas habilidades.

De acordo com Weber (2017), o foco primevo do ensino da arte para o aluno com necessidades educativas especiais é ofertar-lhes a oportunidade de desenvolver seu potencial por meio da percepção, do raciocínio, do domínio motor e criatividade, sendo acompanhado por pessoas e profissionais esclarecidos, que entendam os resultados e efeitos advindos das práticas sugeridas. Por meio da arte, o professor tem a chance de proporcionar experiências contributivas à evolução da personalidade do aluno que porta necessidades educativas especiais e seu ajustamento social.

A inclusão de alunos da educação especial por meio da arteterapia também ocorre por meio da valorização das habilidades individuais. A arte proporciona um espaço em que cada aluno pode se destacar em suas áreas de interesse e talento. A diversidade de habilidades e formas de expressão é valorizada e celebrada, promovendo um ambiente inclusivo em que todos os alunos se sintam valorizados e reconhecidos.

A arteterapia também pode ajudar os alunos da educação especial a lidar com desafios emocionais e comportamentais. As atividades artísticas podem ser terapeuticamente benéficas, ajudando-os a gerenciar o estresse, a ansiedade e as dificuldades emocionais relacionadas às suas necessidades especiais. A arte oferece um meio seguro e não ameaçador para explorar e processar emoções complexas, promovendo o equilíbrio emocional e o bem-estar.

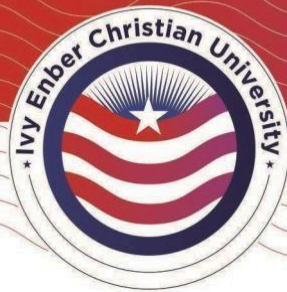


Souza e Carvalho (2013, p. 1) apresentam a arteterapia no contexto de trabalho da pessoa com deficiência intelectual. “A educação inclusiva não é aquela que aceita as diferenças, mas faz da diferença uma maneira distinta de expressão e de operacionalização do mundo”.

Os alunos que possuem atraso cognitivo precisam de mais tempo para aprender a falar, caminhar e desenvolver competências necessárias quanto à autonomia de se cuidar, como vestir-se ou comer. Na escola, é natural que enfrentem dificuldades. Eles aprenderão, mas precisarão de mais tempo, necessitando de um mediador comprometido com o despertar e o desejo de aprender. “É possível que algumas crianças não consigam aprender algumas coisas como qualquer pessoa que também não consegue aprender tudo” (Souza; Carvalho, 2013, p. 1).

Sobre a intervenção, Vygotsky (1997) dizia que sem a intervenção do outro, não ocorre desenvolvimento, pois os processos psicológicos superiores irão se desenvolver através da atividade coletiva. Ele ainda explica (Vygotsky, 2001), que a interação é fator necessário à aprendizagem e ao desenvolvimento. O desenvolvimento sofre impulsão pela aprendizagem e vice-versa; é um movimento dialético. Por sua vez, a aprendizagem é um processo social em que os indivíduos constroem seus conhecimentos perante a interação com o meio e com os demais, numa inter-relação contínua entre fatores internos e externos.

De modo a auxiliar os estudantes nesses aspectos e diminuir os fatores dificultantes no cotidiano escolar, o professor do AEE, fazendo uso de recursos da Arteterapia poderá estimular os alunos com deficiência intelectual a lidar com materiais lúdicos para transformá-los em objetos que darão nova forma e novo sentido à sua vida. A arteterapia quando usada por meio de atividades expressivas favorece a interação com a construção pessoal do sujeito resultando daí a aprendizagem. Esses processos criativos se direcionam para a individuação, isto é, para a construção do sujeito. As práticas artísticas dão um novo sentido às ações do sujeito através do diálogo ou registro escrito entre autor – obra (Souza; Carvalho, 2013).



Foi por meio de lutas e movimentos sociais pelo direito à educação que o público da educação especial e inclusiva pôde acessar a escola pública. Antes, algumas leis e documentos oficiais e normativos cooperaram para balizar as ações. Lucelma Braga (2015) em seu artigo “A história da luta em defesa da educação pública no Brasil: questões para pesquisa” dá início ao assunto partindo dos anos 80 informando que “os últimos anos da década de 1970 e os anos da década de 1980, foram de muitas conquistas para os setores da classe trabalhadora ligados à educação” (Braga, 2015, p. 345).

Segundo Saviani (2007), a organização política do campo educacional nos anos de 1980 trouxe a década mais fecunda da história brasileira. Assim, em 1977 foi desenvolvida a política de Educação Especial sob a orientação do Ministério da Educação (MEC), regulando a criação de classes especiais e escolas especiais para as redes de ensino.

Em 1988, com a nova Constituição Brasileira novas perspectivas foram vislumbradas às pessoas com deficiência e trouxe importantes garantias. A Constituição aduz:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) (Vide Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

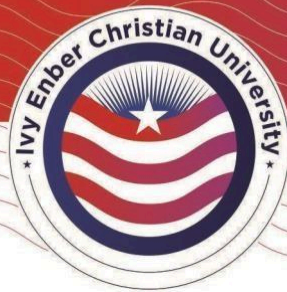
II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (Brasil, 1988).

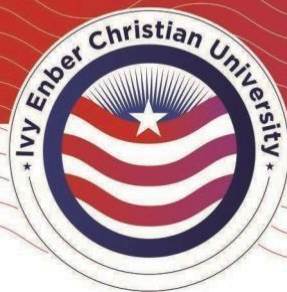
Após as diretrizes da Carta Maior em 1988, Floriani (2017) ensina que os marcos da Legislação Brasileira são os seguintes segundo as perspectivas inclusivas:

-1989: a Lei nº 7.853/89 define como ação que enseja crime obstaculizar a matrícula do aluno devido a sua deficiência.

-1990: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é estabelecido com a garantia do atendimento educacional especializado preferencialmente na rede



regular. A declaração de Jomtien na Tailândia ocorre nesse mesmo ano e o Brasil



assina acordo de “erradicar o analfabetismo e expandir o ensino fundamental” (FLORIANI, 2017, p. 29).

-1994: acontece na Espanha a Declaração de Salamanca a qual não tem força de lei, mas convoca para a importância de as crianças excluídas aprenderem no mesmo espaço que as demais.

-1996: nesse ano é criada a Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – nº 9.394) determinando que os alunos com deficiência sejam atendidos na escola regular e na escola especial quando não houver condições de atendimento à deficiência na escola regular.

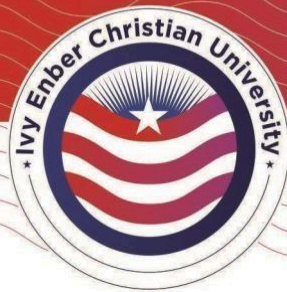
-2000: nesse ano, as Leis nº 10.048 e nº 10.098 são estabelecidas determinando que deve ser priorizado o atendimento de pessoas com deficiência nos locais públicos, sendo instituídas normas de acessibilidade física.

-2001: é por meio do Decreto nº 3.956 (Convenção da Guatemala) que são feitos ajustes de interpretação da LDB dando clareza sobre “a impossibilidade de tratamento desigual com base na deficiência” (Floriani, 2017, p. 24). Desse modo, manter o aluno deficiente apenas em escolas ou classes especiais, fere a convenção e a Constituição.

Nesse contexto, a arte é forte aliada da inclusão. De acordo com Arcuri (2006), a arte permitirá ao sujeito desenvolver a sua capacidade de perceber as interdependências das relações humanas e do Universo. Por meio da arteterapia delineiam-se expressões advindas da pintura, do desenho livre, da expressão corporal, e que toma forma na dança, na música, na arte de interpretar, promovendo a integração do SER total que se conecta com o cognitivo e o afetivo num corpo que rege as relações com o mundo externo. Souza e Carvalho (2013, p. 3), “Um ponto de partida para perceber o desvelar de caminhos que foram revelados a partir do despertar para o criativo”.

Segundo Souza e Carvalho (2013, p. 3):

A obra criativa representa a história de seu criador, o momento, a cultura, o meio em que está inserido. Apresenta um estilo e uma originalidade próprios de cada sujeito. Na sua produção, o indivíduo se visualiza, admira, deslumbra e passa a ver a si próprio pelo olhar dos outros. A construção traz um significado particular que interligado ao diálogo, faz com que seu



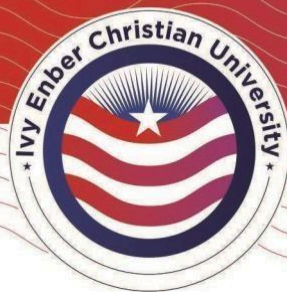
interior vá sendo desvendado lentamente. No processo de elaboração e criação é que o sujeito encontra uma melhor imagem de si mesmo.

Um trabalho dentro da arteterapia pode cooperar efetivamente e afetivamente para o crescimento pessoal do indivíduo com deficiência, levando cada um a descobrir o seu potencial e valor único perante a vida. A arte não deixa evidente o problema do sujeito, mas sim lhe possibilita uma vida plena e prazerosa, proporcionada por momentos de descontração, liberdade, escolha, usando o lúdico que pode resgatar o criativo que está contido em cada indivíduo. “A presença do lúdico inevitavelmente abre um leque de caminhos que conduz ao ato criativo, pois em contato com a arte o ser criança é a florado singelamente, permitindo que o indivíduo acredite em seu potencial criador” (Souza; Carvalho, 2013, p. 4).

Em sua intervenção pedagógica com alunos portadores de deficiência intelectual, Souza e Carvalho (2013) mostraram ações de um trabalho lúdico dentro da arteterapia, e entenderam que o profissional/professor arteterapeuta pode estabelecer estratégias diferentes, lidando com a deficiência ou não, de modo que essas estratégias sejam consoantes aos objetivos e queixas de pais e professores. “Com isso queremos dizer que não existe receita e nem uma proposta de ‘comece por aqui’, mas uma forma de entender e atender a cada uma das crianças, e adolescentes individualmente” (Souza; Carvalho, 2013, p. 4).

A arteterapia é uma prática importante, colaborando com o desenvolvimento do aluno e estimulando sua expressão. Para Souza (2016), a arte pode ser entendida como a expressão da alma humana, podendo o indivíduo expressar seu mundo emocional quando bem estimulado.

Segundo Portas, Le Pape e Leper (2023), a escola possui importante papel no desenvolvimento das emoções saudáveis e na integração em sociedade da criança e do adolescente. No contexto escolar a arteterapia é um espaço intermediário em que se abordam aspectos emocionais e psicológicos do educando influenciando seu processo de aprendizagem, comportamento e autodesenvolvimento.

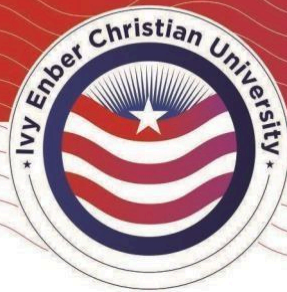


No trabalho terapêutico com crianças, a arteterapia é particularmente indicada já que utiliza uma forma de comunicação mais familiar ou acessível do que a linguagem falada. Os materiais artísticos dão às crianças uma expressão mais tangível e uma maneira espontânea de explorar suas necessidades, emoções, fantasias, desejos, conflitos e dificuldades. Crianças e adolescentes matriculados em educação especial, tem nessa alternativa forma de expressão algo particularmente valioso, uma vez que possuem dificuldades de comunicação verbal. A partir do instante em que se enriquece o mundo de alguém com outros canais de comunicação, pode-se ajudá-la a que não fale através de um comportamento perturbador ou agressivo, ou porque experimente retraimento e isolamento. Assim, a atividade artística cria pontes entre o comportamento e a linguagem simbólica (Portas; Le Pape; Leper, 2023).

Segundo as mesmas autoras, a arteterapia oferece ainda à crianças e adolescentes da educação especial um espaço em que possam experimentar de modo pleno seus próprios recursos e habilidades na resolução de problemas, criando estímulos à imaginação, espontaneidade e autenticidade. Com isso, ganham mais autoestima e autoconfiança, conquista particularmente importante para crianças que podem se sentir vulneráveis ou que sentem que não controlam aspectos importantes de suas vidas.

Ademais, quando se desenvolve a criatividade, se fortalece o desenvolvimento cognitivo, pois as habilidades criativas e intelectuais estão inter-relacionadas. Esse estímulo na arteterapia é realizado de maneira lúdica e não direcionada, beneficiando a autonomia da criança em seu próprio processo de aprendizagem (Portas; Le Pape; Leper, 2023).

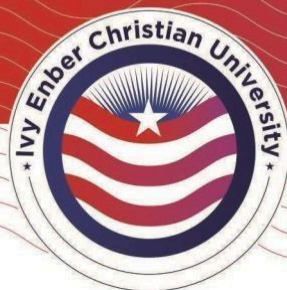
Manusear materiais ou criar um trabalho simbólico em arteterapia ajuda na expressão de emoções perturbadoras difíceis de comunicar de modo direto. Essa dificuldade em crianças deficientes pode ser intenso por seu estado de dependência. O ato criativo canaliza tensões e sentimentos de frustração, enquanto o próprio objeto criado contém e pode revelar essas emoções difíceis de forma não ameaçadora (Portas; Le Pape; Leper, 2023).



Segundo as autoras ora citadas, o arteterapeuta ajuda a apoiar, dar significado e transformar o aluno, explorando suas emoções, afetando positivamente a vida da criança ou do adolescente na maneira de se relacionar com os outros e consigo mesmo. Num contexto terapêutico seguro, o trabalho de criação permite o contato e estabelecimento de limites, ajudando a criança ou adolescente a explorar emoções ou sentimentos transbordantes com segurança.

Essas emoções, ou outras imagens ou pensamentos confusos no trabalho ou no processo criativo, tomam forma e se tornam controláveis. Assim, todo o processo inerente à ação criativa gera impacto no desenvolvimento da identidade de crianças e adolescentes com autismo ou psicose, por exemplo. Assim, o aluno consegue exprimir sem pressões, algo que numa abordagem mais direta com um terapeuta lhe fosse mais angustiante. Intermediada por objetos e materiais artísticos, a arteterapia auxiliaria o aluno a se relacionar de forma menos ameaçadora. Ainda, a exploração e manipulação de diversos materiais estimulam a criança a formar um conceito sobre si mais integrado e a criar um universo de significados mais amplos. A arteterapia ajuda as crianças ou adolescentes com diagnóstico de psicose, a diferenciarem realidade e fantasia. Permite que crianças e adolescentes com deficiência sintam alegria e prazer no ato criativo, sentimentos que geralmente lhes são negados, dando-lhes ainda a capacidade de se sentirem independentes, de poderem tomar decisões e sentirem que têm controle sobre o seu processo criativo, dando-lhes a chance de serem agentes ativos do seu próprio desenvolvimento (Portas; Le Pape; Leper, 2023).

Portas (2023), ensina que a ação não direcionada dessa atividade é que diferencia esse tratamento na escola com alunos deficientes, permitindo que participem de atividades que normalmente não seriam capazes de participar. Não é preciso que o aluno de arteterapia obtenha habilidades artísticas, nem mesmo as mais básicas. Fazer um desenho com uma linha no papel ou imprimir com o dedo em um pedaço de barro já é o suficiente para que se estabeleça um processo de trabalho onde, no ritmo que lhe convier, o indivíduo tenha o espaço necessário para expressar seguramente suas emoções e conflitos.

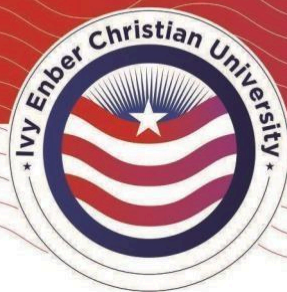


Perante todo o processo, o aluno vai ressignificando a sua vida pelas experiências obtidas nas muitas interações, e a arteterapia é a aplicação que vai operando o processo. É por meio das experiências no decorrer da vida que os indivíduos se transformam e definem a relação entre suas mentes, corpos e espíritos. Pensando assim, é que a arteterapia se mostra como ferramenta que contribui para tratar, avaliar e transformar as pessoas. Havendo a escola de promover e manter a proposta de formar o indivíduo para o mundo, a arteterapia é contributo a tal perspectiva.

É importante ressaltar que a arteterapia na educação especial deve ser realizada por professores que busquem se qualificar como arteterapeutas adquirindo o conhecimento e a experiência necessários para adaptar as atividades artísticas às necessidades individuais dos alunos, garantindo a segurança e a eficácia do processo terapêutico.

Em resumo, a arteterapia desempenha um papel significativo como motor de inclusão na educação especial, proporcionando uma abordagem criativa, terapêutica e inclusiva. Por meio da expressão artística, os alunos podem desenvolver habilidades sociais, emocionais e cognitivas, além de promover o bem-estar e a autoestima.

A seguir, o trabalho realiza uma exposição e análise de dados provenientes de um levantamento bibliométrico, identificando conteúdos que abordem a arteterapia na educação e seus desdobramentos nos aspectos lúdicos e inclusivos em sala de aula.



CAPÍTULO IV

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

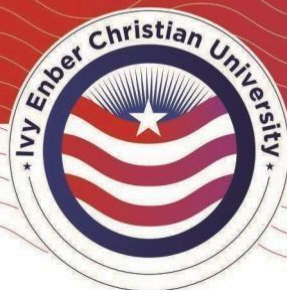
A pesquisa no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e na Scientific Electronic Library Online (SciELO) é importante por que gera acesso ao conhecimento acadêmico, a revisões bibliográficas abrangentes sobre um determinado tema, acompanhamento da produção científica nacional, identificando tendências de pesquisa e conhecendo os principais avanços em diferentes áreas do conhecimento. São ferramentas valiosas para promover o avanço do conhecimento e auxiliar na realização de pesquisas de qualidade.

Num primeiro momento a “tabela 2” apresenta os resultados obtidos com a adição do descritor “arteterapia”.

Tabela 2 - Levantamento Capes com a estratégia de busca “Arteterapia” - página “1” da busca

Autores	CASTRO, Carine Jardim de.
Ano da publicação	2020
Tema	“Promoção da inteligência emocional e regulação das emoções de estudantes da educação básica: um desafio dos tempos atuais”.
Tipo de texto	Mestrado.
Objetivo da obra	“Investigar a influência da Arteterapia como estratégia para auxiliar os estudantes em processos de regulação das emoções”.
Abordagem utilizada	Quali-Quantitativa ou métodos mistos. A coleta de dados contemplou a aplicação da escala EADS 21 (Escala de Estresse, Ansiedade e Depressão), também foi utilizado um questionário para avaliar o desempenho acadêmico dos alunos com uma escala de três níveis (abaixo da média; na média; e acima da média) e um questionário com perguntas abertas sobre a autorregulação das emoções e inteligência emocional, além dos registros dos alunos no caderno de emoções a partir da intervenção em Arteterapia.

Fonte: Do autor (2023).



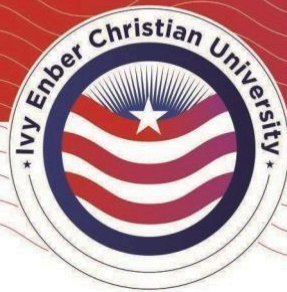
Os resultados do estudo da “tabela 2” de Castro (2020) revelaram que a oficina de Arteterapia contribuiu para a promoção da inteligência emocional e para os processos de autorregulação das emoções dos estudantes. Também foi possível identificar alunos com sofrimento psíquico e suas relações com o desempenho escolar. A análise mostrou a presença de estudantes com níveis elevados de estresse, ansiedade e/ou depressão e com rendimento acadêmico mais baixo. Por outro lado, também foram observados alunos com saúde mental debilitada, mas com bom desempenho escolar.

Tabela 3 - Levantamento Capes com a estratégia de busca “Arteterapia” – página “2” da busca.

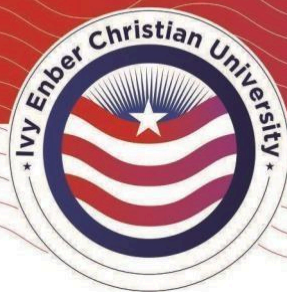
Autores	VISO, Cristina Garcia Palhares.
Ano da publicação	2022
Tema	“Subjetividade na escola: uma narrativa incorporada sobre os atravessamentos entre arte, educação e arteterapia”.
Tipo de texto	Doutorado
Objetivo da obra	“Contribuir para o desenvolvimento de conteúdos que compõem a subjetividade e afetam a escola, dentre eles as emoções, inserindo diálogo entre áreas como a arte, educação e arteterapia”.
Abordagem utilizada	Acompanhamento presencial das intervenções artístico-expressivas, pesquisa bibliográfica sobre o tema e estudo de caso de projetos desenvolvidos no contexto escolar. Foram adotados como procedimentos técnicos os dados da etnografia (caderno de campo, registro imagético com fotografias das atividades realizadas no contexto escolar) e da pesquisa narrativa; a narrativa como fonte em forma de registro e como explicação da experiência.

Fonte: Do autor (2023).

Os resultados do estudo de Viso (2022), tabela 3 - mostraram que a absorção sobre o tema gerador melhor ocorreu perante os alunos que conseguiram conectá-lo às suas questões pessoais. A percepção desenvolvida possibilitou a alguns deles a compreensão mais elaborada em outras disciplinas na área de humanas como Língua Portuguesa, Sociologia, Filosofia e História, mesmo em temas diferentes.



Ainda, os alunos mostraram que a visão pessoal acerca de si sofreu alterações



positivas após o desenvolvimento dos trabalhos, gerando autoaceitação e sentimento de pertencimento.

A tabela à frente apresenta os dados ainda da segunda página com o descritor “arteterapia”.

Tabela 4 - Levantamento Portal Capes - página 2, descritor “arteterapia”

Autor	NORGREN, Maria de Betânia Paes.
Ano da publicação	2009
Tema	“Competência social e arteterapia em um programa de intervenção na escola”.
Tipo de texto	Doutorado
Objetivo da obra	“Desenvolver e avaliar a efetividade de um programa de promoção de competências sociais e emocionais com intuito de facilitar a transição da 4ª para a 5ª série do ensino fundamental em curto prazo”.
Abordagem utilizada	Pesquisa-intervenção/qualitativa, no contexto da clínica-social.

Fonte: Do autor (2023).

Esse texto de Norgren (2009), mostrou uma intervenção realizada com alunos da 4ª série com duração de 18 encontros e abordagens de temas diversos com o intuito de fomentar as competências socioemocionais dos estudantes na época. Os temas trabalhados pela autora estavam: mudança e crescimento como etapas do desenvolvimento humano; autoconhecimento; relacionamentos interpessoais; técnicas de resolução de problemas e conflitos e criatividade.

A avaliação observou os seguintes aspectos: absenteísmo, desempenho escolar, desenhos, descrição da escola, avaliação e percepção dos professores e entrevista com pais. Os resultados mostraram um melhor desempenho da parte dos alunos, adaptando-os em curto prazo no desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

A tabela a seguir, ainda prosseguiu na página “2” do refinamento de resultados do Portal Capes e mostra o resultado em relação ao descritor “arteterapia”. Nesse sentido, o texto encontrado foi referente à arteterapia para integrar alunos com TDAH no ensino fundamental.

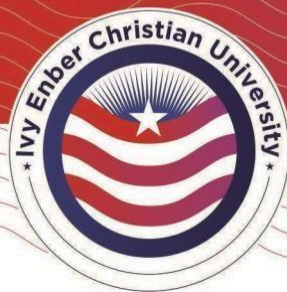


Tabela 5 - Levantamento Portal Capes - página 2, descritor “arteterapia”

Autor	MOTA, Bethania Fricks Jordao Belonia.
Ano da publicação	2020
Tema	“A arteterapia como integração dos alunos com tdah no Ensino Fundamental”.
Tipo de texto	Mestrado
Objetivo da obra	“Compreender como a utilização da Arteterapia pelos professores contribui na integração dos alunos com TDAH no ensino fundamental”.
Abordagem utilizada	Questionário aplicado a professores de Artes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental no município de Presidente Kennedy-ES, via Google Docs.

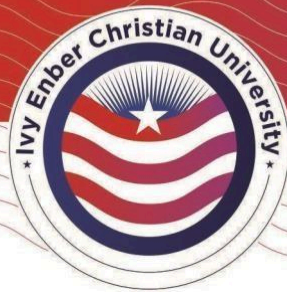
Fonte: Do autor (2023).

Nesse estudo aplicado por Mota (2020), descobriu-se que os professores desenvolvem atividades envolvendo a Arteterapia, mas o processo acontece intuitivamente, já que estes não receberam formação continuada específica para esse tipo de trabalho. Entretanto, um grande número afirmou que os alunos com TDAH são participantes dessas aulas, denotando-se um interesse da parte deles por essas atividades, que envolvem pintura, desenho, músicas, colagem, dentre outras, e que é um conteúdo presente em sala de aula.

Através da arteterapia, os alunos podem se envolver em um processo terapêutico que estimula a autoexpressão, a comunicação, a resolução de problemas e a reflexão sobre si mesmos e o mundo ao seu redor. A arte se torna uma forma de linguagem não verbal, permitindo que os alunos se expressem de maneiras que podem ser difíceis de se expressar apenas com palavras.

Nessa perspectiva, Paulo Freire (1983) diz que a educação só tem sentido se levar a algo que permita ao indivíduo melhor compreensão e crítica de si próprio e da sua cultura. Este processo forma um ser sensível e consciente, que pode se apropriar de conceitos e conteúdos escolares.

Em Ferreira e Bonomi (2011, p. 10): “Falar de Arteterapia em Educação é proposta audaciosa que merece cuidado e seriedade [...], pois exige do profissional



responsabilidade e coerência com os princípios norteadores de ambas as áreas”.

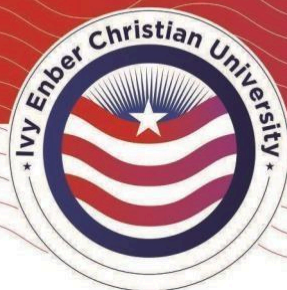


Tabela 6 - Levantamento Capes, página 3, "arteterapia"

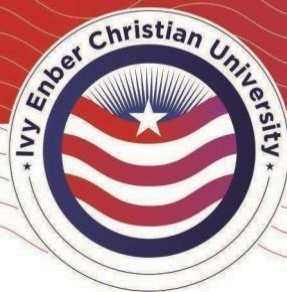
Autor	LINHARES, Inara.
Ano da publicação	2022
Tema	“Arteterapia no ensino da arte e o fortalecimento do estado emocional do educando”.
Tipo de texto	Mestrado
Objetivo da obra	“Apresentar a arteterapia no ensino da arte para o fortalecimento dos estados emocionais do educando”.
Abordagem utilizada	Pesquisa qualitativa, de cunho teórico, com abordagem metodológica na hermenêutica fenomenológica.

Fonte: Do autor (2023).

Os resultados desse estudo de Inara Linhares (2023) mostraram que é possível contribuir com o bem-estar emocional do aluno por meio de uma metodologia interdisciplinar. Contextualizar Arte com a arteterapia permite descobertas para um potencial criativo facilitador ao pertencimento e sentido de vida.

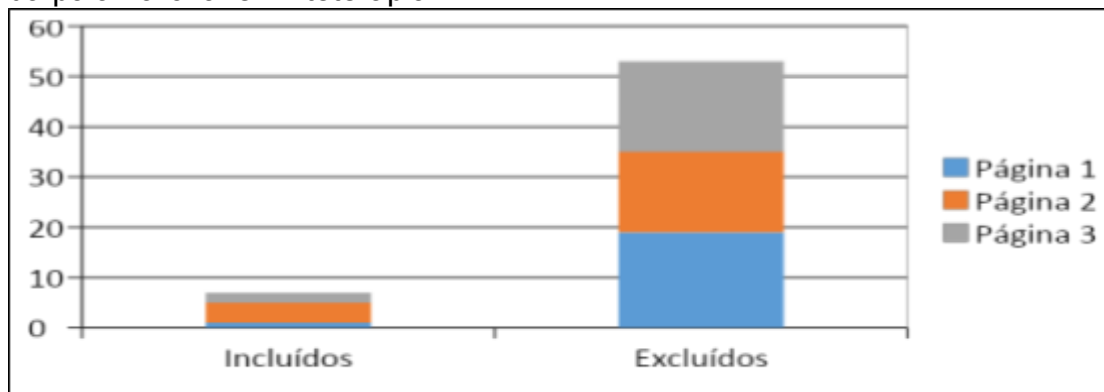
A arteterapia pode ser uma ferramenta eficaz para facilitar a interdisciplinaridade, pois ela incentiva a expressão criativa e o pensamento divergente. Ao envolver os alunos em atividades artísticas, eles são encorajados a explorar diferentes perspectivas, usar a imaginação e estabelecer conexões entre diferentes disciplinas e conceitos (Linhares, 2023).

Por exemplo, um projeto interdisciplinar sobre meio ambiente poderia envolver a criação de obras de arte que retratam questões ambientais, combinando elementos de ciências, arte e até mesmo literatura. Os alunos podem explorar os conceitos científicos por trás dos problemas ambientais, expressar suas emoções e opiniões por meio da arte e explorar obras literárias que abordem essas questões. Isso permite uma compreensão mais profunda e significativa do tema, além de promover habilidades de pensamento crítico e criativo. A arteterapia na educação ao combinar elementos da arte e da psicoterapia, promovem o desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças e jovens. Ela utiliza atividades artísticas, como desenho, pintura, escultura, colagem e dança, como ferramentas terapêuticas para ajudar os estudantes a expressarem suas emoções, explorarem sua criatividade e desenvolverem habilidades de comunicação (Linhares, 2023).



Seguindo a análise metodológica, o gráfico à frente, mostra o percentual de trabalhos incluídos e excluídos. (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Parâmetros entre trabalhos incluídos e excluídos no Levantamento da palavra-chave “Arteterapia”



Fonte: Do autor (2023).

Como visto no gráfico acima, o número de trabalhos descartados superou a quantidade de trabalhos incluídos na filtragem entre as páginas “1” a “3”, pois não atenderam os critérios de inclusão. A tabela abaixo apresenta maiores detalhes. (Tabela 7).

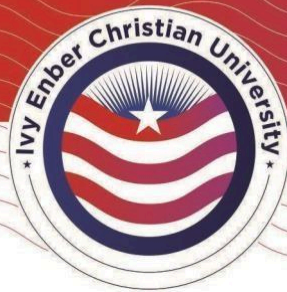
Tabela 7 - Quantidade de trabalhos incluídos e excluídos ao fim da busca com o descritor "Arteterapia"

“Arteterapia”	Página 1	Página 2	Página 3
Incluídos	01	03	01
Excluídos	19	17	19

Fonte: Do autor (2023).

Nesse sentido, o teor das teses e dissertações compreendendo o termo “arteterapia”, tiveram relação a uma abordagem de saúde mental e física, cuidados oncológicos, atenção psicossocial, arteterapia para promover a saúde de educadores, arteterapia para a qualidade de vida de idoso; arteterapia e o luto; arteterapia e ações socioculturais em cerâmica nas comunidades.

Nesse contexto, Andrade (2000) explica que a arte desempenha um papel simbólico ao criar representações da vida, sem necessariamente reproduzir a realidade. Isso possibilita ao ser humano expressar e, ao mesmo tempo,



compreender os significados que atribui à sua existência, enquanto busca constantemente um delicado equilíbrio com o ambiente ao seu redor. A arte revela, assim, uma conexão profunda entre o ser humano e o mundo.

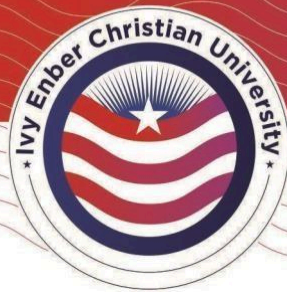
Prosseguindo com o levantamento, a adição do segundo descritor “a arteterapia e o lúdico em sala de aula” no portal Capes mostrou poucos resultados e dentre estes, as teses e dissertações se voltavam apenas ao lúdico, não correlacionando com a arteterapia. (Fig. 8).

Figura 8 - Trabalhos de “1” a “5” na primeira página do Portal teses e dissertações Capes

1. PINHO, LUISA TEIXEIRA ANDRADE. **Práticas de Leitura em aulas de História: um estudo de caso etnográfico** 20/09/2013 undefined f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Educação
Detalhes
2. Liberali, Andresa Cristina Damaceno. **É permitido brincar? Um estudo sobre o movimento lúdico no ensino fundamental.** 01/03/2011 168 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, CUIABÁ Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFMT e Biblioteca Setorial do IE/UFMT
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
3. SOARES, MARLON HERBERT FLORA B.. **"O Lúdico em Química: Jogos e Atividades Aplicadas ao Ensino de Química"** 01/04/2004 190 f. Doutorado em QUÍMICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, SÃO CARLOS Biblioteca Depositária: Biblioteca Comunitária - UFSCar
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
4. PEREIRA, RICARDO FRANCISCO. **Desenvolvendo jogos educativos para o Ensino de Física: um material didático alternativo de apoio ao binômio ensino-aprendizagem.** 01/03/2008 245 f. Mestrado em EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA E O ENSINO DE MATEMÁTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, MARINGÁ Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Estadual de Maringá
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
5. COSENZA, SUELY MESQUITA. **INTERAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA À DISTÂNCIA: ESTILOS E ESTRATÉGIAS DO APRENDIZ ADULTO.** 01/08/1996 242 f. Mestrado em INTERDISCIPLINAR DE LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: FACULDADE DE LETRAS - UFRJ
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

Fonte: Capes (2023). Print de tela.

Os trabalhos acima que abordam o lúdico, estão dirigidos de modo específico a temáticas de leitura e contexto disciplinar em história e química. Analisando o último título, percebe-se que se trata de uma abordagem para adultos no aprendizado de língua estrangeira.



Na imagem a seguir, o print de tela mostra a sequência dos trabalhos encontrados ainda na primeira página da busca no portal. (Fig. 9). As buscas feitas na plataforma não foram capazes de filtrar somente aspectos ligados ao lúdico “em sala de aula”, quiçá, a arteterapia atrelada ao mesmo nas mesmas condições.

Figura 9 - Trabalhos de “6” a “11” na primeira página do Capes com o descritor “arteterapia e o lúdico em sala de aula”

6.	AZEVEDO, KLEBER TUXEN CARNEIRO. O JOGO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: uma análise sobre as concepções atuais dos professores 01/08/2009 159 f. Mestrado em EDUCAÇÃO ESCOLAR Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ARARAQUARA, Araraquara Biblioteca Depositária: Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
7.	Silva, Ana Paula Lucena Cardoso da. O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE-MS 01/06/2006 187 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, Campo Grande Biblioteca Depositária: FÉLIX ZAVATARRO - UCDB Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
8.	SANTANA, RAMON DE OLIVEIRA. A DINÂMICA DAS INTERAÇÕES DISCURSIVAS NA ABORDAGEM DOS CONHECIMENTOS QUÍMICOS EM UMA SALA DE AULA DE CIÊNCIAS DO NONO ANO NA CIDADE DE ITABAIANA 14/06/2013 175 f. Mestrado em ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão Biblioteca Depositária: BICEN UFS Detalhes
9.	MOCROSKY, LUCIANE FERREIRA. Uso de Calculadoras em Aulas de Matemática: O que os Professores Pensam 01/12/1997 199 f. Mestrado em EDUCACAO MATEMATICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: IGCE/UNESP - CÂMPUS DE RIO CLARO Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
10.	TEIXEIRA, MARILUCE BADRE. A ETIQUETA ESCOLAR: UM ESTUDO ETNOGRAFICO DA INTERACAO EM UMA SALA DE PRE-ESCOLA 01/10/1995 235 f. Mestrado em EDUCACAO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, CUIABÁ Biblioteca Depositária: undefined Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
11.	SOUZA, ADRIANE MENDES DE. Educação para cidadania: práticas interacionais entre professor e alunos em situação de rua 22/11/2017 215 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB - BCE Detalhes

Fonte: Capes (2023). Print de tela.

Supunha-se que, em vista de a arteterapia ter um crescente tratamento nas publicações acadêmicas e científicas, estando atrelada à inúmeras áreas de vivência humana, também entre “arteterapia e lúdico” se pudesse alcançar vários trabalhos, com a expectativa de que as chances seriam ainda maiores quando adicionado o termo “em sala de aula”. (Fig. 10).

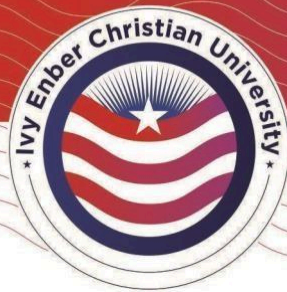


Figura 10 - Amostra de trabalhos publicados sem relação com arteterapia e lúdico em sala de aula – página 2 de busca.

21.	Oliveira, Risoleide Rosa Freire de. Estratégias interativas em dissertações de mestrado 01/09/1998 140 f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, NATAL Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Zila Mamede, Biblioteca Setorial/CCHLA Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
22.	Migliorin, Denise Morena Paz. Fundamentação Teórica para Avaliação da Qualidade na Sala de Aula nos Cursos de Engenharia. 01/02/1999 250 f. Mestrado em ENGENHARIA DE PRODUÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA Biblioteca Depositária: Biblioteca Central UFSM e Setorial do Centro de Tecnologia Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
23.	Trindade, Mônica Mano. Ensinando a aprender com humor 01/02/2001 101 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
24.	ALVES, FERNANDO DONIZETE. OLHANDO A SALA DE AULA COMO UM ESPAÇO PRA O DESEJO: ALGUMAS REFLEXÕES 01/12/2002 112 f. Mestrado em CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS-UNESP- RIO CLARO Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
25.	Azevedo, Nair Correia Salgado de. PROGRAMA "CIDADEScola" NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DE PRESIDENTE PRUDENTE: ENTRE A LUDICIDADE E A SALA DE AULA 01/05/2012 213 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/PR.PRUDENT, Presidente Prudente Biblioteca Depositária: Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT/UNESP Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
26.	Gurgel, Maria Cristina Lírio. AULA DE LEITURA: O DISCURSO PEDAGÓGICO E SUAS CRENÇAS 01/05/1997 299 f. Doutorado em LINGUISTICA APLICADA AO ENSINO DE LINGUAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da PUC/SP Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

Fonte: Capes (2023). Print de tela.

Buscando-se pelo comparativo na página “2” de buscas do Capes, a figura anterior mostrou que a ocorrência foi a mesma da página “1”, não se podendo quantificar nenhum dado na área pretendida segundo o descritor "arteterapia e o lúdico em sala de aula". Persistindo no propósito, avançou-se ainda até a página “3”, com amostras similares às buscas anteriores.

Dentro dessa realidade, o pesquisador inferiu no termo ora utilizado e fez algumas modificações, usando o termo de busca “arteterapia e ludicidade”. As teses e dissertações novamente não se equipararam ao pretendido; segue-se uma amostra na figura a seguir. (Fig. 11).

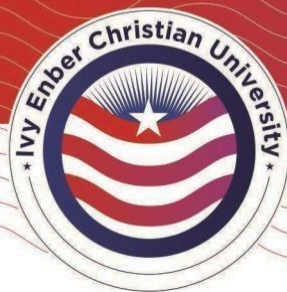


Figura 11 - Amostra oriunda da modificação na página "3" Portal Capes.

14.	<p>SOUZA, SILENE MOREIRA DE. BRINCO, LOGO EXISTO: Reflexões sobre a dimensão educativa do lúdico nas séries iniciais do Ensino Fundamental' 01/09/2006 90 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: Universidade Federal do Amazonas, MANAUS Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial da Universidade Federal do Amazonas Trabalho anterior à Plataforma Sucupira</p>
15.	<p>FERRETTI, VERA MARIA TERESINHA ROSSETTI. ARTE TERAPIA: O CUIDADO COM O PROFISSIONAL DE SAÚDE' 01/05/2005 109 f. Mestrado em PSICOLOGIA (PSICOLOGIA CLÍNICA) Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC/SP Trabalho anterior à Plataforma Sucupira</p>
16.	<p>Nhary, Tania Marta Costa. A CULTURA LÚDICA NA ESCOLA E O CORPO IMAGINAL' 01/08/2011 312 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: BCG Trabalho anterior à Plataforma Sucupira</p>
17.	<p>VALLADARES, ANA CLAUDIA AFONSO. Arteterapia com crianças hospitalizadas.' 01/12/2003 258 f. Mestrado em ENFERMAGEM PSQUIÁTRICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Campus da USP Trabalho anterior à Plataforma Sucupira</p>
18.	<p>MARTINS, SILVIA XAVIER DA COSTA. CICLOS EM DANÇA: O (re) encontro com a espiritualidade e a feminilidade no processo arteterapêutico' 18/06/2015 130 f. Mestrado em CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa Biblioteca Depositária: www.biblioteca.ufpb.br Detalhes</p>
19.	<p>Cordioli, Rosemarie Gudilli. A re-significação do Imaginário medieval e da cultura popular nas obras de Ricardo Azevedo : no melo da noite escura tem um pé de maravilha histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões contos de enganar a morte' 01/04/2007 166 f. Doutorado em LETRAS (EST.COMP. DE LITER. DE LÍNGUA PORTUGUESA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: FFLCH-USP Trabalho anterior à Plataforma Sucupira</p>
20.	<p>Ribeiro, Maria Aparecida G.. Concepções e Funções da Arte na Arteterapia' 01/02/2003 162 f. Mestrado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Católica de Goiás Trabalho anterior à Plataforma Sucupira</p>

Fonte: Capes (2023). Print de tela.

Em vista dos critérios de inclusão, todos os trabalhos utilizando o termo “a arteterapia e o lúdico em sala de aula” foram rejeitados. Voltando um pouco atrás, lançou-se novamente o primeiro termo utilizado nas buscas “arteterapia” e dessa feita, surgiu um texto relacionando arteterapia e ludicidade. (Tabela 8).

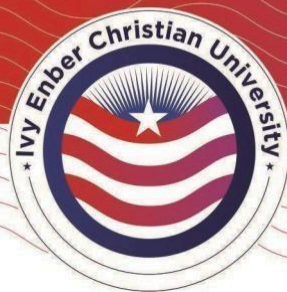


Tabela 8 - Trabalho encontrado fora do termo “a arteterapia e o lúdico em sala de aula”; ou seja, “arteterapia”.

Autor	FIGUEIREDO, Rogéria Rodrigues.
Ano da publicação	2011
Tema	“A criação e o espaço do brincar em arteterapia”.
Tipo de texto	Mestrado
Objetivo da obra	“Investigar e problematizar os efeitos subjetivos do brincar criativo e do trabalho criativo em arteterapia, a partir de uma leitura psicanalítica”.
Abordagem utilizada	Estudo de caso clínico, descritivo e exploratório, com enfoque qualitativo, da oficina de arteterapia com um grupo de mulheres, realizada de dezembro de 2007 a novembro de 2008.

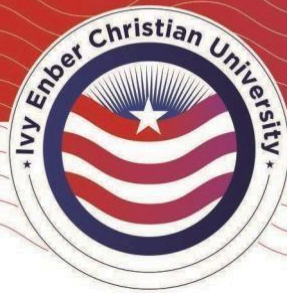
Fonte: Do autor (2023).

Apesar de o tema trabalhado pela autora aparentemente conter no chamamento de seu título a ligação das ânsias de buscas deste pesquisador que escreve, a realidade em seu teor não se dirige às salas de aula e a crianças e adolescentes, mas a mulheres adultas, numa oficina lúdica e arteterapêutica que busca resgatar e proporcionar vivências subjetivas num grau de riqueza, beleza e novas possibilidades existenciais.

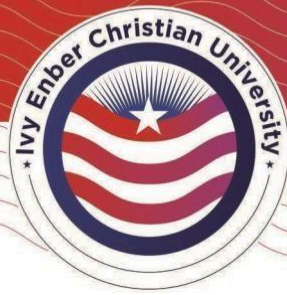
Nas conclusões a autora elucidou que:

Os materiais artísticos, que em arteterapia fazem a ponte entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo, amplificam a capacidade do sujeito transcender conflitos íntimos e realidades adversas em sua vida. Mediante o exposto, a investigação clínica deixou, pois, entrever aspectos relevantes, em que a arteterapia em grupo possibilitou, no caso das mulheres que participaram da oficina, a superação da submissão, em prol de novas formas de fazer, pensar, escolher e projetar a própria vida. Eis o toque terapêutico da arte (FIGUEIREDO, 2011, p. 156).

O toque terapêutico da arte, portanto, seria o uso da arte como uma forma de terapia para promover o bem-estar emocional, mental e físico, reconhecendo o poder da expressão artística e criativa na cura e no autocuidado. É importante destacar que o toque terapêutico da arte não é apenas sobre a criação de uma obra de arte final, mas sim sobre o processo de expressão e a exploração das emoções e



pensamentos que surgem durante essa jornada criativa.



Prosseguindo no levantamento de informações, as amostras inexistentes no portal Capes sobre “a arteterapia e o lúdico em sala de aula” levantaram dúvidas sobre a existência de publicações atreladas a esse tema. Sendo assim, foi lançado o mesmo descritor no Portal Scielo, com retorno inexistente na base de dados de documentos relacionados. (Fig. 12).

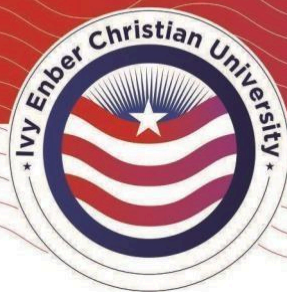
Figura 12 - Print de tela de dados não encontrados na base da Scielo sob o valor “a arteterapia e o lúdico em sala de aula”.



Fonte: Do autor (2023). Print de tela.

Na sequência das buscas, foi feito uso do termo “arteterapia”, cujo os resultados na base Scielo, retornaram com títulos em inglês e português e relacionados à área da saúde ou qualidade de vida para pessoas idosas. Após foram lançados, o termo “arteterapia e inclusão” na mesma base de dados. Durante as buscas, a filtragem estava ativada para “todos os índices” e “relevância”, contudo, o retorno apresentou “0” resultados.

Na tentativa de obter resultados efetivos, abreviou-se o termo para “arte e lúdico”. O texto que mais se aproximou do pretendido intitulava-se “Conteúdos



lúdicos, expressivos e artísticos na educação formal”. Na leitura do resumo obtiveram-se os resultados apresentados na tabela 9.

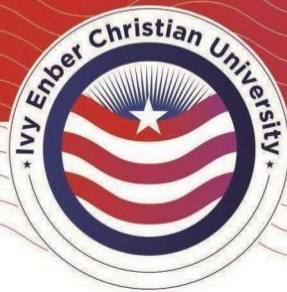
Tabela 9 - Trabalho encontrado na Scielo a partir de modificações nos termos de busca “arte e lúdico”

Autor	MOREIRA, Jaqueline C. Castilho; SCHWARTZ, Gisele Maria
Ano da publicação	2009
Tema	“Conteúdos lúdicos, expressivos e artísticos na educação formal”.
Tipo de texto	Artigo de revista.
Objetivo da obra	“Investigar se essas variáveis (arte e ludicidade) estão disponíveis dentro dos conteúdos disseminados pelos professores e se possuem um espaço destinado ou não dentro da educação formal”.
Abordagem utilizada	“Estudo exploratório com trinta professores voluntários, de ambos os sexos, pesquisados in loco, com consentimento livre e esclarecido, das disciplinas de Educação Física e Artística, utilizando como instrumento, para a coleta de dados, um questionário com perguntas mistas”.

Fonte: Do autor (2023).

Nos dados desse estudo – Moreira e Schwartz (2009), mostraram a presença do lúdico e da arte nas disciplinas de Educação Física e Artística mediando os processos de aprendizagem. Mostrou também, que os professores faziam uso amplo das atividades lúdicas com fruição de expressões artísticas, mas nem sempre de forma consciente e contextualizada, e que estes espaços ainda não estavam consolidados.

O uso de atividades lúdicas é uma abordagem pedagógica que envolve, dentre inúmeros aspectos, a arte e outras formas de expressão criativa como parte do processo de aprendizagem. O uso de atividades lúdicas torna a aprendizagem mais envolvente e interessante para os alunos. Elas proporcionam um ambiente descontraído e estimulante, incentivando a participação ativa e motivando os alunos a aprender de forma mais eficaz. Muitos educadores reconhecem os benefícios das atividades lúdicas e as incorporam em suas práticas pedagógicas, adaptando-as para atender as necessidades e objetivos de aprendizagem de seus alunos.



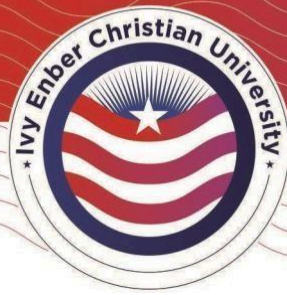
Voltando ao Portal da Capes, foi dada sequência ao último termo “ludicidade e inclusão”. Nesse sentido, quando se trata de arteterapia e inclusão, a arteterapia pode desempenhar um papel importante na promoção da inclusão de alunos com deficiências físicas ou cognitivas, transtornos do espectro autista, distúrbios de aprendizagem, deficiência intelectual, dentre outros. (Tabela 10).

Tabela 10 - Trabalhos encontrados na plataforma Capes “página 1” uso do descritor “ludicidade e inclusão”

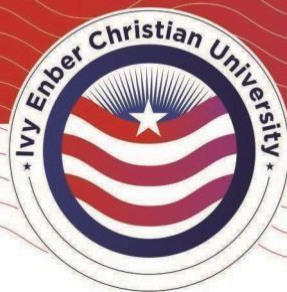
Trabalhos encontrados e ano das obras	<p>RAMOS, Ingrid de Souza Cayres. O uso da tecnologia assistiva na educação física escolar numa perspectiva lúdica: desafios e possibilidades. 2015.</p> <p>BARROS, Dayse do Prado. Ludicidade como estratégia de inclusão social de estudantes surdos no contexto de uma escola pública. 2017.</p> <p>PARANHOS, Walkyria Felix de Braganca. Os benefícios da ludicidade no processo de inclusão de pessoas com síndrome de down: atividades e aprendizagem. 2015.</p> <p>CRUZ, Mirian Bastos de Oliveira da. A ciranda dos jogos e brincadeiras nas falas das crianças ribeirinhas. 2018.</p> <p>MEDEIROS, Wanderleia Azevedo. Miritibrincando, miritizando: ludicidade, educação e inclusão. 2006.</p> <p>SOUZA, Mariana da Cunha Teixeira de. O bilinguismo (libras – português) na terra infância: produção de uma série de livros infantis interativos para aproximação de pais ouvintes e filhos surdos. 2015.</p> <p>SANTOS, Giselle Mendes dos. Desenvolvimento do jogo alfabraille e a importância da ludicidade no processo de alfabetização inclusiva. 2018.</p> <p>SANTOS, Ana Cecilia da Rocha. Diversidade da escola integral: oficinas inclusivas como estratégia formativa. 2018.</p> <p>CORDEIRO, Elaine de Fatima Cardoso. Dislexia em foco: teoria, prática docente e ludicidade. 2018.</p> <p>SODRÉ, Cristiane Zago; COELHO, Cristina Lúcia Maia. Raciocínio Lógico, Avaliação Interativa e Ludicidade no Contexto da Inclusão. 2017.</p> <p>GATTI, Giovane Ines Saggin. O ensino de matemática por meio de jogos para crianças do ensino fundamental no município de Saldanha Marinho – RS. 2018.</p>
--	---

Fonte: Do autor (2023).

Sodré (2017), objetivou em seu trabalho de mestrado analisar o impacto das



intervenções psicopedagógicas por material concreto - como a Caixa Lógico-



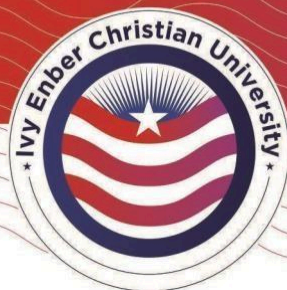
Simbólica, o raciocínio lógico de alunos com deficiência intelectual no contexto da inclusão. A autora tomou por base o conceito de zona de desenvolvimento proximal e teoria da aprendizagem mediada. Foi feito uso da avaliação interativa e método longitudinal.

Prosseguindo nas intervenções, método e diagnósticos, a autora (Sodré, 2017) informou que um protocolo com atividades avaliou o raciocínio lógico em situações de pré e pós-intervenções com o material da Caixa Lógico-Simbólica. O pré-teste revelou a predominância dos alunos no nível pré-operatório. O pós-teste demonstrou avanço nas habilidades lógicas nos testes da conservação, lógica de classes, sequências lógicas, interseção de classes, entre outras. Os resultados do estudo mostraram que as intervenções psicopedagógicas com base na avaliação interativa por meio do lúdico no raciocínio lógico de alunos com deficiência intelectual foram eficazes.

Entende-se nesse contexto, que as intervenções psicopedagógicas com base na avaliação interativa por meio do lúdico têm se mostrado particularmente relevantes no contexto de crianças com deficiência intelectual. O uso de atividades lúdicas adaptadas permite que essas crianças vivenciem experiências significativas de aprendizagem e desenvolvam suas habilidades cognitivas de acordo com suas capacidades individuais (Sodré, 2017).

O lúdico ofereceria um ambiente inclusivo e motivador, onde as crianças com deficiência intelectual podem explorar o raciocínio lógico de maneira acessível, estimulante e prazerosa. As intervenções psicopedagógicas nesse contexto visam fornecer suporte personalizado, promovendo o progresso no raciocínio lógico e facilitando a inclusão dessas crianças em atividades educacionais e sociais (Sodré, 2017).

Ao integrar estratégias de avaliação interativa com atividades lúdicas, as intervenções psicopedagógicas podem identificar as necessidades individuais dos alunos de forma mais precisa. Além disso, o lúdico promove a interação social, o trabalho em equipe e a resolução de problemas, aspectos fundamentais no desenvolvimento do raciocínio lógico. Essa abordagem baseada no lúdico permite a adaptação das atividades de acordo com o nível de desenvolvimento de cada



criança, fornecendo suporte e estimulação adequados para seu progresso no raciocínio lógico (Sodré, 2017).

Dando seguimento à adoção de valores sobre “ludicidade e inclusão”, na página “2 e 3” da plataforma Capes foram encontrados 08 (oito) trabalhos. (Tabela 11).

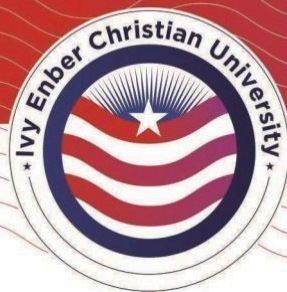
Tabela 11 - Trabalhos encontrados na página 2 e 3 da busca Capes.

Trabalhos encontrados Página “2”	BONFIM, Patricia Vieira. A criança de seis anos no ensino fundamental: uni-duni-tê... Corporeidade e ludicidade mais que uma rima, um por que. 2010. ORTO, Gilvania Ferreira. A formação de professores e a aprendizagem com significado: propostas lúdicas no ensino de matemática no primeiro ano do Ensino Fundamental. 2018.
Trabalhos encontrados Página “3”	SANTOS, Marceli D’Andrea. A linguagem lúdica no registro avaliativo do educador de infância. 2008. SANTOS, Margareth dos Anjos. A Construção da Identidade da Criança Negra pela Ludicidade do Jongo. 2018. KOHL, Henrique Gerson. Gingado na prática pedagógica escolar: expressões lúdicas no quefazer da educação física. 2007. PEREIRA, Valeria Sales dos Santos Prado. Se o corpo fala?! O que os corpos de crianças e jovens com TEA – Transtorno do Espectro Autista - podem dizer ao romperem as barreiras de suas dificuldades sensoriais? 2017. NHARY, Tania Marta Costa. A cultura lúdica na escola e o corpo imaginal. 2011. MELLO, Mariana de Barros Baptista. Autopercepção e intervenção: um olhar sobre os jovens adolescentes com altas habilidades ou superdotação. 2016.

Fonte: Do autor (2023).

Perante o exposto, nota-se que a página “3” da busca apresentou um número maior de publicações. Apesar de o título das obras não conter enunciados diretos sobre “lúdico e inclusão”, no íntimo, os trabalhos vislumbram a perspectiva da inclusão educacional e social dos alunos.

Nesse contexto, a análise corrobora com o referencial teórico quando enxerga no lúdico e na inclusão elementos intrinsecamente interligados promotores de um ambiente acolhedor e igualitário para todos. O lúdico se refere à abordagem lúdica e



criativa no processo de aprendizagem, que envolve jogos, brincadeiras e atividades interativas. Ao incorporar essas práticas, busca-se estimular a participação ativa, a expressão individual e a construção coletiva do conhecimento.

Além disso, o lúdico é um poderoso instrumento para a inclusão, permitindo que pessoas com diferentes habilidades, origens e características possam se engajar em experiências compartilhadas, promovendo a valorização da diversidade e a quebra de barreiras sociais. Assim, ao adotar abordagens lúdicas inclusivas, construímos espaços educacionais e sociais mais acessíveis, igualitários e enriquecedores para todos os indivíduos.

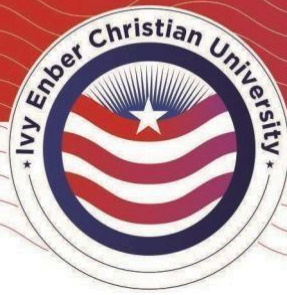
Levando em conta as três palavras-chave e as duas plataformas para levantamento das publicações, foi feito um percentual comparativo entre os achados da plataforma Capes com relação aos da Scielo. (Tabela 12).

Tabela 12 - Comparativos entre as bases Capes e Scielo baseando-se nos termos pesquisados

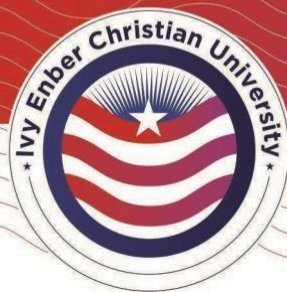
Descritores	Capes	Scielo	Similaridades Pg. 1	Similaridades Pg. 2	Similaridades Pg. 3
“Arteterapia”	Sim	Sim	0%	0%	0%
“A arteterapia e ludicidade em sala de aula”	Sim	Não	0%	0%	0%
“Ludicidade e inclusão”	Sim	Não	0%	0%	0%

Fonte: Do autor (2023).

Perante os três descritores, a plataforma da Capes se mostrou mais completa, atendendo, mesmo que em poucos enunciados, a todos os valores adicionados. A plataforma da Scielo não atendeu às buscas e nos comparativos de similaridades com a Capes se mostrou em 0%. Durante o refinamento das pesquisas na base de dados do portal Capes, foram encontradas 53 dissertações de mestrado e 14 teses de doutorados entre os anos de 2009 a 2020, trabalhos estes que tratavam sobre inúmeras questões, mas todas ligadas à arteterapia com títulos como “a percepção da mulher mastectomizada”; “a arteterapia no cuidado à saúde



integral”; “entre mulheres: por outras possibilidades de expressão e elaboração de



sofrimento”; trabalhos sobre a arteterapia voltada para o trabalho com a saúde de idosos e dentre tantos outros voltados à saúde humana mental e física, inclusive conteúdos voltados à espiritualidade.

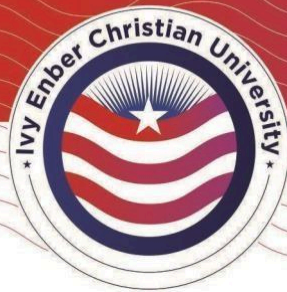
Houve, portanto, um grande número de trabalhos excluídos e uma pequena margem de inclusão e no caso da Scielo, viu-se que uma palavra-chave mais específica, retornou com melhores resultados para a pesquisa com as modificações estabelecidas na busca para “arte e lúdico” na tabela 9.

Assim, este capítulo apresentou a análise dos dados obtidos através da pesquisa no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e na *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) sobre o tema da arteterapia e seus desdobramentos lúdicos e inclusivos na perspectiva da sala de aula.

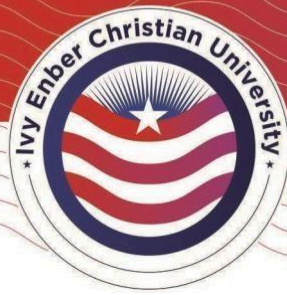
Foram encontrados diferentes estudos que demonstram os benefícios da arteterapia em diversos contextos, como na promoção da inteligência emocional e autorregulação das emoções das pessoas, na melhora do desempenho escolar, na absorção do tema gerador pelos alunos, na compreensão mais elaborada em disciplinas como Língua Portuguesa, Sociologia, Filosofia e História, na melhora do bem-estar emocional dos alunos, na facilitação da interdisciplinaridade e na promoção do desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças e jovens.

Alguns estudos também abordaram a relação da arteterapia com outras áreas, como a saúde mental e física, cuidados oncológicos, atenção psicossocial, qualidade de vida de idosos, luto e ações socioculturais em cerâmica nas comunidades.

No entanto, ao adicionar o descritor "arteterapia e o lúdico em sala de aula", os resultados foram escassos e não diretamente relacionados à arteterapia. O mesmo ocorreu ao pesquisar esse tema no Portal Scielo. Em uma tentativa de ampliar os resultados, foi utilizado o termo "arte e lúdico", o qual trouxe como resultado um estudo que aborda a presença do lúdico e da arte nas disciplinas de Educação Física e Artística, mediando os processos de aprendizagem. Esse estudo mostrou que os professores faziam uso das atividades lúdicas e expressões artísticas, mas nem sempre de forma consciente e contextualizada.



Por fim, ao pesquisar sobre “arteterapia e inclusão”, foi constatado que a arteterapia pode desempenhar um papel importante na promoção da inclusão de alunos com deficiências físicas ou cognitivas, transtornos do espectro autista, distúrbios de aprendizagem, deficiência intelectual, dentre outros. Os estudos analisados destacam os benefícios da arteterapia em diferentes contextos, tanto no âmbito educacional quanto na área da saúde e da inclusão. A arteterapia é reconhecida, portanto, como uma ferramenta terapêutica que utiliza atividades artísticas para auxiliar na expressão emocional, no desenvolvimento criativo, na comunicação e no bem-estar geral dos indivíduos.



5. CONCLUSÕES

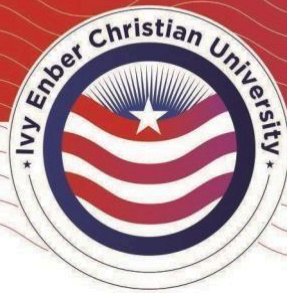
Perante todo o exposto teórico, analítico e de discussão, o trabalho mostrou, sem margens para ressalvas e dúvidas, o poder da arte e de sua faceta terapêutica para a vida humana.

Embora os dados coletados demonstrem a eficácia da arteterapia na formação dos alunos e na promoção do desenvolvimento humano, bem como no apoio à recuperação de indivíduos em termos de saúde mental e física, e na reconstrução de suas vidas, encontramos uma grande dificuldade em localizar trabalhos específicos sobre inclusão e ludicidade. Praticamente não houve resultados nessas áreas em nossas buscas. Todos os dados do levantamento bibliométrico foram obtidos principalmente através do termo “Arteterapia”.

No entanto, deixando de lado essa limitação e focando nas contribuições do tema para a prática educacional, este estudo revelou que é possível e crucial integrar a arteterapia na educação como uma maneira de romper com um ensino mecânico e inflexível. Isso permite que os alunos, em todas as fases da educação, participem de um processo de aprendizado envolvente e prazeroso. Ao mesmo tempo, os professores são incentivados a abandonar práticas obsoletas e aprimorar sua percepção, identificando as dificuldades e potenciais de seus alunos.

A arte tem desempenhado um papel significativo na história da humanidade, desde os primórdios até os dias atuais. Ela é uma forma de expressão criativa que transcende barreiras linguísticas e culturais, permitindo que as pessoas comuniquem ideias, emoções e experiências de maneiras únicas. Desde as antigas pinturas rupestres nas cavernas até as majestosas esculturas, arquitetura monumental, música, dança e outras formas de expressão artística, a arte tem sido uma forma fundamental de contar histórias, preservar a cultura e transmitir conhecimento.

Ao longo dos séculos, a arte tem sido usada como uma ferramenta poderosa para documentar eventos históricos, retratar a sociedade e suas crenças, expressar sentimentos pessoais e explorar questões filosóficas. Ela tem sido uma voz para a crítica social e política, promovendo mudanças e inspirando movimentos de

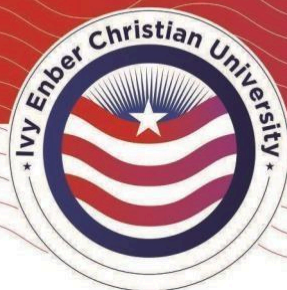


resistência. A arte também tem o poder de despertar a imaginação, estimular a criatividade e expandir os limites do pensamento humano. Ela desafia as normas estabelecidas, questiona a realidade e oferece novas perspectivas sobre o mundo ao nosso redor. Através da arte, as pessoas podem explorar ideias abstratas, experimentar diferentes pontos de vista e criar novas formas de pensar.

Além disso, a arte tem um impacto significativo no bem-estar emocional e mental das pessoas. Ela pode servir como uma forma de terapia, permitindo que os indivíduos expressem e processem emoções complexas, aliviam o estresse e encontram significado e propósito em suas vidas. No contexto educacional, a arte desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral dos alunos. Ela promove a aprendizagem criativa, estimula a imaginação, melhora a capacidade de solucionar problemas e fortalece habilidades de comunicação. Além disso, a arte na sala de aula ajuda os alunos a se expressarem de maneiras não verbais, permitindo que se comuniquem além das palavras.

O poder da arte está na sua capacidade de conectar pessoas, transmitir mensagens poderosas, inspirar, transformar e enriquecer nossas vidas de maneiras incontáveis. Ela é uma força vital que transcende fronteiras e desempenha um papel essencial na nossa compreensão e apreciação do mundo. A arteterapia seria a abordagem terapêutica que utiliza a expressão artística como forma de promover o bem-estar emocional, psicológico e físico dos indivíduos. Ela combina princípios da arte e da psicologia para auxiliar na exploração dos sentimentos, na autoexpressão e na resolução de problemas.

Os desdobramentos lúdicos e inclusivos na arteterapia referem-se ao uso de atividades artísticas como jogos, brincadeiras e técnicas lúdicas para promover a criatividade, a espontaneidade e a interação social. Esses desdobramentos visam criar um ambiente acolhedor e acessível, onde todas as pessoas, independentemente de suas habilidades, limitações ou características individuais, possam participar e se beneficiar do processo. Na abordagem inclusiva, a arteterapia busca valorizar a diversidade e respeitar as diferenças individuais. Ela pode ser adaptada para atender às necessidades de pessoas com deficiências

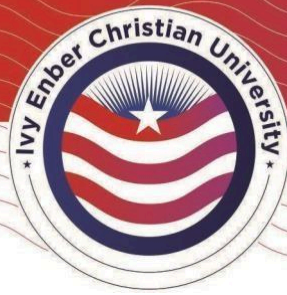


físicas, cognitivas, emocionais ou sociais, permitindo que todos tenham a oportunidade de se expressar e explorar suas emoções através da arte.

Os participantes são encorajados a se envolver em atividades artísticas, como pintura, desenho, escultura, colagem, escrita criativa, dança e música. O foco não está na habilidade artística em si, mas sim na exploração dos processos criativos e nas experiências emocionais e terapêuticas que surgem durante o processo. Assim, os benefícios da arteterapia e seus desdobramentos lúdicos e inclusivos são variados. Ela pode ajudar no desenvolvimento da autoestima, no autoconhecimento, na expressão de emoções, na melhoria da comunicação, no alívio do estresse e da ansiedade, na resolução de conflitos internos, na promoção da resiliência e na melhoria da qualidade de vida geral.

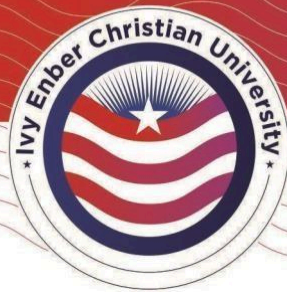
É importante ressaltar que a arteterapia deve ser conduzida por educadores especializados no processo terapêutico. Como a arteterapia oferece uma forma não verbal de comunicação, permite aos alunos expressarem seus pensamentos, sentimentos e experiências de maneira mais livre e criativa. Isso é especialmente importante para alunos que têm dificuldades com a expressão verbal ou que podem se sentir mais à vontade se comunicando por meio de desenhos, pinturas, esculturas, colagens e outras formas de arte. Além disso, ajuda os alunos a desenvolverem habilidades de resolução de problemas, pensamento crítico e flexibilidade cognitiva. Ao engajarem-se em atividades artísticas, os estudantes são encorajados a experimentar novas ideias, explorar diferentes perspectivas e encontrar soluções inovadoras para os desafios que enfrentam.

Ainda, ao utilizar a arteterapia como ferramenta lúdica em sala de aula, os educadores podem criar atividades artísticas que abordam temas relevantes para o currículo escolar, como história, ciências, literatura e matemática. Isso permite que os alunos se envolvam de forma mais significativa com os conteúdos acadêmicos, tornando o aprendizado mais divertido e memorável. A arteterapia em sala de aula pode promover a integração social, a empatia e o respeito mútuo. Ao trabalhar em projetos artísticos colaborativos, os alunos aprendem a compartilhar ideias, ouvir os outros, trabalhar em equipe e valorizar a diversidade de perspectivas. Isso contribui



para a construção de um ambiente escolar inclusivo e estimula o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

No entanto, é importante ressaltar que, embora a arteterapia possa ser utilizada como uma ferramenta valiosa em sala de aula, ela não substitui a necessidade de um profissional qualificado em arteterapia ou psicologia para lidar com questões mais complexas de saúde mental dos alunos. É fundamental que os educadores trabalhem em parceria com especialistas nessas áreas para garantir a segurança e o bem-estar de todos os estudantes.



REFERÊNCIAS

ALBERT, Rachel. **Being Both: An Integrated Model of Art Therapy and Alternative Art Education.** Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association, 27(2) pp. 90-95 © AATA, Inc. 2010.

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. Arteterapia no mundo e no Brasil. In: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. Arteterapia - **Relembrar é preciso... Criar é continente.** Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia. - São Paulo, 2009. 55p.

AMERICAN ARTTHERAPY ASSOCIATION. **About art therapy.** 2022. Disponível em: <https://arttherapy.org/about-art-therapy/> Acesso em: 25 dez. 2022.

ANDRADE, Liomar Quinto. **Terapias expressivas.** São Paulo: Vetor, 2000.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil.** 3 Ed. – revisada e ampliada – São Paulo: Moderna, 2006.

ARCURI, I. G. (org.). **Arteterapia: um novo campo do conhecimento** São Paulo: Vector, 2006.

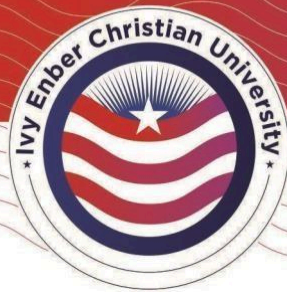
ARTE NO BRASIL. **Aspectos históricos e metodológicos.** Rede São Paulo de Formação docente. São Paulo, 2011. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf Acesso em: 15 set. 2022.

BACARIN, Lígia Maria Bueno Pereira; NOMA, Amélia Kimiko. **História do movimento de arte-educação no Brasil.** ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras.** Tradução: Sofia Fan. **Artigos Assinados.** Estud. av. 3 (7). Dez.1989.

BARBOSA, Ana Mae. **Da interdisciplinaridade à interterritorialidade: caminhos ainda incertos.** Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec Belo Horizonte, Ano 7, n. 9, p. 11-29, jul./dez. 2010.

BATISTA, Milene Vargas da Silva; FERNANDES, Raquel Pontes Pessanha. **O uso do lúdico e da arteterapia no processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa e no desenvolvimento das habilidades de leitura e produção textual.** Cadernos do CNLF, Vol. XIX, N° 03. XIX Congresso Nacional de Linguística e Filologia Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015.



BRAGA, Lucelma Silva. **A história da luta em defesa da educação pública no Brasil:** questões para pesquisa. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 65, p.344-358, out., 2015 – ISSN: 1676-2584.

BRASIL. **Lei nº 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 29 ago. 2022.

BRASIL. **Lei nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, 11 de agosto de 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 29 ago. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: 29 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 13 dez. 2022.

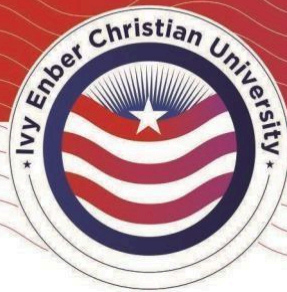
BERNARDINO, Karen Ferri. Raízes da Arteterapia. In: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. **Arteterapia - Relembrar é preciso... Criar é continente.** Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia. - São Paulo, 2009. 55p.

BORDIN, Vanessa et al. **Arteterapia em Saúde Mental.** 6º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais e 2º Seminário de Direitos Humanos. 2014. Toledo. Arteterapia em Saúde Mental.

CARVALHO, Andressa Xavier Zinato. **Articulação entre a Abordagem Triangular e a Teoria dos Campos Conceituais:** propondo diálogos entre a didática e a psicologia cognitiva. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Representacao-grafica-das-dimensoes-da-Abordagem-Triangular-de-Barbosa_fig1_321221763 Acesso em: 11 mai. 2023.

CARRANO, Eveline. **Arteterapia em 6 minutos.** Tudo que você precisa saber! 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pfm-fd7zVy8> Acesso em: 12 Out. 2022.

CASTRO, Carine Jardim de. **Promoção da inteligência emocional e regulação das emoções de estudantes da educação básica:** um desafio dos tempos atuais. Bagé, 2020. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/5406> Acesso em: 25 mai. 2023.



COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos; FREITAS, Marta Maria Costa. **Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental**. Acta Paul Enferm, vol. 23, n. 6, p. 859-862. 2010.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o Conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 2º ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1999.

FERREIRA, J. R.; GLAT, R. Reformas educacionais pós-LDB: a inclusão do aluno com necessidades especiais no contexto da municipalização. In: SOUZA, Donaldo Bello de.; FARIA, Lia Ciomar Macedo de. (Org.). **Descentralização, municipalização e financiamento da Educação no Brasil pós-LDB**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 372- 390.

FERREIRA, Luciana Haddad; BONOMI, Millena Cristina. **Arteterapia**: a mudança do olhar em educação. Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 2, n. 1, 2011.

FIGUEIREDO, Rogéria Rodrigues. **A criação e o espaço do brincar em arteterapia**. Mestrado em Psicologia Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, - Belo Horizonte Biblioteca, 2011. 172 p.

FLORIANI, Marlei Adriana Beyer. **Educação inclusiva**. UNIASSELVI, 2017. 202 p.: il.

FRANCISCO, L.S. **O papel da atividade lúdica no desenvolvimento infantil**: contribuições de Elkonin. Universidade Estadual de Maringá. Paraná/PR. 2011.

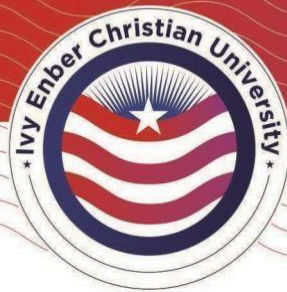
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOLDSCHMIDT, Lindomar. **Sonhar, pensar e criar**. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

GUMIERI, Francielly Aparecida; TREVISO, Vanessa Cristina. **A importância do lúdico para o desenvolvimento da criança**: o brincar como ferramenta de aprendizagem na Educação Infantil. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 3 (1): 66-80, 2016.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **Arteterapia o autismo e a arte**. A arteterapia gera benefícios cognitivos e sociais aos autistas! Disponível em: https://silo.tips/queue/arteterapia-o-autismo-e-a-arte?&queue_id=-1&v=1659381430&u=MTM4LjAuMjAzLjE5MA Acesso em: 01 ago. 2022.

KUHN, Thaline Thiesen; FLORES, Cláudia Regina. **O ensino de desenho para o trabalho industrial: o traçado de uma pesquisa histórica**. Anais do 3º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática.



LEAL, F. de L. **A importância do lúdico na Educação Infantil.** Universidade Federal do Piauí – UFPI. Picos: Piauí, 2011.

LIEBMANN, Marian. **Exercícios da arte para grupos.** São Paulo: Summus, 1994.

LIMA, Lidinéia Rezende Santos; et al. **A importância da ludicidade na educação infantil:** utilizando jogos e brincadeiras. 2023. Disponível em: https://facunicamps.edu.br/cms/upload/repositorio_documentos/263_A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DA%20LUDICIDADE%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL%20UTILIZANDO%20JOGOS%20E%20BRINCADEIRAS.pdf. Acesso em: 05 Mar. 2023.

LINHARES, Inara. **Arteterapia no ensino da arte e o fortalecimento do estado emocional do educando.** Dissertação de mestrado. Itajaí (SC), 2022. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11828190 Acesso em: 25 mai. 2023.

MACHADO, Beatriz; MARÇAL, Eliane S.; BASTOS, Jaqueline Milani; BEGTSON, Sandra C.; OLIVEIRA, Valdir. **Arteterapia na educação: uma possibilidade? 2017?** Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_50_1504211729.pdf Acesso em: 08 mar. 2023.

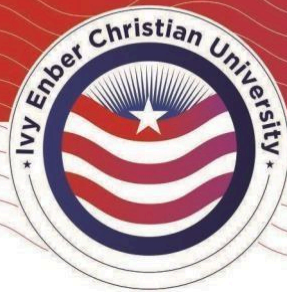
MACHADO, Regina Stela. “Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular.” *In:* BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais.** São Paulo: Cortez, 2010. ISBN 978-85-249-1664-9.

MELO, Eliene Costa de. **Arteterapia lúdica na Eja.** Brasília, 2012. Disponível em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/47058.pdf Acesso em: 08 mai. 2023.

MELO, José Carlos de. **A função do lúdico na transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental.** Humanidades e Inovação. Revista Humanidades e Inovação v.6, n.15 – 2019.

MENDES ANDRÉ, Carminda. !Babel na sala de aula! E agora, o que fazer? *In:* MATTAR, Sumaya; BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti (Orgs.). **O ensino da arte no contexto brasileiro atual:** formação, políticas públicas educacionais e atuação. São Paulo: ECA-USP, 2019. 174 p. ISBN 978-85-7205-245-0. DOI 10.11606/9788572052450.

MOREIRA, Jaqueline C. Castilho; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Conteúdos lúdicos, expressivos e artísticos na educação formal.** Educar, Curitiba, n. 33, p. 205-220, 2009. Editora UFPR.



MOTA, Bethânia Fricks Jordão Belonia. **A arteterapia como integração dos alunos com tdah no ensino fundamental.** São Mateus – ES, 2020. 92 f.: il. Disponível em: <https://repositorio.ivc.br/handle/123456789/699> Acesso em: 25 mai. 2023.

NORGREN, Maria de Betânia Paes. **Competência social e arteterapia em um programa de intervenção na escola.** Tese de Doutorado. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15841> Acesso em: 25 mai. 2023.

OLIVEIRA, Guilherme Henrique de. **A arteterapia como recurso facilitador na formação educacional de profissionais da saúde.** In: anais do 8º congresso brasileiro de ciências sociais e humanas em saúde, 2019, João Pessoa. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/80-cbcshs/trabalhos/a-arteterapia-como-recurso-facilitador-na-formacao-educacional-de-profissionais?lang=pt-br> Acesso em: 23 jan. 2024.

PNLD. Programa Nacional do Livro e do Material Didático. **BNCC e o ensino de arte.** 2020. Disponível em: <https://pnld2020.ftd.com.br/post/bncc-e-ensino-de-arte-parte-i> Acesso em: 29 Jan. 2024.

PORTAS, Gabriela; LE PAPE, Michéle; LEPER, Heleen. **Aplicações da arteterapia na Educação Especial.** Metafora art therapy. Disponível em: <https://www.metafora-art-therapy.org/applications-of-art-therapy-in-special-education/> Acesso em: 06 fev. 2023.

PORTAS, Carles Ramos i. **Aplicações da arteterapia com os deficientes.** Metafora art therapy. Disponível em: <https://www.metafora-art-therapy.org/applications-of-art-therapy-with-the-disabled/> Acesso em: 06 fev. 2023.

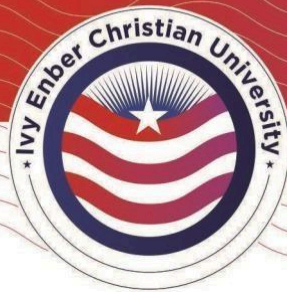
REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo.** Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 34, n. 1, p. 142- 157, mar. 2014.

ROGERS, Shannon. **Art Therapy and Ar y and Art Education: A Conversation - A Critical Review of the Literature.** 2019.

SANTOS, Vânia O. **Arteterapia na Educação.** Rio de Janeiro. 2003. (Especialização em Arteterapia na Saúde na Educação) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/monopdf/2/VANIA%20OLIVEIRA%20SANTOS.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos. História da arte. 16ª edição, 8ª imp. Editora Ática, 2005.

SANTOS, Elza C. **Dimensão lúdica e arquitetura: o exemplo de uma escola de educação infantil na cidade de Uberlândia,** 2011. 363 f. Tese (Doutorado em



Ciências da Informação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SARMENTO, Manuel J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. 2002. Disponível em: <http://peadrecuperacao.pbworks.com/w/file/fetch/104617678/Texto%20Aula%2011%20-%20Sarmiento.pdf>. Acesso em: 04 Mar. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção Memória da educação).

SCHMANDT-BESSERAT, Denise. **A evolução da escrita**. 1996. In: James Wright, ed., enciclopédia internacional de ciências sociais e comportamentais, Elsevier, 2014. Disponível em: https://sites-utexas-edu.translate.google.com/dsb/tokens/the-evolution-of-writing/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc Acesso em: 20 ago. 2022.

SEIDEL, Marisa Frohlich. **Arte contemporânea aliada a arteterapia**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 08, Vol. 12, pp. 31-42. Agosto de 2020. ISSN: 2448-0959.

SEI, Maíra Bonafé. **A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização**. Texto do III Fórum Paulista de Arteterapia. São Paulo. 1ª edição. 2010.

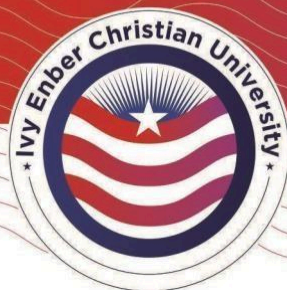
SILVA, Gabriele. **Arteterapeuta: entenda como o profissional atua**. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/carreira/arteterapeuta-entenda-como-o-profissional-atua> Acesso em: 12 Abr. 2022.

SILVA, Elisângela de Oliveira; BOGEA, Diego Ted Rodrigues. **O desenho como prática pedagógica nos anos iniciais no ensino fundamental**. 2022. Disponível em: https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/3393/7/art_Elisangela%20de%20Oliveira%20Silva.pdf Acesso em: 29 Jan. 2024.

SILVEIRA, Nise. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 2001.

SOARES, Patrícia Bourguignon; et al. **Análise bibliométrica da produção científica brasileira sobre Tecnologia de Construção e Edificações na base de dados Web of Science**. Artigos - Ambient. Constr. 16 (1). Jan-Mar, 2016.

SODRÉ, Cristiane Zago. **Raciocínio lógico, avaliação interativa e ludicidade no contexto da inclusão**. Dissertação de Mestrado. Niterói, 2017. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7052457 Acesso em: 24 mai. 2023.



SOUZA, Cássia de Fátima da Silva; CARVALHO, Néclea Dantas de. **Arteterapia e inclusão da pessoa com deficiência intelectual: tecendo relações.** VII Colóquio Internacional. São Cristóvão/SE – Educação e Contemporaneidade, 2013.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. **A Psicologia da Arte e a Promoção do Desenvolvimento e Aprendizagem.** São Paulo: Martins Fontes. 2016.

SOUZA, Otilia Rosângela da Silva de. Histórico no Mundo e no Brasil. In: Amart – Associação Mineira de Arteterapia. 2021. Disponível em: <https://www.amart.com.br/historico> Acesso em: 11 Jan. 2023.

SOUZA, Marcia de Freitas e.; SILVA, Aylana Paula dos Santos; RAPOSO, Patrícia Lorena. **O ensino da arte no contexto brasileiro atual: formação, políticas públicas educacionais e atuação.** Revista Linguagens nas Artes. 1. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2019. v. 1. 174p.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 288 p.

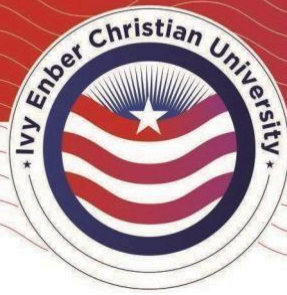
TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeira e brinquedoteca: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento/** Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira - 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

TREVISAN, Rita. **Saiba o que mudou no ensino de arte e conheça as unidades temáticas.** Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/132/saiba-o-que-mudou-no-ensino-de-arte-e-conheca-as-unidades-tematicas> Acesso em: 14 dez. 2022.

VIEIRA, Camila de Carvalho. **Contribuições da arte e do professor arteterapeuta para a educação inclusiva.** Revista Educação, artes e inclusão, v.13, nº 2, mai./ago., 2017.

VIEIRA, Gabriela Cristina; MONTEIRO, Luiz Felipe da Silva; OLIVEIRA, Dedilene Alves de Jesus. **Arteterapia como uma importante ferramenta para o processo ensino-aprendizagem e formação da personalidade na educação infantil.** Conedu, 2022. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_COMPLETO_E_V174_MD1_ID12453_TB2891_05122022115457.pdf Acesso em: 14 Jan. 2024.

VISO, Cristina Garcia Palhares. **Subjetividade na escola: uma narrativa incorporada sobre os atravessamentos entre arte, educação e arteterapia.** [recurso eletrônico]. Tese de Doutorado. Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35575/4/SubjetividadeEscolaNarrativa.pdf> Acesso em: 25 mai. 2023.



VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas:** fundamentos de defectología. BEIN E. S. et al. (Comp.). Madrid: Visor, 1997. v. 5.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEBER, Maria Luiza Ternes. **A Importância da Arte na Educação Especial.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 2, Vol. 13. pp 261-267., janeiro de 2017. ISSN: 2448-0959.